ISSN 1676-157X

associação fóruns do campo lacaniano

stylus



revista de psicanálise
n.12 abr. 2006

de que escolhas e impasses padece o sujeito?

associação fóruns do campo lacaniano

stylus

revista de psicanálise

Stylus	Rio de Janeiro	n.12	p.1-184	abr. 2006

© 2006, Associação Fóruns do Campo Lacaniano (AFCL)
Todos os direitos reservados, nenhuma parte desta revista poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados, sem permissão por escrito.

Stylus
Revista de Psicanálise
é uma publicação semestral da Associação Fóruns do Campo Lacaniano
Rua Humberto de Campos, 144 – Centro Médico do Vale sala 901
40.150-130 – Graça – Salvador – BA – Brasil
Tel.: [71] 3245-5681 Fax [71] 3247-4585
http://www.campolacaniano.com.br

Comissão de Gestão da AFCL
Diretor: *Ida Freitas*
Secretário: *José Antonio Pereira da Silva*
Tesoureira: *Amélia Almeida*

Equipe de Publicação de Stylus
Ângela Diniz Costa
Christian Ingo Lenz Dunker
Daniela Scheinkman-Chatelard
Eliane Z. Schermann (coordenadora)
Sonia Maria Coni Campos Magalhães

Assessoria de Edição
Clarice Gatto

Indexação
INDEX Psi Periódicos (BVS-Psi)
www.bvs.psi.org.br

Projeto Gráfico
Paulo de Andrade e Sérgio Antônio Silva

Revisão e Editoração Eletrônica
Contra Capa

Imagem da Capa
Enfeite indígena brasileiro, de pena de arara

Fotolitos e Impressão
Gráfica Edil

Conselho Editorial
Ana Laura Prates (EPFCL)
Andréa Fernandes (EPFCL/UFBA)
Ângela Diniz Costa (EPFCL)
Ângela Mucida (EPFCL/Newton Paiva)
Angélia Teixeira (EPFCL/UFBA)
Bernard Nominé (EPFCL-França)
Clarice Gatto (EPFCL/Fiocruz)
Christian Ingo Lenz Dunker (EPFCL/USP)
Daniela Scheinkman-Chatelard (EPFCL/UnB)
Edson Saggese (IPUB/UFRJ)
Eliane Z. Schermann (EPFCL)
Elisabete Thamer (Doutoranda da Sorbonne – Paris)
Eugênia Correia Krutzen (Psicanalista/Natal – RN)
Gabriel Lombardi (EPFCL/U. Buenos Aires)
Graça Pamplona (EPFCL)
Helena Bicalho (EPFCL/USP)
Henry Krutzen (Psicanalista/Natal – RN)
Kátia Botelho (EPFCL/PUC-Minas)
Luiz Andrade (AFCL/UFPB)
Marie-Jean Sauret (U. Toulouse le Mirail)
Nina Araújo Leite (UNICAMP)
Raul Albino Pacheco Filho (PUC-SP)
Sônia Alberti (EPFCL)
Vera Pollo (EPFCL)

Tiragem
500 exemplares

FICHA CATALOGRÁFICA

STYLUS : revista de psicanálise, n. 12, abril de 2006.
Rio de Janeiro: Associação Fóruns do Campo Lacaniano.
17 x 24 cm.

Resumos em português e em inglês em todos os artigos.
Periodicidade semestral.
ISSN 1676-157X

1. Psicanálise. 2. Psicanalistas – Formação. 3. Psiquiatria social. 4. Psicanálise lacaniana. Psicanálise e arte. Psicanálise e literatura. Psicanálise e política.

CDD : 50.195

sumário

7 *Editorial*: Eliane Z. Schermann

ensaios

13 Carmen Gallano: *Um sujeito-Outro: há uma subversão psicanalítica do sujeito sem o Outro do capitalismo?*

32 Jean-Jacques Gorog: *A escolha do sujeito no tratamento psicanalítico*

43 Ana Laura Prates: *A insondável decisão do ser e o tempo*

51 Eliane Z. Schermann: *A escolha do sujeito ou o escolho em que o desejo "es-barra"*

trabalho crítico com os conceitos

65 Beatriz Elena Maya Restrepo: *Entre o saber e o ser, o 'saber fazer' como escolha*

73 Ricardo Rojas: *A escolha do final*

81 Michele Roman Faria: *Constituição do sujeito e complexo de Édipo*

95 Andréa Brunetto: *A banalidade do mal e a escolha dos sujeitos*

direção do tratamento

105 Nádia Afonso de Souza Martins: *Escolha da neurose ou a insondável decisão do ser. Impasses na clínica do sujeito*

119 Bárbara Guatimosim e Zilda Machado: *A hombridade feminina*

125 Lenita Pacheco Lemos Duarte: *"Tesão arde? Gozo dói?" Uma questão feminina*

debate

145 *Em torno do passe da EPFCL*

resenhas

165 Elisabete Thamer: *Uma análise com Deus. O encontro de Lacan e Kierkegaard*, de Yves Depelsenaire

169 Vera Pollo: *A guarda dos filhos na família em litígio*, de Lenita Pacheco Lemos Duarte

172 Robson de Freitas Pereira: *Vicissitudes do objeto*, de Marcus do Rio Teixeira

contents

7 *Editorial*: Eliane Z. Schermann

ensaios

13 Carmen Gallano: *A Subject-Other: is there a psychoanalytical subversion of the Subject without the Other of capitalism?*

32 Jean-Jacques Gorog: *The subject's choice in psychoanalysis treatment*

43 Ana Laura Prates: *The unsound decision of being and time*

51 Eliane Z. Schermann: *The subjective choice or the obstruction of desire*

trabalho crítico com os conceitos

65 Beatriz Elena Maya Restrepo: *Between knowledge and being, the 'know how' choice*

73 Ricardo Rojas: *The election at the time of the end of the analysis*

81 Michele Roman Faria: *Subject's constitution and Oedipus complex*

95 Andréa Brunetto: *The banality of evil and the choice of the Subjects*

direção do tratamento

105 Nádia Afonso de Souza Martins: *Choosing neurosis or the unfathomable decision of being*

119 Bárbara Guatimosim e Zilda Machado: *The feminine's "hombridade"*

125 Lenita Pacheco Lemos Duarte: *"Lust burns? Pleasure hurts?" A feminine issue*

debate

145 *Around EPFCL pass*

resenhas

165 Elisabete Thamer: *Uma análise com Deus. O encontro de Lacan e Kierkegaard*, by Yves Depelsenaire
169 Vera Pollo: *A guarda dos filhos na família em litígio*, by Lenita Pacheco Lemos Duarte
172 Robson de Freitas Pereira: *Vicissitudes do objeto*, by Marcus do Rio Teixeira

editorial

FREUD CONSTRUIU UM SABER sobre a psicanálise a cada momento em que se deparou com os impasses encontrados em sua experiência clínica. Era a própria clínica que lhe demandava reformulações metapsicológicas. Um saber foi construído, portanto, em decorrência dos impasses que na experiência de análise lhe permitiram perceber o real em jogo, manifestando-se sob a forma de um incurável, sem utilidade nem fim. Ele, de um lado, notou que esse incurável estava a serviço de sua própria repetição; de outro, observou que implicava também o "motor" do desejo.

Assim, introduziu o termo "não-saber" – traduzido em português por "ignorância" – para destacar que a experiência do inconsciente não é um simples "não-saber". Trata-se de um não-saber relativo ao corpo do saber da ciência. No complexo capítulo "Em ti mais do que tu", do *Seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan discute a relação da psicanálise com a religião e com a ciência. Como conclui, "a análise provém do mesmo status que A Ciência" e "se insere na falta central onde o sujeito se experimenta como desejo"[1]. Questionamos, então: que saber será esse em jogo na experiência analítica que tem íntima relação com o que claudica?

[1] Lacan. *O Seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/1979, p. 251).

Ao considerar a experiência do inconsciente como a de um saber inscrito no campo do Outro, Carmen Gallano nos leva a questionar "de que saber se trata na experiência analítica"? Para tentar responder a essa questão, seu trabalho, apresentado no II Encontro da EPFCL, realizado em Salvador entre os dias 13 e 16 de novembro de 2003, cujo tema foi "O sujeito em questão na psicanálise", nos faz refletir sobre a subversão introduzida pela psicanálise no sujeito da ciência. Após distinguir subversão de revolução, Gallano indaga se seria possível uma "revolução psicanalítica que chegasse a perturbar o regime capitalista", para concluir: "aplicada ao sujeito, a revolução seria a insurreição da verdade no discurso do mestre".

Em 1910, Freud escreve o artigo intitulado *Psicanálise silvestre*.[2] Sob esse título bem irônico, questiona as intervenções efetuadas por um médico que quer dar conta da recém-descoberta experiência da psicanálise. Ao se apropriar de um saber dito psicanalítico sob uma forma dita "natural", ou seja, submetendo-o a uma apropriação sem método e dele fazendo uso de forma intempestiva, esse médico tenta desvendar a determina-

[2] Freud. Psicanálise silvestre (1910).

ção sexual dos sintomas de uma jovem viúva. Tal prática leiga e incauta serve de ponto de partida para Freud problematizar a relação de um sujeito com o saber que não se aprende nos livros, nem no ensino universitário. A intervenção "silvestre" caminha na contramão da causa analítica, uma vez que é a própria experiência da análise que ensina.

Assim também, o saber não-sabido, decantado da experiência, ensina a delicada técnica da interpretação e a maneira de lidar com os impasses que a clínica apresenta. Além disso, a psicanálise transforma um sujeito. Efeito do fluxo significante, ele se encontrará descentrado de sua representação; encontrar-se-á, como diz Carmen Gallano, em um lugar Outro.

De um outro ponto de vista, isso leva à constatação de que o saber está vinculado ao sexual definido por um "não há". Trata-se de um saber que nos mostra não haver complementaridade entre os sexos. Além disso, o que se diz está em defasagem com o que se quer. Como nos ensina Lacan, "não há relação sexual". Os impasses do sexual, todavia, indicam que há um enlace do saber com o que rateia. O que claudica, e que nomeamos de satisfação pulsional, com Freud, e gozo, com Lacan, bem pode estar em relação com o mal-estar.

O saber do analista, então, tangencia o real do gozo desconhecido que "anda mal". A experiência da psicanálise exige método e consiste em uma prática regulada no artifício da transferência que se atualiza em seu valor de verdade na presença de um analista, em uma dimensão temporal. É o que nos mostra o trabalho de Ana Laura Prates, *A insondável decisão do ser e o tempo.* Interrogar o inconsciente como saber implica um ato. Pode-se dizer "há psicanalista" quando uma experiência de análise foi sustentada na decifração e no ciframento de um desejo até o momento lógico em que pode, a partir do ato, advir como desejo de analista. É o ato que propicia a emergência de algo de novo no real.

O ato analítico transcende o fluxo associativo do desejo. Ao tangenciar o desejo do analista, o ato analítico permite ao analista estar à altura de sua função e dela autorizar-se. Após o ato, um sujeito, na posição de psicanalisante, não será mais o mesmo, como se pode concluir da leitura do texto de Jean-Jacques Gorog, *A escolha do sujeito no tratamento psicanalítico.*

Pode-se até dizer que o que rateia, claudica, porta a marca da modulação de uma espécie de rememoração atuada ou da repetição, em que o ato projeta o sujeito no futuro. Por isso, diz-se que o instante do ato se traduz em um futuro anterior. Do texto *A escolha do sujeito ou o escolho onde o desejo "es-barra"*, conclui-se que a verdade como meio-dizer pode irromper do encontro da

repetição com os escolhos em que vacila o saber inconsciente articulável em pensamento.

Alguns dos trabalhos aqui publicados resultaram do IV Encontro da EPFCL-Brasil e do II Encontro Latino-Americano da Escola dos Fóruns do Campo Lacaniano, realizado no Rio de Janeiro, sob o tema *As escolhas do sujeito, no sexo, na vida, na morte.* Na ocasião, foram discutidas as determinações simbólicas e as escolhas fortuitas e contingentes do sujeito, algumas possíveis respostas ao mal-estar na civilização, e a ética da escolha e sua dimensão trágica. Tivemos a oportunidade de desenvolver um trabalho crítico com os conceitos fundamentais da psicanálise, apreendido sobretudo em *Entre o saber e o ser, o 'saber fazer' como escolha,* de Beatriz Elena Maya Restrepo, e *A escolha do final,* de Ricardo Rojas.

O trabalho de Michele Roman Faria, *Constituição do sujeito e o complexo de Édipo,* faz um amplo percurso sobre o eixo fundamental da coluna vertebral da teoria psicanalítica: o Édipo em Lacan, lembrando-nos uma de suas frases clássicas: "sem o Édipo, a psicanálise seria um delírio". Andréa Brunetto tece uma profícua discussão sobre a "banalidade do mal", expressão de Hannah Arendt, pela qual nos leva a refletir sobre "a ausência de arrependimento no mal perpetrado ao outro". Ao enveredar no tema bem atual da banalização da violência, Andréa aborda o "destino", a "fatalidade", para se perguntar onde está a liberdade do sujeito.

Na seção *Direção do tratamento,* estão três trabalhos clínicos em que se verifica como os fatos de estrutura são determinantes e produzem seus efeitos contingentes na escolha entre os sexos e na subjetividade. Em *A hombridade feminina,* Bárbara Guatimosin e Zilda Machado discutem as determinações do desejo do Outro sobre a "escolha" do sexo de uma menina/mulher, com base no filme iugoslavo *Virgina,* desde o instante em que, na personagem, "começa a se insinuar assim a posição sexual do sujeito", até o momento em que, referindo-se a uma citação de Lacan de 1974, as autoras concluem que "o ser sexuado não se autoriza senão de si mesmo". Lenita Duarte, em *"Tesão arde? Gozo dói?": uma questão feminina,* mostra como "a pergunta sobre sexo é a que incomoda o sujeito pelo fato de ele ser um sujeito da linguagem. Isso significa que a sexualidade humana não tem nada de natural. Ela é determinada pelo significante". Por sua vez, Nádia Martins, em *Escolha da neurose ou a insondável decisão do ser,* extrai as conseqüências do instante da fantasia e da urgência do ato, ao trabalhar os determinantes dos processos de alienação e de separação que operam no sujeito, informando que "nenhum sujeito falante pode evitar a alienação, que é um destino ligado à fala e que condena o sujeito a uma divisão. Já a separação demanda que o sujeito 'queira' se separar da cadeia de significantes".

Neste número 12 de *Stylus*, optamos por transcrever a mesa de debate *Em torno do passe da EPFCL*, ocorrida em 13 de novembro de 2005 no Rio de Janeiro, por ocasião do Encontro Latino Americano da IF-EPFCL – Brasil. Sob a coordenação de Colette Soler, essa mesa contou com a participação do cartel do passe da EPFCL, representado por Ana Canedo, Dominique Fingermann, Jean-Jacques Gorog, Juan Guillermo Uribe, Sol Aparicio e Patrícia Muñoz (AE), que apresentou seu texto intitulado *Historizar-se de si mesmo.*

Elisabeth Thamer nos enviou gentilmente de Paris, onde mora atualmente, uma resenha sobre o livro *Uma análise com Deus. O encontro de Lacan e Kierkegaard*, de Yves Depelsenaire, recém-lançado e do qual recomenda a leitura. Temos ainda a resenha de Vera Pollo do livro *A guarda dos filhos na família em litígio*, de Lenita Duarte, também recém-publicado, e a de Robson de Freitas Pereira sobre o livro *Vicissitude do objeto*, de Marcus do Rio Teixeira, que apresenta "interrogações sobre a educação das crianças, da prevalência do consumo na atualidade, dos limites e alcance da prática psicanalítica sob a hegemonia do capitalismo, [em que] a posição ética do psicanalista é confrontada não somente com tais questões, mas também e, principalmente, com o debate das conseqüências do discurso científico".

Os textos aqui reunidos asseveram que a experiência de análise opera e avança do efeito à causa, uma vez que a causa resulta da perda induzida pelo próprio significante. Ela atravessa o sujeito e o divide, o que implica convocá-lo a exercer uma posição ativa em relação à sua perda, sendo o próprio desejo um limite que opera sobre a sua liberdade. Por isso, aludimos a um para-além dos limites definidos pelos textos, apostando que a leitura deles pode convocar o leitor a se transportar para um mais-além, a fim de que novas produções e escritos advenham como causa de construção de um saber que se renova.

ELIANE Z. SCHERMANN



referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. (1910). Psicanálise silvestre. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1972. Vol. XI.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979.

ensaios

Um sujeito-Outro: há uma subversão psicanalítica do sujeito sem o Outro do capitalismo?

Carmen Gallano

Quero discutir a questão do sujeito em psicanálise. Este título em espanhol se presta a um equívoco, que não existe em sua tradução para o português. Na tradução para o português, de acordo com o lugar em que situarmos a escansão, ou seja, dependendo do lugar em que pusermos a vírgula, teremos um exemplo de mudança da posição do sujeito e, conseqüentemente, uma mudança de sentido. A tese que desenvolverei aqui é a de que "não há o Outro do capitalismo para um sujeito". Assim, um sujeito sem Outro é a forma pela qual apresentarei o sujeito do capitalismo.

Se considerarmos que uma pergunta sempre implica uma tese, esta começa por uma resposta: um sujeito-Outro. O que isso quer dizer?

Em primeiro lugar, a tese de que o sujeito do capitalismo é um sujeito sem Outro não é minha. Devo-a a Lacan, que propôs, em sua conferência em Milão de 12 de maio de 1972, a escrita do discurso capitalista.

Discurso do Capitalista

$$\frac{\$}{S_1} \times \frac{S_2}{a}$$

Os lugares

O agente	O outro
A verdade	A produção

Para que estejamos familiarizados com os discursos a que me referirei nesta conferência, falta indicar os lugares: o do sujeito, o do outro, o da verdade e o da produção. De acordo com a ocupação desses lugares, Lacan situa quatro discursos não escritos. Cito dois deles: o discurso universitário e o discurso do mestre pervertido, ao qual não farei alusão, ainda que tenha vontade.

Em segundo lugar, devo a tese do sujeito do capitalismo como um sujeito sem o Outro também aos trabalhos de outros

colegas, especialmente aqueles publicados pelo esforço e a atenção de nossos colegas de Toulouse. Todos os trabalhos sobre o discurso capitalista se encontram na revista *Trefle*, de sua primeira e segunda épocas, até o fim, e, muito especialmente, no primeiro número da revista *L'En-Je Lacanien*. Foram esses trabalhos que me ajudaram a entender como o deslizamento do discurso do mestre depois da Revolução Industrial, no século XVIII, gerou o discurso capitalista.

Além disso, devo, em particular, ao que os sujeitos de hoje apresentam na clínica, já que a clínica de hoje não se encaixa no que sabemos sobre a clínica das neuroses, ou seja, é uma clínica que não se encaixa no que, até o fim do século XX, manifestou-se como a clínica freudiana das neuroses. Devo, portanto, aos pacientes que chegaram ao meu consultório e que, na clínica, ajudaram-me a entender certos impasses.

Isso pode ser explicado pelo fato de o impossível de suportar, ou seja, o real da clínica, nos termos de Lacan, tomar atualmente formas que esclarecem o impasse do sujeito do capitalismo. Trata-se de um sujeito desligado do Outro; um indivíduo afetado pelo insaciável da falta de gozar produzida pelo capitalismo. Reparem que destaquei a palavra "formas" para seguir do texto ao quadro-negro, e vice-versa, referindo-me aos lugares ocupados nos discursos. Hoje, quero enfatizar a falta de gozar. Como disse, destaquei formas, mas, na verdade, teria de dizer mais sobre essa clínica que se estende cada vez mais no mundo ocidental, e que, precisamente, não adquire facilmente "formas". Não toma facilmente, por exemplo, a forma do sintoma como envoltório formal significante.

Os sintomas neuróticos clássicos são portadores de formas características do sujeito cifrado pelo inconsciente, ou seja, apresentados pelo envoltório formal do sintoma, abordado, a meu ver, como um envoltório significante, e minha tese, a ser discutida, é esta: os sintomas dos sujeitos pressionados pelo discurso capitalista são portadores do "informe", do "registro sem-forma" do sujeito da pulsão, isto é, os extravios dos sujeitos movidos pelos informes da pulsão se referem a um $\$$ movido pelo objeto *a*: $a \longrightarrow \$$.

Os extravios do sujeito, especialmente presentes nas patologias ligadas à ânsia do consumidor e à sua contrapartida, a apatia do consumido, esclarecem o que se chamaria de "as más formações pulsionais" ou, ainda, contorções sem pé nem cabeça da pulsão, quando derivam em curto-circuito e excluem o inconsciente.

Há pouco, Jairo evocou Lévinas e o cansaço do ser de que ele fala. Os sujeitos de hoje, quanto menos fazem algo, mais padecem da "síndrome da fadiga crônica". Parecem estar

esgotados não do esforço do desejo, mas de não fazer nada ou, mais bem dito, do saldo neles deixado pela repetição monótona dos mesmos excessos de gozo. Estão cansados de ser apenas conforme a deriva de seus empuxos pulsionais.

~

No título desta conferência, há uma pergunta: pode a psicanálise subverter esse sujeito do capitalismo? Direi algo sobre o modo como me questiono. A meu ver, não podemos responder a essa pergunta sem Lacan. Assim, talvez possamos começar a abordá-la de acordo com os ensinamentos de Lacan.

O título também antecipa a resposta na pergunta: o discurso do analista pode transformar esse sujeito sem Outro em um sujeito-Outro? De acordo com Lacan, no *Seminário – livro 17*, capítulo II, ponto 2, isso só ocorre na "histerização do discurso", instituída pelo analista na experiência analítica. É a histerização do discurso que faz surgir um sujeito com o Outro, ou seja, a "histerização" do discurso se refere a um sujeito com o Outro significante. Assim, se tivesse de resumir a resposta a ser dada à pergunta sobre a subversão psicanalítica do sujeito do capitalismo, diria que se trata de passar de um sujeito sem Outro para um sujeito-Outro, porém passando antes, na experiência de uma análise, por um sujeito com Outro.

Pergunto-me, então, se a psicanálise tem ou não a chance de subverter o sujeito do capitalismo? O primeiro ponto de que tratarei diz respeito à subversão que a experiência psicanalítica opera. Temos de dizer que, em Lacan, subversão não equivale a revolução. Subversão foi o termo empregado por Lacan para definir o êxito de Freud ao inventar a Psicanálise. É também o título de sua conferência no congresso de filósofos de Royaumont em 1960: *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano.*

Nesse texto, Lacan diz que Freud introduziu uma subversão do sujeito da ciência: "reingresso da verdade no campo da ciência, ao mesmo tempo que ela se impõe no campo de sua práxis: recalcada, ela ali retorna"[1]. Mais tarde, em *A ciência e a verdade*, Lacan diz que a ciência não quer saber nada sobre a verdade como causa, porém não no sentido do recalque, como ocorre na neurose, e sim no sentido de uma *Verwerfung*. Ele diz isso porque o sujeito da psicanálise é o sujeito da ciência. A ciência é a condição do nascimento da Psicanálise.

Em resumo, que sujeito subvertido Freud faz surgir? Lacan, nesse mesmo texto de 1960, diz se tratar de um sujeito pontual e evanescente, e que por isso é o mesmo sujeito que

[1] Lacan. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960/1988, p. 813).

o da ciência, efeito de significantes. Verifica-se um corte na cadeia significante que exemplifica a estrutura do sujeito como descontinuidade no real. Parece-me tratar-se de uma definição muito contundente e muito precisa do ponto em que o sujeito do inconsciente freudiano emerge na estrutura como descontinuidade no real, assim como o sujeito da ciência emerge na história. A ciência, contudo, foi apenas a condição para que a psicanálise se tornasse possível no fim do século XIX, uma condição necessária, mas não suficiente.

Além disso, o ato de Freud – a invenção da prática psicanalítica – não resultou de sua inclinação "cientificista". Foi antes uma resposta do sujeito histérico que revelou a Freud, inesperadamente, o inconsciente e a verdade como causa material. Dito de outro modo, a causa material da substância significante relacionada ao sujeito foi a histérica. Lacan, nesses termos, teria estabelecido uma relação entre o desejo do cientista, ou seja, o sujeito no discurso científico, e o sujeito histérico. Do sujeito, e não o da ciência. A histérica, com seus sintomas, esclarece a incidência do significante no sujeito, abordado como metáfora em sua abertura ao inconsciente.

A histeria e sua generosa rememoração, exercitando-se na associação livre, ensinaram a Freud, que seguiu a pista do sujeito de um inconsciente, efeito do significante. Trata-se de uma verdade que perturba e desorganiza a ordem da representação. O sujeito, encoberto por sua representação, teria podido, até então, acreditar ser Um, sem fissuras. É exatamente isso, aliás, o que aflige o obsessivo em sua neurose ideal e falida, podendo-se dizer, portanto, que esse ato pelo qual Freud subverteu o sujeito, fazendo-o aparecer como outro a si mesmo e não como Um, é um ato revolucionário.

Revolução, todavia, não é subversão. São coisas distintas. É importante distingui-las, como Lacan o fez, embora eu não afirme de modo algum – essa não é a minha tese – que seria possível uma revolução psicanalítica que perturbasse o regime capitalista. A raiz latina de subversão, como ensina o dicionário da língua espanhola Molina, é "sub-vertere", ou seja, "verter para baixo", alterar, perturbar, transtornar, fazer com que algo deixe de andar segundo a ordem estabelecida ou a normalidade. Não se trata, assim, de perturbar ou fazer desaparecer a ordem estabelecida. Aplicada ao sujeito, subversão quer dizer fazer com que o sujeito deixe de andar com a ordem do discurso do mestre, ou seja, tratar-se-ia de uma subversão capitalista.

Vejamos a versão atual do discurso do mestre. Revolução quer dizer volta, o que dá voltas, o que gira. Aplica-se a uma mudança política muito radical, a uma alteração da ordem pública,

destinada a mudar um regime de poder. Aplicada ao sujeito, quer dizer insurreição da verdade no discurso do mestre.

No segundo ponto do quarto capítulo do *Seminário – livro 20: Mais ainda*, Lacan define a emergência do discurso analítico, na condição de obra de Freud, como um quarto de volta dado no discurso da histeria, e afirma que essa noção de um quarto de volta evoca a revolução, mas não no sentido de que a revolução seria subversiva. Ao contrário, o que dá volta, o que gira, é o que se chama revolução. Destina-se, por seu próprio enunciado, a evocar o retorno, ou seja, falar de revolução nada mais é do que outro modo de falar do retorno do mestre. Para entender melhor essa noção, vale lembrar que, na continuação desse capítulo, Lacan comenta criticamente a idéia de revolução copernicana na ciência.

Tomarei algo extraído desse comentário de Lacan que me interessa aqui. Ele afirma que a subversão, se existiu na ciência, deve-se mais a Kepler do que a Copérnico, que formulou não "ça tourne", isso gira, dá voltas, mas sim "ça tombe", ou seja, isso cai. A subversão operada por Freud no discurso do inconsciente, ou seja, o que Freud descobre sobre o discurso inconsciente, é que "isso cai", ou seja, o objeto que cai é aquele produzido pelo saber inconsciente.

Então, falar com base em Lacan sobre a subversão do sujeito no inconsciente freudiano não é falar de uma revolução. Trata-se antes de uma mudança de discurso. De fato, não quer dizer fazer desmoronar o discurso do mestre ou que a psicanálise destituiria esse discurso do mestre ou derrubaria os demais discursos: o histérico, o universitário, o da ciência e o discurso capitalista.

Desde o ato analítico inaugurado por Freud, o que a psicanálise transforma não é um discurso. O que ela eventualmente transforma é um sujeito. Além do mais, isso não ocorre necessariamente. É algo contingente. Isso ocorre apenas e somente se um sujeito consciente, efeito de um significante, descobre-se em um lugar-Outro, descentrado de sua representação.

Consentir não é "acomodar-se". "Acomodar-se" mostra ao sujeito do discurso do mestre seu consentimento ao efeito do significante. Consentir quer dizer "sentir com", isto é, "sentir com" o que o analista torna presente em seu dizer.

Ora, há sujeitos que não "sentem com" o que o analista faz surgir em seu dizer. Há sujeitos que não consentem ao efeito da interpretação, que não consentem ao desejo do analista. Esses são os limites da psicanálise. Por isso, disse "não necessariamente" há subversão.

Ainda com respeito à diferença entre revolução e subversão, creio que se pode demonstrá-la também por meio de

duas vertentes distintas do sujeito determinado pela lógica do discurso histérico.

Se revolução é a insurreição do sujeito em sua verdade contra o regime do mestre, buscando derrotá-lo, quanto mais o sujeito histérico se afirma em uma militância revolucionária, quanto mais denuncia o mestre e atenta por meio de suas greves e de suas manifestações contra o seu poder, mais lhe dá consistência, fazendo-o retornar como o Um que ocupa inteiramente o campo do Outro, e menos dá lugar à falha com que o Outro pode revelar-se, estando do mesmo lado do sujeito, e que era o que, definitivamente, o sujeito histérico buscava: um Outro marcado pela falta e habitado por um desejo. Assim, o sujeito histérico promove o contrário de sua vocação de fazer desejar.

De fato, aos que se pretendem mestres, como bem sabemos nas instituições analíticas, convém seu corte de histéricas, pois, ao dizerem claramente e resolverem denunciar as faltas desse suposto mestre, consolidam-se como mestres. A tarefa histérica de buscar "fazer desejar" é apenas um poder que mostra o impossível, pois esse Outro, visto como Um, jamais desejará como a histérica sonha.

Isso, todavia, foi o que permitiu a Freud inventar a psicanálise: o sujeito no discurso histérico tem uma virtude Outra, que eu dizia ser o ideal que anima seu espírito revolucionário. Em outras palavras, a histérica abre caminho para a subversão analítica em uma vertente que não é a de sua pretensão revolucionária. Trata-se, simplesmente, de se negar como sujeito, de negar-se como sujeito a ser Um, de não se acomodar ao significante que a intima desde o Outro, isto é, que a intima para que se reduza à identificação com o significante, com um traço unário. Pode-se dizer que o sujeito histérico, ao resistir a desaparecer debaixo de um significante, ao resistir ao insulto da metáfora, aparece sobre a cena como elisão do significante, ou seja, como um nada que faz apelo ao saber do Outro, à espera de receber um sentido decorrente dos ditos do Outro.

A resposta do psicanalista – Freud foi o primeiro a encontrar esse modo de proceder e a abandonar o procedimento sugestivo – incide de maneira subversiva, à medida que convida o sujeito a ler, ele próprio, sua verdade no saber, isto é, privando-se de responder com o saber reclamado pela histérica e convidando o sujeito a ler sua própria verdade no saber extraído dos outros significantes que o antecedem em sua história.

No trabalho analítico, o sujeito, sem saber de que significante é efeito, continuará decifrando. Nos termos de Lacan no quarto capítulo do *Seminário – livro 20*, "como o que desliza em uma cadeia de significantes".

Com efeito, o sujeito se dará a liberdade de falar e será consciente em dar-se a liberdade de falar. Mas não é assim em todos os casos e, às vezes, custa muito para os sujeitos neuróticos. O sujeito, ao se dar a liberdade de falar, percebe-se nos deslizes de suas palavras, reconhecendo-se por um instante no significante de que é efeito como sujeito do inconsciente, e que surge ao mesmo tempo que esse significante cai em um instante de ver. Assim, o significante "mestre", que determina o sujeito sem que ele saiba, cai no discurso analítico. "Isso cai". Dito de outro modo, a submissão do sujeito ao significante se produz, se mostra, como queda no discurso analítico, sendo essa a sua subversão.

Pois bem, o sujeito subvertido pela experiência analítica não é um sujeito que aparece diretamente, como pretendiam alguns pós-freudianos, como Bouvet e Nacht, que buscaram o que chamei, em determinado momento, de o sujeito indireto. O significante faz aparecer o sujeito no momento em que o eclipsa. A via do sujeito, a via de sua subversão, revela-se em uma estrutura escandida por uma pulsação temporal. Isso quer dizer que o tempo do sujeito se marca em sua divisão entre dois significantes, em um intervalo entre a surpresa – que é o efeito de verdade de uma(s) palavra(s) – e o *après-coup* do saber, que, em um segundo tempo, o tempo de compreender, conecta-se a uma verdade ativada, mas sem agarrá-la completamente e sem poder reduzi-la.

Desse modo, diria que o sujeito do inconsciente se manifesta no balbuciar, nos vazios, nos cortes, nas escansões que "esburacam" a trama da elaboração de um saber, ou seja, o dizer de um sujeito diz mais do que ele crê dizer por meio dos intervalos que orientam seu discurso. E isso não sem fraturas da cadeia significante que organiza seu discurso.

Até aqui, situei muito rapidamente o quarto de volta que faz com que o sujeito passe ao discurso analítico, advindo como Outro e fazendo cair o significante do mestre como produção, o *plus* de gozo da palavra analisante. Isso só se pode dar em decorrência do ato do analista, em que, segundo Lacan no *Seminário – livro 15: O ato analítico*, o objeto é ativo e o sujeito, subvertido.

Para concluir sobre esse primeiro ponto, a ética do analista corresponde a convocar o sujeito como Outro, em uma alteridade radical, e a tratar o Outro como um sujeito dividido, cindido pelo significante e separado de seu gozo. Essa ética, porém, não se restringe à prática com seus pacientes no consultório, pois a própria ética o leva a dar provas de seu desejo de analista, em razão da posição que escolheu ocupar em relação a seus congêneres.

Nesta conferência, recorro ao argumento de que a subversão psicanalítica do sujeito não é alheia ao amor. De acordo com o que Lacan diz no início de seu *Seminário – livro 20: Mais ainda*, o amor é o signo da mudança de discurso. Assim, veremos adiante, de maneira muito resumida, como essa questão do amor – o amor como signo do sujeito do inconsciente – é crucial para abordar o modo como a psicanálise pode incidir no sujeito do discurso capitalista.

Antes, porém, quero dizer como o aspecto subversivo, ou não, da psicanálise no século XXI me retorna como pergunta. Esse será meu segundo ponto.

A subversão operada por Freud no século XX é indubitável e indiscutível. É isso o que mostra sua obra *O mal-estar na civilização*, de 1930, época em que o capitalismo de produção não havia se desenvolvido ainda como capitalismo de consumo e, muito menos, como capitalismo de ficção. Freud não pôde conhecer a obra de Marx, sobretudo porque, no que se refere ao Outro do discurso do mestre, era o proletário, e não o escravo clássico, quem dominava. Os neuróticos de seu tempo estavam em conflito com o discurso do mestre.

O ínfimo deslizamento, despercebido aos próprios sujeitos – os termos são de Lacan – e que substituiu o discurso do mestre, não avançou na história a cada descoberta. Marx foi o primeiro que viu, claramente, o sentido real do discurso capitalista. Por isso, consolidou-o. Freud não podia tê-lo visto porque, para que o discurso capitalista se deslocasse para o discurso do mestre, faltava o que Marx entendia por acumulação de capital, como contabilização e totalização da mais-valia que se adiciona ao capital.

O que faltava? Faltava que, nos discursos, a barreira da impotência que separa a produção da verdade fosse ultrapassada. No discurso capitalista, não há a barreira da impotência. Não há nenhuma impotência ante a exploração, bem o sabemos. Havia, então, essa barreira que impedia um núcleo produzido pelo discurso do mestre – o objeto *a* – para a verdade do mestre, que é o sujeito barrado.

No *Seminário – livro 17*, Lacan assinala o poder assassino adquirido pelo significante "mestre" no discurso capitalista. Trata-se, certamente, de um poder destruidor, uma vez que, no discurso capitalista, o significante "mestre" se revela inatacável, já que é um discurso que gira sem que nada o freie. Não há limite à exploração com que o capitalista extrai a mais-valia do trabalho proletário. Sabemos também que não há limite para a velocidade com que o discurso capitalista extrai do saber da

ciência aplicações tecnológicas que fabricam o valor mercantil do saber, as ganâncias e os objetos que produzem o mercado.

Assim, a subversão do sujeito, tal como enfocada por Lacan em 1960 – a subversão do sujeito no inconsciente freudiano – não subverte o sujeito do capitalismo. Subverte apenas o sujeito do discurso do mestre antigo. Por quê? Porque tem a mesma estrutura do discurso do inconsciente, desse inconsciente de que Freud disse que não pensa, nem calcula, que só trabalha como saber, um "saber como meio de gozo" trabalhando na repetição, um saber que produz o objeto que Freud chamou de objeto perdido, ou seja, a perda inerente à repetição.

Como sabem aqueles que estudaram Freud em *Além do princípio do prazer*, a perda produzida pela repetição é definida como a diferença entre o prazer e a satisfação esperados e aqueles efetivamente alcançados. Ora, Freud fez dessa perda o motor do desejo do sujeito, inventando a psicanálise. E entre essa perda de gozo, que é a causa da verdade do sujeito – sua castração – e essa verdade, há um hiato, alojado na expectativa de uma fantasia que se consome na repetição.

Lacan, em meu entender, começa a estabelecer as bases para pensar uma subversão psicanalítica do sujeito do capitalismo apenas após maio de 1968. Em seus próprios termos, "esse maio de 68 me permitiu viver, como muitos de minha geração e alguns que estavam em certos lugares da Europa, aquele aborto de revolução em que os estudantes contestadores se tornaram 'chocolate' de si mesmos". Essas bases foram os quatro discursos como quatro modos de vínculo social fundados na linguagem, e que são quatro modos de alojar o sujeito em relação ao gozo de que está separado.

Nesses quatro discursos, Lacan descreve como se articulam, de modos distintos, o sujeito do significante e seu ser pulsional, ou seja, o *plus* de gozo que é sua causa libidinal. Em 1964, ano tanto do *Seminário – livro 11* quanto de seu texto *Posição do inconsciente*, Lacan chega a uma lógica sem a qual parece-me que não podemos desentranhar a lógica dos quatro discursos e, portanto, pensar a subversão psicanalítica do sujeito do capitalismo. Refiro-me à lógica, chamada de "alienação e separação", da reunião e da interseção entre o sujeito e o Outro, na qual se situa uma dupla causação do sujeito: a causa significante do sujeito e, resumindo, a causa objetal do sujeito, mas não desenvolverei esse tema nesta conferência.

Pois bem, com os quatro discursos, Lacan indica que há laços sociais quando essas duas causas se enlaçam de algum modo, pois, em um vínculo social, participam tanto o corpo como falante – o

sujeito que fala sem saber e diz mais do que sabe – quanto o corpo como gozante, do qual se recortam e se separam os objetos *a*.

Ele diz que, no discurso do inconsciente, conectam-se o mistério do corpo falante e a opacidade do corpo gozante, via a impossibilidade que se apóia em uma impotência. De um lado, temos a condição do sujeito falante, havendo aqui um impasse e uma imbricação, pois um significante representa o sujeito para outro significante. De outro, temos a condição de ser pulsional de sujeito no objeto perdido produzido por um saber inconsciente – a castração – que está na barreira. A barreira da castração, por sua vez, impede que o sujeito alcance o objeto perdido. Assim, a barreira separa o produto do sujeito e faz com que não lhe seja possível incorporar esse produto, ou seja, faz com que ele não possa unir o produto à verdade.

Pela histerização do discurso, a histérica dá esse um quarto de volta que é a condição prévia para que advenha ao discurso do analista. No *Seminário – livro 17*, Lacan disse ser essa a condição do sujeito falante e também ser essa a opacidade latente do corpo gozante. Mas disse também que partiu do fato de colocar o sintoma embaixo do tapete. Parte do sintoma são aqueles sintomas considerados por Freud. São os sintomas que levam o sujeito ao analista, de onde surge a possibilidade de que haja a histerização do discurso.

O sintoma dominante do discurso do sujeito histérico não dá acesso ao lugar da verdade. A flecha está acima. O sujeito não tem acesso ao lugar da verdade no sintoma. O sintoma, contudo, apóia-se em uma opacidade latente que inclui o que Freud pode encontrar, ou seja, o sintoma implica o sujeito da linguagem e seu ser pulsional porque conecta duas coisas. Acima, em $, o ser de verdade e um sujeito em uma falha do saber; embaixo, a latência do objeto no nó do gozo-sentido que é um sintoma.

A histerização, portanto, é a precondição para a subversão no discurso do analista. Mas de que maneira? O sujeito surge como Outro, assim que se produz, na experiência analítica, o significante que cifrou o traumático da ilusão de gozo no inconsciente, assim que se produz, por meio da palavra "analisante", o significante de que o sujeito era efeito sem que o soubesse. Dito de outro modo, trata-se de uma experiência que ocorre do lado do sujeito, porém é um discurso que opera ao fazer da causa objetal do sujeito aquilo que domina o discurso (seu agente), causando o desejo de um sujeito como desejo do Outro.

Essa, em meu entender, é uma prova de que o objeto que o analista leva ao lugar dominante é ativo e de que o sujeito é subvertido pela operação analítica. Por mais incipiente que seja,

é o amor que Lacan propõe para ser pensado. Entendo-o como o amor que faz signo de um sujeito, signo de que o sujeito muda de razão. Lacan cita o poema de Rimbaud "Há uma razão" e afirma que, ao vir no lugar de Outro do discurso analítico, o amor recobre e também designa a impossibilidade de vínculo entre o sujeito e o objeto.

O amor de transferência é um amor verdadeiro. Não é um amor histérico ao mestre porque não é um amor que se dirige ao personagem analista. Quando isso ocorre, é maléfico. Diria que, nesse caso, trata-se de um amor histérico. Se pensarmos no amor de idealização do neurótico obsessivo ao mestre, veremos que não se trata de um amor ao personagem analista, mas sim ao que o analista fez ressoar, ou seja, ao que tocou no coração do ser do analisante.



Passo, agora, ao terceiro ponto para mostrar por que o sujeito pode passar da submersão capitalista universal à subversão psicanalítica particular. Inicialmente, temos de ver como os neuróticos de hoje entram em conflito com sua condição de sujeitos do capitalismo. Tomei esse termo "submersão capitalista universal" do artigo que o *Le Monde* pediu a Lacan depois de maio de 1968, mas não publicou. Conheço esse artigo apenas pela citação de Michel Bousseyroux no n. 1 de *L'En-Je Lacanien*. Ele diz: "a submersão capitalista universal"[2] em que o sujeito pode sair da submersão para emergir em uma subversão particular, não universal.

[2] Bousseyroux. Gouverner, éduquer, analyser, faire désirer (2003).

Bem, como os neuróticos de hoje estão em conflito? Como eles podem fazer sintoma, se estão capturados por um modo de ser como sujeitos do discurso capitalista? Este é outro ponto em que me deterei um pouco. Trata-se da condição que mostra que não há vínculo entre o sujeito-Outro, nem entre o sujeito e o saber. Enumero as condições do sujeito do capitalismo, que chamaria de dupla atadura do sujeito no discurso do capitalismo: a) trata-se de um sujeito sem Outro, desligado do saber, sem significação, sobre o qual, resumidamente, podemos dizer que há anonimato e solidão; b) trata-se de um sujeito movido por objetos que o mercado lhe oferece para recuperar o gozo que perde, os *gadgets*, que não apenas são tecnológicos, mas, ainda pior, também dizem respeito à redução de corpos dos outros humanos a objetos, a objetos de gozo que os desumanizam. Lembremos, por exemplo, o comércio dos gozos, do qual deriva o empuxo do sujeito à condição vivida nos campos

de concentração. O comércio dos gozos, portanto, derivou da pouca inventividade das fantasias, do mesmo modo que a indiferença cínica a esse modo de gozo. No neurótico, que por sorte não se acomoda tão facilmente à indiferença cínica, já sabemos o que lhe ocorre: o sentimento de culpa.; c) no sujeito do capitalismo, há um desejo reduzido a uma ânsia de acalmar a falta em gozar com objetos. Podemos, portanto, dizer que se trata de um desejo com objetos, mas sem sentido, pois está desligado da questão do desejo do Outro. Também sabemos seu efeito: a angústia.

Como ensina Lacan, o sujeito, no lugar dominante do discurso capitalista, em sua atadura, essa primeira atadura ao mais-de-gozar, é uma falta em gozar. O sujeito do desejo não passa pela questão do desejo do Outro e, por isso, o desejo sexuado e o sexual se degradam no discurso capitalista em uma demanda que faz do outro um objeto a ser possuído: o objeto que o sujeito não pode controlar, salvo se acreditar que é um objeto autônomo funcionando como regente do lugar dominante do discurso.

Hoje, vemos em todos os meios de comunicação que desejar quer dizer ser viciado em algo, por exemplo, nas patologias de consumo. Isso quer dizer que o desejo é consumir. Trata-se do curto-circuito de ser "viciado em". Uma paciente histérica, por exemplo, descobre, em um momento de sua análise, que seu desejo não é mais uma insaciável avidez de homem, que não se trata de desejar um homem. Essa avidez de homem reduz este objeto a um objeto ao alcance da mão, ao objeto a ser engolido, reduzindo-se ela, por sua vez, ao objeto parasita que coloniza os homens com quem se envolve.

O sujeito do capitalismo está impulsionado à perversão, porém não estou de acordo com Charles Melman, para quem não existe mais neurose, mas apenas perversão. Também há neurose. O neurótico não é perverso, ainda que o queira. Não é perverso nem louco quem quer sê-lo. Eu diria que o sujeito do capitalismo está impulsionado à perversão polimorfa inerente à pulsão na condição de vontade de gozo que busca o prazer da zona erógena do próprio corpo. Em outras palavras, o sujeito do capitalismo seria levado a se satisfazer apenas com a perversão polimorfa de um gozo auto-erótico.

Entre outras coisas, um neurótico não é perverso porque, como vocês sabem, apresenta-se ao analista e se lamenta. Além disso, não dispõe de nenhum saber fazer que assegure o gozo do Outro, nem sequer testemunha um saber fazer com esse Outro que é seu próprio corpo e que não consegue experimentar como próprio. Ele experimenta a ruína do retorno da pulsão

ao corpo, um malfeito de uma compulsão que não conduz à satisfação, nem condiz com ela.

De forma muito rápida, diria que a clínica que mais cresce hoje, na condição de índice do impasse desse enlace do sujeito do capitalismo com o objeto, é uma clínica dos estragos da sujeição à vontade de gozo presente no supereu capitalista, e que não é tanto uma clínica do sintoma. Assim, todo o empenho do desejo do analista está em fazer aparecer nesses sujeitos uma clínica do sintoma, pois houve estragos na busca de gozo em objetos que não satisfazem. Por quê? Porque nenhum objeto do mundo é causa do desejo. Além disso, os objetos não eliminam a causa do desejo, razão pela qual esses sujeitos são consumidores compulsivos e insatisfeitos. Quanto menos renúncia ao gozo, mais ele estará assediado. Quanto mais renúncia ao gozo, porém, mais fica sem desejo, aborrecido e apático. Ele não encontra saída.

Além desse enlace, o sujeito está capturado por outro. No discurso capitalista, o sujeito tem acesso ao significante "mestre", ao qual se pode prender para dar a si uma identidade, embora isso não faça a menor diferença para o discurso do mestre, que lhe propõe a representação social em uma identificação ou no discurso do inconsciente. Trata-se, mais precisamente, de um enlace que torna sua identidade problemática. Sair do anonimato é um elemento que conta no social apenas se for com a verdade de ser sujeito "Um", com os significantes que dominam o mercado. Caso contrário, permanece no anonimato, não valendo nada para ninguém. Assim, a atadura ao objeto do desejo se traduz em ser "viciado em". Para mim, a identidade hoje é ser "adepto a", "adepto de", revelando-se muito claramente o enlace com o objeto, de acordo com o que Lacan disse sobre maio de 1968. Esse enlace, portanto, revelou-se muito antes do êxito do capitalismo de consumo, embora nos últimos anos se veja com maior clareza a atadura aos significantes-mestre naqueles que o sistema classifica e estabelece nos grupos sociais, em suas inscrições sociais como as únicas que tiram o sujeito do anonimato, as únicas que lhe dão uma identidade social. Isso é, em meu entender, o que o espanhol Vicente Verdu chama de capitalismo de ficção: um capitalismo que não se contenta em fabricar objetos e quer fabricar realidades em que o sujeito possa sustentar sua identidade. Isso quer dizer que fabrica os sujeitos e os formata, como na informática, segundo os traços e as características que tomam ao se darem um lugar no mercado.

Sabemos, por exemplo, que os adolescentes desejam marcas comerciais para adquirir não o objeto, e sim uma identidade. Por exemplo, as marcas que têm êxito no mercado são aquelas

a que o sujeito se apega, são marcas do amor (*love marks*). A publicidade dessas marcas diz que elas "o amam", ou seja, importa que o sujeito sinta que a marca o ama, que, por exemplo, "Nike o ama". Nesses termos, as marcas comerciais são os novos pais que amam seus filhos submissos, os novos pais significantes que amam seus filhos dóceis porque se prendem a eles. A montagem fotográfica de uma artista contemporânea que exibia um corpo tatuado com marcas comerciais ilustra bem essa tendência. Muito rapidamente, veremos jovens tatuados com Gucci, Prada etc.

Ainda no campo artístico, o excelente vídeo *Ilha das flores*, do brasileiro Jorge Furtado, parte do ciclo de um tomate para mostrar que se pode subverter o discurso capitalista com humor e ironia, sem *pathos*. Esse vídeo parte dos avatares de um tomate, produzido em um horto, que transforma os sujeitos; segue, então, as transformações desses sujeitos, até que eles se tornem seres humanos no Brasil; em alguns lugares, consomem os restos podres do tomate depois de dar de comer aos porcos. São as sobras do que se deu de comer aos porcos, ou seja, sobram apenas os restos para sobrevivência. Vemos, portanto, o capitalismo que termina por reduzir o sujeito ao ser da pura necessidade que luta para sobreviver, para não morrer de fome.

Esse sujeito do capitalismo, sujeito só, é um sujeito sem parceiro, como as mulheres de hoje, que tanto se queixam aos analistas porque estão sem parceiro, sem parceria de outros significantes, sem parceiros ligados ao outro pelo desejo do Outro, sem parceiros de outro sujeito no amor ou de outro parceiro que sejam objeto do desejo. Esse sujeito só também se rende, se identifica e seduz, pois existe também um mercado dos solteiros. Há clubes, redes, *chats*, ofertas, viagens, revistas e atividades destinados exclusivamente aos solteiros. O sujeito hoje, portanto, é um sujeito solteiro, *single*, que se agrupa a outros solteiros, para que se sinta alguém, e não para que deixe de estar só. No mercado espanhol, eles são chamados de ímpares.

Dito de outro modo, o capitalismo extrai vantagens da solidão por intermédio do anonimato em que o sujeito se sente ninguém e sem laço com o outro. A adolescência já não é mais um tempo de crise criativa que atravessa o sujeito. Hoje, ela amplia, cada vez mais, a franja de consumidores. No mercado *teen*, ser um *teenager* é ser alguém que está atado a essas marcas que oferecem um visual, um *look*. Essas marcas são os novos ideais do eu dos jovens porque oferecem um ego visual e um ideal de ficção. Assim, o drama do sujeito do capitalismo é ser um sujeito com dupla atadura, um ser cindido. Como puro sujeito de significante, está separado de sua existência de ser vivo e sexuado: é um, mas também múltiplo.

A aspiração a liberar-se da fragilidade da carne e da vulnerabilidade do corpo na utopia do ilimitado, de uma vida eterna, de um corpo cibernético, resultado da tecnologia ativada nos corpos e de um espírito transferível aos progressos informáticos da realidade virtual, é aquela de um ser humano que teria conseguido erradicar definitivamente a castração, ou seja, que já não experimentaria mais a dimensão trágica da vida que permite o desejo. É nessa aspiração a erradicar a castração, todavia, que aparece o beco sem saída do neurótico. A contrapartida desse sujeito – um sujeito que aparece como morto no jogo dos significantes – é um corpo vivo que reclama o gozo, mas está desligado da subjetividade. Uma paciente obsessiva me disse outro dia: "o que meu corpo gosta me desagrada profundamente, e cada vez que consumo cocaína, experimento isso".



O discurso capitalista forja o sem-sentido da existência do sujeito. Trata-se de um sujeito uno e múltiplo, que entra no jogo das ficções forjadas pelos significantes. Mas será possível a esse sujeito do capitalismo participar desse jogo de significantes como alguém vivo, como alguém dotado de um valor libidinal que outorga de si ou do Outro?

Esse é o impasse em que hoje se encontra o neurótico. Para mim, é isso o que mais se constata nas consultas, mas não nas consultas de Psicanálise, porque os neuróticos de hoje buscam o psicanalista como terapeuta. Trata-se, portanto, de uma contingência que ocorre na consulta com o analista, pois o único lugar em que o neurótico endereça a questão do desejo para fazê-la passar pelo desejo de Outro é aquele lugar em que ele se enlaça a um terapeuta. Às vezes, nessa experiência ele se encontra com um psicanalista. Por quê? Porque quando o neurótico não consegue resolver sozinho seus impasses, quando não sabe como lidar para encontrar uma satisfação com o Outro do sexo, como pretende o sistema, ele busca um terapeuta.

Para o neurótico, trata-se de uma novela, e a forma como experimenta isso me parece hoje mais dramática. Ele não sabe como resolver seu fracasso nas coisas do amor; não sabe como sair da solidão e fazer laço com os outros humanos porque o discurso capitalista não organiza nenhum laço entre humanos. Não sabe também como fazer um laço em que possa derivar seu gozo em um desejo que inclua o outro como Outro.

A condição do neurótico mudou para pior. Por isso, a psicanálise segue tendo seus destinos. Terminarei com este ponto:

não podemos pensar a psicanálise em sua capacidade subversiva porque ela joga luz sobre a causa significante do sujeito. Foi essa a subversão freudiana, que hoje, a meu ver, já não é subversiva. Com isso, quero iluminar a divisão do sujeito entre ser puro, efeito do significante, e a busca de sentido na metonímia de uma cadeia significante. O sujeito contemporâneo sabe isso, pois se acostumou a ser um sujeito com esse Outro ordenador, e está imunizado contra as emergências imprevisíveis que perturbam o funcionamento do sistema. Isso não lhe faz mais um sintoma.

Mas a psicanálise é subversiva no século XXI e temos a pista de como ela o é graças aos ensinamentos de Lacan desde 1968. Será que a psicanálise responde ao mal-estar do sujeito do capitalismo, tornando presente esse objeto que não pode ser alcançado por nenhum consumo, por mais refinado que ele seja? Sabe-se bem que se esses objetos, ao serem apresentados, padecessem de consumos sublimados e refinados, fariam com que o sujeito se interessasse por esse objeto que só pode habitá-lo no que encerra de enigmático em sua presença viva. Esse objeto inalcançável pelo gozo, mas que alcança o sujeito no mais íntimo de si, despertaria um desejo dele. Assim, dito de forma um pouco redutora, só a psicanálise pode subverter o sujeito do capitalismo e fazer aparecer sua causa objetal.

Podemos dizer, portanto, que o sujeito do capitalismo está ligado a um objeto, ao mesmo tempo que está desligado do Outro e do saber de sua história. A psicanálise, para ter incidências no sujeito, tem de saber tomar essa via, mas deve subvertê-la, ou seja, deve comover o sujeito com a evocação de uma causa de seu desejo, que não pode obstruir-se na corrida consumista ou exploradora do outro.

Isso só pode se dar, se o analista assegurar ao sujeito que ele é afetado não só pelo significante – isso comove pouco aos neuróticos de hoje –, mas também pelo que lhe escapa de seu desejo, como sujeito-Outro que se desolava em sua intenção de recuperar o gozo perdido. Em outras palavras, despertar no sujeito uma causa Outra que não a de se conformar com as ofertas do sistema que lhe prometem possibilidades ilimitadas. Como disse Colette Soler, despertar nele o prazer de se interessar por uma outra causa que seja conforme o sistema.

Assim, despertar o sujeito para essa causa do desejo pode se dar antes, se o analista não provar que ele mesmo a encontrou. Creio que esse é o problema atual da transmissão da psicanálise. A saída do discurso capitalista é possível, mas se trata de uma saída um a um. Não há generalidade, nem universalidade. Tampouco garantias.

De fato, a saída em grupo oferecida pelas instituições analíticas não é mais do que uma oferta de, diria, estacionar-se no próprio discurso capitalista, em um parque temático analítico. Digo "parque temático", pois pode ser um pouco Disneylândia, mas também um pouco campo de concentração. Não se trata apenas de estacionar em um objetivo analítico, em vez de estar perdido, disperso no grande mercado universal, ou seja, de confinar-se no pequeno mercado de uma seita. Não adianta um analista ter saído da AMP para que esteja livre dos efeitos de seita. Por isso, agradam-me muito exemplos, como os fóruns no Brasil, que não têm promovido a seita, assim como ver que esse encontro de hoje não tem nada de um encontro de Um, uma vez que é a interseção que nos reúne sem nos totalizar em múltiplas inscrições. Nem todos estão em todos, e não se sabe quem está em quem dos que hoje estão aqui.

Concluo: a saída do discurso capitalista é uma saída que não faz ruído revolucionário, nem barulho de protesto. Diria que é uma saída na ponta dos pés, em uma destituição subjetiva daquela produzida pela ciência. Na ponta dos pés, mas com o passo decisivo do ato que cria um desejo que não anda em conformidade com essa lógica. Trata-se, portanto, de fazer surgir um sujeito transformado pela análise, de maneira que seu desejo obedeça a uma lógica que não a da rentabilidade, ou seja, de um desejo que não dá rentabilidade ao Outro pelo gozo.

O que se produz é um desejo do analisado que percebe os outros como sujeitos-Outros, *heteros*, como um Outro que surpreende, pois nada é suposto nesse Outro, sobretudo em decorrência de uma antecipação "fantasmática". Tudo o que se supõe *a priori* em relação ao Outro é fantasia. Aposta-se, portanto, no efeito a ser alcançado pela emergência de um sujeito que se deixa surpreender pelo Outro em sua alteridade. Sair do discurso capitalista tem como efeito um sujeito subvertido pela psicanálise; trata-se de uma aposta e não de um êxito assegurado, que sequer garante a conclusão de uma análise.

A questão, portanto, é esta: o desejo de um sujeito encontrará uma satisfação Outra que esteja desarticulada de sua fantasia, que foi desmontada em seu tratamento, ou outra que servirá para formatá-lo segundo os interesses do mercado?

TRADUÇÃO
Eliane Z. Schermann

referências bibliográficas

Bousseyroux, Michel. (2003). Gouverner, éduquer, analyser, faire désirer: le pouvoir des quatre impossibles et l'impuissance de la vérité. *Revue L'En-Je Lacanien*, n. 1.

Freud, Sigmund. (1920). Além do princípio do prazer. In*: Edição Standard Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XVIII.

Freud, Sigmund. (1930). O mal-estar na civilização. In*: Edição Standard Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XXI.

Lacan, Jacques. (1960). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

Lacan, Jacques. (1964). Posição do inconsciente. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

Lacan, Jacques. (1966). A ciência e a verdade. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

Lacan, Jacques. *O Seminário – livro 15: O ato analítico* (1967-1968). Inédito.

Lacan, Jacques. *O Seminário – livro 17: O avesso da psicanálise* (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

Lacan, Jacques. (1972). Milan, 12 de mai 1972. Em: *Lacan en Italia.* Milão: La Salamandra, 1980.

Lacan, Jacques. *O Seminário – livro 20: Mais, ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979.

resumo

Esta conferência discute a questão do sujeito em psicanálise à luz da tese "não há o Outro do capitalismo para um sujeito".

palavras-chave

sujeito, discurso, capitalismo

abstract

This conference discusses the issue of the Subject in psychoanalysis from the point of view of the thesis "there is no Other of capitalism for a Subject".

key words

Subject, discourse, capitalism

recebido

17/01/2006

aprovado

05/02/2006

A escolha do sujeito no tratamento psicanalítico

Jean-Jacques Gorog

O título destas Jornadas[1] surpreende em razão do lugar ocupado pelo termo "sujeito", obrigando-me a refletir sobre o uso dos termos – uso do qual não me excluo –, pois não há uso correto do significante, ainda que possa existir um uso do conceito não correto, mas coerente. Sujeito, como todas as palavras da língua privilegiadas por Lacan, é sem dúvida um conceito, porém conserva sua liberdade significante.

Segundo Lacan, a psicanálise começa com o questionamento do sujeito como conceito. *Do sujeito enfim em questão*, título da introdução de um capítulo de seus *Escritos*, corresponde ao início de seu ensino público. Entendam: o sujeito ali onde ele existe como conceito, ou seja, na filosofia, e que é contestado pelo inconsciente até à produção do sujeito como um conceito analítico: "isto é, o sujeito que qualificamos (significativamente) de paciente, que não é o sujeito estritamente implicado por sua demanda, mas antes *o produto* que pretenderíamos determinado por ela"[2].

Compreende-se muito bem o que diz o título "as escolhas do sujeito", mas, como devemos desconfiar das evidências, tratemos de nos pôr de acordo: trata-se das escolhas efetuadas pelas pessoas e, para dizê-lo na língua de Lacan, pelos seres falantes, os *falasseres*. Isso, todavia, é um problema porque o sujeito lacaniano não tem a possibilidade de escolher, ele não é falante, mas falado. Escolhe-se por ele. Por isso, perguntei-me que termo poderia substituir *sujeito* nesse título. Muito rapidamente, percebi que poderia ser "doentes" – esse termo choca apenas se imaginamos a existência de seres falantes que não são doentes. De todo modo, para Lacan, isso não é uma dificuldade, já que o ser falante é reconhecido como alguém doente da linguagem. Somos, portanto, todos doentes; apenas o gorila[3] e alguns outros animais não o são, independentemente dos talentos que têm. Assim, doente não é um insulto, mas não creio que seja conveniente como título. Há também o termo "paciente", evocado por Lacan[4], e mesmo "analisante", uma forjadura lacaniana com boa penetração em nossos meios, mas não na língua comum, e que poderia ser útil, embora me pareça um tanto pesado. Há ainda "pessoa", as escolhas da pessoa. Quem escolheu furar teu único olho Polifemo? O sujeito por excelência: "ninguém"[5], nome dado por Ulisses na ocasião para

[1] As escolhas do sujeito no sexo, na vida, na morte, II Encontro Latino Americano da EPFCL, IV Encontro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil, 2005, nov., Rio de Janeiro, Brasil.

[2] Lacan. Do sujeito enfim em questão (1966/1988, p. 230).

[3] Cf. a canção muito conhecida de G. Brassens chamada *Cuidado com o gorila!* (*Gare au gorille!*).

[4] Isso que dizer que a questão tratada é uma questão também para Lacan.

[5] N. do T. Em francês, a palavra *personne* tem dois significados: pessoa e ninguém.

melhor esquivar-se[6]. Seguindo essa via, poderíamos jogar com o equívoco e fazer de pessoa (*personne*) nada: "as escolhas", simplesmente. Assim não correríamos o risco de determinar quem escolhe nosso destino, o que sem dúvida seria mais justo, mas, ao mesmo tempo, afastaríamos o problema sem resolvê-lo.

De todo modo, esse título nos orienta de pronto para uma primeira questão. Quem ou o que escolhe? A psicanálise responde como Polifemo: "ninguém" (*personne*). E o que se trata de escolher? A resposta mais fácil seria: "o que é desejado". É mais fácil de formular, porém não faz avançar, pois o desejo é inconsciente. O que o sujeito deseja? Nada, porquanto ele é sempre suposto ao desejo: "A psicanálise lhe permitiria esperar seguramente elucidar *o inconsciente do qual você é sujeito.* Mas todos sabem que não encorajo ninguém (*personne*) a ela, ninguém cujo *desejo* não esteja *decidido*"[7].

O desejo, embora inconsciente, pode ser decidido. Isso inclusive é exigível para aceitar que uma pessoa – vê-se que este é o termo utilizado aqui – faça um tratamento. Sabemos que ele deseja um objeto. Curioso vocabulário o da psicanálise, em que o objeto designa, no começo, justamente o que os seres falantes homens desejam, a saber, as mulheres. Compreende-se que os psicanalistas possam ser acusados de machismo, pois também aprendemos que as mulheres desejam uma mulher diferente delas próprias ou ainda desejam ser desejadas. É verdade que esse objeto será reduzido ao bem conhecido objeto *a*, construído por Lacan, mas deixemos por hora esse famoso objeto causa do desejo.

É certo que "se" fazem escolhas, mesmo que não "se" saiba quem as faz ou até mesmo que não "se" chegue a escolher ou que "se" acredite que o sujeito em nós não chega a se decidir.

Aqui, tento fazer compreender algo que não é evidente, a saber: o único meio de apanhar algo do "sujeito" será apoiando-se em seus dizeres, ali onde ele emerge, segundo a definição de Lacan, entre dois significantes pelos quais se encontra representado. Não insisto, como Descartes, incessantemente retomado por Lacan, que os dizeres podem ser também os pensamentos, e que isso basta para que um sujeito possa ser deduzido. Vejam o *cogito.*[8]

O apoio que apresentaria alguma permanência e que a psicanálise busca para representar o sujeito é formado de seu dizer. É disso que ele é doente: da linguagem, sem dúvida, mais precisa ou particularmente, para ele, aquilo que da linguagem constitui sua doença, o sintoma.

O debate subentendido no tema, o termo em função do qual tal escolha pode ter sentido, é o de sintoma, estudado por

[6] "Qu'Ulysse pourtant donne le quelqu'un, est mis en doute à se rappeler qu'aussi bien il n'est personne. Il est en tout cas personne à ce que s'y trompe une fate polyphémie". Lacan. Radiophonie (1970/2001, p. 404).

[7] Lacan. Televisão (1973/2001, p. 543).

[8] Com a filosofia ainda passa, mas como a ciência pode tolerar o destino dado pela psicanálise ao sujeito em seu campo? Basta que a experimentação e o aleatório de seus resultados surjam, para que a ciência um tanto menos pura se apodere disso e o desviem seja para uma tautologia estéril, seja para um charlatanismo travestido de ciência, um pouco como a "Igreja de cientologia" faz com a religião.

nós ano passado, na França, no Colégio Clínico. Assim, é como contraponto desse estudo que acho bem-vinda sua "escolha".

Quais são as relações entre as escolhas – não ouso dizer do sujeito, mas ainda não decidi o que pôr em seu lugar – e o sintoma? Próximas, é claro, mas e daí? Não esqueçamos o forçamento operado por Lacan sobre o sujeito, verdadeira troça com a filosofia, ainda não perdoada por ela e da qual ela tenta regularmente se vingar.

O sujeito lacaniano não é a pessoa una e estável, que Lacan acaba atribuindo ao paranóico (a personalidade). O sujeito lacaniano é dividido. O que melhor representa sua divisão é o sintoma de que se queixa, mas do qual não deseja verdadeiramente se desembaraçar porque ele participa de seu próprio ser.

Ponham as aspas que quiserem em todos os "ele" que designam aquele que fala e que não é o sujeito. Para os que têm dúvidas a esse respeito, observem as crianças, para quem dizer "eu" é um mistério completo. Elas não conseguem fazer um *shifter* e nos fazem perguntar como é que nós o conseguimos, e de onde pretendemos saber quem é esse "eu" graças ao qual nos designamos.

Enfim, não sei se chegarei a falar das escolhas do sujeito, mas vocês escolheram o sujeito[9], e isso certamente foi uma boa escolha.

[9] N. do. T. Em francês, *sujet* tem dois significados: sujeito e assunto ou tema, permitindo o jogo de palavras feito pelo autor.

Retornemos ao sintoma. Que se diga fixação de gozo ou que se escreva s(A), mensagem do Outro, o sintoma se apresenta de modo que, no exato momento em que se anuncia como queixa, eventualmente confiando-se ao analista a missão de desembaraçar o sujeito dele, um outro dizer muito curioso se acrescenta ao precedente e diz ao analista para não ter ilusões, para não acreditar demasiadamente em si, pois a psicanálise seguramente não o conseguirá. O psicanalista se vê diante de uma tarefa impossível:

> O sintoma neurótico representa no sujeito um momento de sua experiência no qual ele não sabe se reconhecer, *uma forma de divisão da personalidade.* [...] A defesa do sujeito, se é verdade que *o sintoma fragmenta a personalidade,* consistiria, portanto, em levar em conta esse perigo, proibindo-se tal acesso à realidade, sob uma forma simbólica ou sublimada.[10]

[10] Lacan. A família (1938/2003, p. 77, grifos meus).

Evoquei o lugar do sintoma, situado assim desde esse escrito de 1938, e podemos facilmente verificar esse impossível

nos três casos que servem de fio condutor para *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*, artigo central em que, a cada vez, o analista é posto na berlinda, quer se trate do paciente de Kris reivindicando um pouco de ar e miolos frescos, quer da "Bela açougueira" propondo um sonho que contradiz Freud ou do próprio Lacan, que, em um dos únicos casos evocados por ele, é tido como responsável pela impotência de seu paciente e, portanto, acusado de impotência para curá-lo.

Entre as escolhas possíveis, há uma privilegiada por mim, qual seja, a de escolher fazer uma análise sem que se saiba quem escolhe. A questão é que a escolha se faz desde essa impossibilidade da análise articulada pelo sintoma, não apenas não eliminável, mas também – é o que tento propor aqui – necessária para que a empreitada possa ser tentada. Lacan desenvolveu esse ponto de muitas maneiras. Para meus propósitos, tomarei aqui, entre elas, uma bem cômoda: o analista como complemento do sintoma, materializado nessa mesma impossibilidade.

Acrescento um exemplo de minha clínica para ajudar a captar o ponto em questão. Trata-se de uma jovem mulher provida de tudo o que se pode almejar: um marido que ela ama, um bebê, um trabalho que lhe agrada. Tudo vai muito bem, exceto o fato de ser muito ocupada, um tanto demasiadamente, e, além disso, ter atualmente de atravessar Paris para vir me ver. Eis aqui o que indica a análise: o impossível a ser resolvido se apresenta a vocês; há, portanto, sintoma, que é analítico, uma vez que o analista está enlaçado nele. Obviamente, algo não vai bem. Em seu caso, trata-se da perfeição que sempre exige dela mesma e torna sua vida impossível. A escolha do sujeito passa pelo que condiciona esse funcionamento. Aqui, pouco importa o que é sua causa; a análise lhe dirá se o obstáculo lógico tiver sido ultrapassado, a saber: se ela aceita perder ainda mais tempo e dinheiro para resolver seu problema. Como chegar a isso?

Um comentário do analista. A análise é formidável, funciona sozinha, mas sob a condição de que o "desejo seja decidido". Notem bem: é o desejo que é decidido. Há momentos como esse, em que nos perguntamos se Lacan não teria debochado, ao nos levar de enigma a enigma, sem nunca nos dizer algo em que nos apoiarmos com firmeza. De acordo com sua definição, o desejo é inconsciente, e nós avançamos bastante. Mas como saber se o desejo é decidido?

Alguns desconfiam, e têm razão. Embora Lacan valorize o fato de o que ele disse possa ter passado para o discurso comum – como o Édipo, tão bem admitido, que serve de medida ou de cavilha, segundo o caso –, é preciso constatar que esse

efeito implica também um esquecimento não menos violento. Os mais virulentos inimigos da psicanálise são justamente, e com freqüência, os que passaram pela experiência – Freud o notou desde o início, no tempo de seu progressivo sucesso –, mas também é verdade que o inimigo mais perigoso é o esquecimento. Desde então, temos a obrigação não apenas de esquecer tudo o que sabemos, o que é exigível no começo de todo tratamento, mas também de estar na posição de dizer o que é a psicanálise, não como se o analisante putativo estivesse embaraçado com os preconceitos, mas simplesmente por ignorar tudo ou porque as diferentes mensagens recebidas por ele nesse sentido confundem a idéia que ele pode ter a esse respeito.

Como se pode imaginar, por exemplo, que ele tenha o talento de redescobrir integralmente a escansão? Para que a escolha da análise ainda seja feita, é preciso que ele possa, ao menos, acreditar na força de sua fala. E o analista pode encorajá-lo a isso. A escansão não basta.

Vocês podem observar que me interesso aqui não pelas escolhas que podem ser efetuadas, mas sim pelas condições em que essas escolhas podem ser formuladas. Verifica-se que talvez o mais comum seja a dúvida obsessiva. Ora, ela não concerne a uma escolha a ser feita, mas sim a assumir uma escolha já feita. A histérica se pergunta após a escolha ter se efetuado, mas é para deplorá-la. Embora o problema não seja tratado da mesma forma, dá no mesmo. A questão não é essa. Ela se resolve sozinha, se assim posso dizê-lo, sob a condição de poder ser tratada, ou seja, de serem dadas as condições suscetíveis de operar. Para tanto, é preciso fazer valer que o sujeito é um ser falado. Insisto no que pode parecer um tanto enfadonho, mas o próprio Lacan o explicou, comentou muito e, em nossa época, o jogo da psicanálise deve ser reaberto, a fim de não cair no esoterismo ou na sugestão.

Vejamos um outro exemplo. Trata-se de alguém formado por uma universidade, portanto, de um professor. Com o tempo, percebo que, embora saiba sua área, não sei sua especialidade, ou seja, o que ocupa a maior parte de seu tempo há mais de vinte anos. Ele me diz que está de retorno de um congresso e que a situação com a qual me entretém há muito tempo não pôde evoluir em nada. Arrisco-me, então, a lhe fazer uma pergunta que deveria ter feito há muito tempo, não importando a reticência em evocá-la, afinal ele não está ali para me responder a uma pergunta do curso. Na verdade, é para não me enganar que ele não dizia, para que eu não me perdesse no pantanal de um saber universitário, que para ele não constitui um sintoma,

e também para que eu não caísse na armadilha do que poderia me interessar. Sem dúvida, ele tem razão, sem que a coisa tenha sido especificada. Algum tempo depois, ele acrescentará que não imaginava não me haver dito, que isso deveria ser de notoriedade pública...

Naquele momento, eu me vi como um psicanalista tagarela, porém, ao refletir *a posteriori*, dei-me conta de que se tratava de um percurso em que cada termo era necessário e condicionava a continuação da análise: 1) Isso nunca foi dito. Tenho certeza; 2) Era preciso dizê-lo. Que eu seja suposto sabê-lo não é um argumento suficiente. A coisa foi, então, conscientemente ocultada. Eu lhe relembro longamente a posição de Freud para com um dignitário (ministro ou militar) que invocava um segredo de Estado para esconder um de seus pensamentos. Freud respondeu com a interrupção imediata da análise e explicou o motivo: se um elemento é omitido, ele acarreta, na omissão, toda um nuvem de elementos, uma série de associações ligadas que impedem que o tratamento prossiga; 3) Protesto sob a forma de denegação: certamente, não se tratava de um segredo de Estado, mas ocorre uma seqüência que demonstra o laço entre a omissão e o "sintoma"; 4) Por que a lembrança era necessária? É o que gostaria de especificar, com base nisto: a força da psicanálise reside na recusa não da transferência, mas de sua exploração em nome de um saber inefável.

É conveniente enfatizar que a escolha do sujeito de não dizer era motivada. Houve um verdadeiro *acting out*, portanto interpretável, mesmo que a outra proposição fosse igualmente verdadeira; a simples discrição, para não "enganar" o analista, ou para não impressioná-lo, fixá-lo a alguma coisa que o afastasse da preocupação com tratamento, e até mesmo a simples repugnância em fazer cursos porque o analista encontraria ali seu interesse material, o que, de resto, não é um medo infundado.

Esse ponto de fuga é especialmente sensível porque a dimensão didática, a pertinência ao grupo analítico com suas relações de poder, precede a análise. Ela figura em lugar de destaque, como ponto de fuga imaginário, na *Proposição de 9 de outubro de 1967*. Podemos facilmente verificar o que acontece quando o analista acredita poder abusar de sua posição transferencial em um conflito de Escola: sua sanção imediata é o alívio ou a interrupção do tratamento, sendo este, nos dois casos, posto entre parênteses. Certa vez, isso ocorreu comigo, ao tentar simplesmente assinalar, especificar, minha posição em um conflito. Justificação inútil de efeitos insuportáveis. Creio que, nesses casos, não é o excesso, mas sim a insuficiência do comentário, pois ele

logo é percebido como argumento de autoridade que se revela nocivo, seja qual for o modo pelo qual se saia dele.

Sabemos que a interpretação demasiado edipiana pode constituir um ponto de fuga pelo simples fato de que a interpretação já é feita ou é demasiadamente feita pelo discurso comum. Por isso, a ênfase posta compromete a seqüência da análise. Esse ponto é evocado com muita freqüência, quase como uma palavra de ordem. Parece-me, contudo, que o ponto de fuga é precisamente o da perspectiva, e que cada um desses termos comporta o ponto e a fuga. Em outras palavras: aquilo de que fugimos, do Édipo, rumo a um além que o anularia, comporta um para-além que o inclui. A primeira versão da *Proposição* esclarece essa questão:

> Observemos seu papel na economia do pensamento analítico e destaquemos que, ao retirá-lo desta, todo o pensamento normativo da psicanálise revela equivaler, em sua estrutura, ao deliro de Schreber. Pensemos na *Entmannung*, nas almas redimidas, ou até no psicanalista como cadáver leproso [...].
>
> A função da identificação na teoria [...] está ligada à constituição dada por Freud às Sociedades – e levanta a questão do limite que com isso ele pretendeu dar à sua mensagem.
>
> Ela deve ser estudada em função do que é, na Igreja e no Exército, aqui tomados como modelos, *o sujeito suposto saber*.
>
> Essa estrutura é, incontestavelmente, *uma defesa contra o questionamento do Édipo*: o Pai ideal, isto é, o Pai morto, condiciona os limites em que doravante permanecerá o processo analítico. Ele cristaliza a prática numa finalidade desde então impossível de articular, e que obscurece desde o início o que deve ser obtido da psicanálise didática.
>
> *A marginalização da dialética edipiana que resulta disso continua a se acentuar cada vez mais, na teoria e na prática.*[11]

[11] Lacan. Primeira versão da 'Proposição de 9 de outubro de 1967' (1967/2003, p. 582-3, grifos meus). Essa primeira foi publicada originalmente em *Ornicar?*, n. 8, tendo sido apresentada como a que foi efetivamente pronunciada por Lacan nessa data.

Assim, o ponto de fuga aqui evocado consiste em um esquecimento paradoxal. Compreendo isso da seguinte maneira: o discurso comum se apoderou da interpretação edipiana e, de saída, interdita o analista de recorrer a ela. Ora, isso não torna essa

interpretação desqualificável, mas, para poder ser formulada, deve considerar o discurso comum e seus efeitos no tratamento.

Freud se deparou muito cedo com o problema de como fazer a psicanálise ser admitida por seus difamadores de má-fé. Pode-se dizer que esse problema não deixou de existir. Na França, é absolutamente atual. Por que o ponto de vista comportamental, por exemplo, está tão presente na televisão e em certos domínios, quando, concretamente, parece muito fácil provar seus limites? Trata-se do mesmo problema que interroga a questão da leitura dos fenômenos. O fato de o Édipo ser referido como medida não diz como convém decifrá-lo em cada caso. O mito é um mito, e, por isso, pode servir de tampão. É como se o que advém de um caso estivesse preso no torniquete bem pensante de uma ortodoxia. Sabemos que a crítica desse ponto de fuga pode endereçar-se à própria Escola de Lacan e a seus cartéis, que, em determinada época, "preparavam" para o passe adequando o futuro passante aos conceitos lacanianos em moda.

O grupo constitui outro ponto de fuga paradoxal, uma vez que ele reúne um corpo de doutrina que faz obstáculo ao seu "progresso". Não resisto a evocar agora o que constitui, penso eu, a única ocorrência em Lacan da "escolha do sujeito":

> A Lei primordial, portanto, é aquela que, ao reger a aliança, superpõe o reino da cultura ao reino da natureza, entregue à lei do acasalamento. A proibição do incesto é apenas o eixo subjetivo, desnudado pela tendência moderna a reduzir à mãe e à irmã os objetos interditados *às escolhas do sujeito*, aliás continuando a não ser facultada toda e qualquer licença para-além disso.
>
> Essa lei, portanto, se faz reconhecer suficientemente como idêntica a uma ordem de linguagem. Pois nenhum poder sem as denominações do parentesco está em condições de instituir a ordem das preferências e tabus que atam e tramam, através das gerações, o fio das linhagens. É justamente a confusão das gerações que, na Bíblia, como em todas as leis tradicionais, é maldita como a abominação do verbo e a desolação do pecador.[12]

[12] Lacan. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1956/1988, p. 277).

A questão, então, é assumir a castração que realiza a divisão do sujeito. A escolha, conforme a doutrina, é forçada pelo objeto *a*, sendo o sujeito o seu produto.

Vemos bem ao que isso corresponde no obsessivo, cuja dúvida não concerne à ação a realizar, mas, em virtude do *a posteriori*, em não assumir o que já foi escolhido. Talvez devamos ler essa expressão ao pé da letra em função da reviravolta lacaniana do sujeito sendo determinado pelo objeto, e que faz da escolha do objeto o que é verdadeiramente escolhido, mesmo que o "sujeito" não o saiba. Gostaria de insistir no que pode parecer banal e conhecido por vocês, mas não inteiramente claro para mim: a psicanálise opera sobre a escolha do sujeito – ou seja, a assunção dessa escolha – com a condição de não orientar essa escolha, o que é próprio da psicoterapia. Em suma, não cabe ao analista assumi-la. O analista, em contrapartida, toma o partido do objeto não apenas sendo seu suporte, como também garantindo sua "promoção".

Um homem e uma mulher, a sua, realizam o ato sexual. No meio deste, o homem o interrompe com uma questão e a impressão de que ela não estava fazendo sua parte. A postura se rompe. Isso é mal recebido pela dama. Na realidade, ela não tinha o sentimento que lhe era atribuído. Que lição tirar daí?

Muito simplesmente, uma ilustração da fórmula, bastante conhecida, "o desejo é o desejo do outro", da qual subestimamos o alcance lógico, porque nos enganarmos acerca do uso que Lacan faz desses termos, e que não pertence ao senso comum. Nós o sabemos, mas esquecemos.

Assim, desejo com a condição de que o outro me deseje ou deseje algo. Mas o outro, de sua própria voz, diz que o desejo – tal como se diz sobre o apetite que vem quando comemos – não lhe vinha de imediato, lhe vinha somente depois de um certo tempo. Estranha essa demanda muito nítida de ser desejada antes de poder, ela própria, desejar. E se o outro também quer ser desejado? Não era ele, tampouco ela. O que, então, faziam nessa postura (o baile de máscaras)?[13] Sabemos o uso que Lacan faz disso no *Seminário – livro 8: A transferência*, a fim de marcar a dessimetria entre o amado e o amante[14]. A transferência não é binária. Por isso, a crítica que ele faz, desde o começo de seu ensino, ao par "transferência-contra-transferência". A transferência é ternária, como no bilhar, em que se deve jogar com a tabela. É o dispositivo que se reconhece na metáfora paterna, com seus três termos, um dos quais é redobrado e intermediário entre os dois outros. O próprio Lacan explica a devastação causada pelo fracasso dessa circulação, havendo uma modificação perceptível da terminologia em direção ao circuito, em vez de uma triangulação demasiado estática. Assim, "neurose de transferência" é coerente com "neurose" simplesmente pela presença do circuito, na demonstração lacaniana, tanto da transferência quanto da metáfora.

[13] "Seja como for, entre o psicanalista e a psicanálise, multiplicaram-se desde então os encontros, na esperança de que o ateniense se igualasse à Atena que, coberta com suas armas, saiu do cérebro de Freud. Direi a sina ciumenta, sempre a mesma, que contrariou esses encontros: sob a máscara em que cada um deveria encontrar sua promessa, tristeza! três vezes tristeza! e um grito de horror ao pensar nisto: havendo uma outra máscara tomado o lugar dela, quem estava lá já não era ele". Lacan. A coisa freudiana (1955/1988, p. 414).

[14] *Erastès*, o amante, e *erômenos*, o amado.

Em nossa pequena história, a "escolha do sujeito" é um resultado a ser apreciado para além da anedota modificada: ele se preocupa com o desejo de sua mulher. Mesmo em sentido contrário, se considerarmos o efeito de um desagrado nela produzido, é conforme ao que Lacan considera um progresso: a emergência da angústia de castração, legível aqui precisamente no que concerne a um medo diante não da suposta indiferença da mulher (o que, é verdade, poderíamos ratificar), mas do que se apresenta a ele como desejo do outro.

TRADUÇÃO
Contra Capa

referências bibliográficas

LACAN, Jacques. (1938). A família. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LACAN, Jacques. (1955). A coisa freudiana. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1956). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1958). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1966). Do sujeito enfim em questão. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1967). Primeira versão da 'Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola'. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LACAN, Jacques. (1970). Radiophonie. In: *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001.

LACAN, Jacques. (1973). Televisão. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

resumo

Trata-se de uma panorâmica do termo "sujeito" de acordo com o uso promovido por Lacan conforme a etimologia, assim como a sua definição aristotélica, mas não conforme o seu uso comum: o sujeito é efeito do significante; ele, portanto, não pode escolher. Em contrapartida, esse sujeito é conforme a experiência analítica. Dessa precisão conceitual deduz-se um certo número de conseqüências quanto à abordagem do sintoma.

palavras-chave

escolha, sujeito, sintoma

abstract

At stake here is an extensive view of the term "subject" according to its utilization by Lacan, which is consistent with both its etymology and its Aristotelian definition, but remains incompatible with the common usage: the subject is the effect of the signifier and therefore it cannot choose. On the contrary, this subject is compatible with the psychoanalytic experience. Based on this conceptual clarification, several consequences can be thus established with respect to the handling of the symptom.

key words

choice, subject, symptom

recebido

17/01/2006

aprovado

05/02/2006

A insondável decisão do ser e o tempo

Ana Laura Prates

A concepção de constituição do sujeito elaborada por Lacan exige a noção de ato. O sentido da palavra constituição, tal como a encontramos dicionarizada, inclui a idéia de ato: "ato, processo ou efeito de constituir". Entre os vários sentidos do verbo constituir, há: "formar-se, criar-se, representar, tornar-se, aparecer aos olhos de muitos como, nomear, eleger, julgar-se na condição de, arvorar-se"[1]. O sujeito se constitui articulado à sua causa positivada na fantasia como mais-de-gozar – tentativa de calcular um resgate do objeto perdido no encontro traumático com o desejo enigmático da mãe.

[1] Houaiss. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001, p. 813).

Nesses termos, a teoria lacaniana do sujeito exige uma formalização sobre o ato e também uma nova forma de pensar a temporalidade. Retomemos, então, a questão do impasse da constituição subjetiva – o impasse do *infans* – pelo viés do tempo, já que é exatamente a idéia de uma continuidade temporal que a psicanálise questiona à luz de sua concepção de sujeito.

A questão da antecipação, ou seja, de algo que ocorre *antes* da maturação biológica está presente desde o início do pensamento de Lacan, e será fundamental para a elaboração do conceito de sujeito do inconsciente. Essa idéia foi amplamente defendida nos textos da década de 1940, como *Formulações sobre a causalidade psíquica* (1946) e *A agressividade em psicanálise* (1948), e se apresentou de modo explícito no texto *O estádio do espelho como formador da função do eu* (1949). O ponto a ser analisado aqui é o da passagem do *infans* para o que Lacan denomina "função de sujeito". Vejamos como ele formula essa passagem:

> Esse desenvolvimento é vivido como uma dialética temporal que projeta decisivamente na história a formação do indivíduo: *o* estádio do espelho *é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação* – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos ortopédica – e para a armadura assim assumida de *uma identidade alienante, que*

marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental.[2]

Esse momento de antecipação de uma certeza constituindo um sujeito é chamado por Lacan, no texto *A agressividade em psicanálise*, de "encruzilhada estrutural". Ora, é na década de 1950 que essa "encruzilhada estrutural" se formaliza em termos da tese da primazia do significante e da ordem simbólica. A referida precipitação subjetiva da insuficiência à antecipação exige a formalização a respeito da *matriz simbólica*, mais precisamente elaborada por Lacan no famoso *Seminário sobre "A carta roubada"*. Nesse texto, valendo-se do conto de Edgar Alain Poe, ele procura demonstrar sua tese de que "é a ordem simbólica que é constituinte para o sujeito, (...) a determinação fundamental que o sujeito recebe do percurso de um significante"[3].

Trata-se, portanto, de formalizar a "estrutura da determinação" ou, em outras palavras, a necessidade de articular a determinação significante, de modo a não recair em um outro determinismo lingüístico. Se a estruturação do sujeito fosse única e exclusivamente determinada pela sucessão diacrônica, excluiria o sujeito do ato que o constitui; excluiria, desse modo, o *algo de si*.

A implicação do ato na sujeição humana às condições do simbólico está presente desde o texto de Freud *Introdução ao narcisismo*, de 1914. Sabemos que a escrita desse texto marca uma virada fundamental em sua obra, implicando um deslocamento da dualidade pulsional, até então pensada como pulsões de auto-conservação *versus* pulsão erótica, para uma polarização entre pulsões do eu e pulsões objetais. Essa virada leva a uma série de remanejamentos teóricos e clínicos que incluem a teoria sobre a identificação e a questão da escolha de objeto. O fundamental para a questão de que estamos tratando, todavia, é a idéia de que o eu humano precisa se constituir para que possa ser investido libidinalmente. Essa pressuposição lógica está explicitada em Freud na seguinte passagem: "A hipótese de que no indivíduo não existe, desde o início, uma unidade comparável ao *eu* é absolutamente necessária. O *eu* tem de ser desenvolvido. Ao contrário, as pulsões autoeróticas são primordiais. *Para constituir o narcisismo, deve-se agregar ao autoerotismo algum outro elemento, um novo ato psíquico*"[4].

A formalização do *ato psíquico* realizado pelo sujeito no momento de sua constituição, com implicações decisivas inclusive no que se refere à modalidade estrutural de sua relação com a linguagem, só pode ser pensada, como já afirmamos, com base

[2] Lacan. O estádio do espelho como formador da função do eu (1949/1998, p. 100, grifos meus).

[3] Lacan. Seminário sobre "A carta roubada" (1965/1998, p. 14).

[4] Freud. Introducción al narcisismo (1914b/1981, p. 2019).

em uma formalização do tempo diversa daquela que se refere apenas à sucessão cronológica. Em *Recordar, repetir, elaborar*, texto também de 1914, Freud diz que algumas lembranças só podem ser compreendidas *a posteriori* (*Nachträglichkeit*). O tempo, assim, é só-depois, *aprés-coup*. As reformulações conceituais operadas por Lacan, ao retomar esse conceito freudiano, atingem de modo irreversível, por exemplo, uma das idéias mais caras à clínica kleiniana: a regressão. Em outras palavras, Lacan retoma o conceito de retroação para contrapô-lo, precisamente, a essa idéia de regressão com que a escola inglesa opera. Assim, propõe a idéia da retroação contra as "exigências do passado temporal".

Com efeito, a idéia de uma antecipação (S_1) que só pode ser significada depois (S_2) é fundamental para a sustentação da tese *princeps* de Lacan de que "o significante é o que representa o sujeito para outro significante". Só há possibilidade de acompanhar a idéia de um sujeito a um só tempo insuficiente e antecipado, determinado e determinante – e que só tem acesso ao seu ato fundante *a posteriori* (*Nachträglich*), quando este já está perdido –, se levarmos em conta a "asserção da certeza antecipada".

A concepção de tempo lógico de Lacan foi apresentada no texto *O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada*, de 1945. Partindo de um sofisma, apresenta-se um enigma que só pode ser solucionado por meio de escansões que produzem uma temporalidade lógica.

Com esse sofisma, Lacan propõe que, a partir das duas escansões, três tempos se delimitam: o instante de ver, o tempo para compreender e o momento de concluir. O instante de ver é simultâneo ao tempo para compreender, só se separando desse pela primeira escansão; por sua vez, o momento de concluir é simultâneo ao ato. Se o tempo de compreender, necessário, não pode ser atravessado, cristaliza-se justamente no atributo ignorado do sujeito. Trata-se da pura reciprocidade fazendo com que o sujeito permaneça com a conclusão errada, aprisionado no imaginário.

Urgência e ato são elementos indissociáveis dessa escolha forçada entre o ser e o sentido, na qual, segundo Lacan, o *fator letal* da alienação faz parir (*separare*), ou seja, engendra um sujeito. Trata-se, pois, de extrair as conseqüências dessa urgência, traduzida em um ato de conclusão, para a concepção de sujeito com a qual operamos em psicanálise. O tempo de compreender, nesse sentido, é um tempo que só se produz *a posteriori*, ou seja, a partir da própria conclusão. Estendê-lo indefinidamente não deixa de ser também uma decisão que pode levar o sujeito, no

caso do sofisma, a permanecer aprisionado. *Desde muito cedo*, pois a suspensão do ato já é, em si, uma decisão.

Com efeito, o conceito de *forclusion*, utilizado por Lacan para designar o termo freudiano *Verwerfung*, característico, segundo ele, da estrutura psicótica, implica forçosamente a noção de tempo. O *Dicionário de Psicanálise*, de Elizabeth Roudinesco e Michel Plon, afirma que esse termo foi proposto inicialmente por Édouard Pichon em 1928, no artigo *Sobre a significação psicológica da negação em francês*, ao tomar de empréstimo do discurso jurídico o adjetivo "forclusivo", que se refere a um direito *não exercido no momento oportuno*.[5] Como diz Lacan em *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*:

> seja qual for a identificação pela qual o sujeito assumiu o desejo da mãe, ela desencadeia, por ser abalada, a dissolução do tripé imaginário. (...) Sem dúvida, a adivinhação do inconsciente adverte o sujeito *desde muito cedo* de que, na impossibilidade de ser o falo que falta à mãe, resta-lhe a solução de ser a mulher que falta aos homens.[6]

Quando Lacan avança no sentido de uma formalização topológica e articula o próprio conceito de significante à noção de corte, torna-se ainda mais evidente a articulação dos três tempos que se delimitam *Nachträglich*, a partir da duplicação do corte (escansões) na estrutura, revelando uma sincronia já pressentida na idéia de antecipação. Veja-se o que ele diz a respeito em *O Seminário – livro 9: A identificação*:

> A interrupção no sucessivo faz parte da estrutura. Essa dimensão temporal faz parte do funcionamento da cadeia significante, que articulei primeiramente para vocês como sucessão. Tem como conseqüência o fato de que a escansão introduz um elemento a mais, além da divisão, da interrupção modulatória. *Ela introduz a pressa, que eu inseri como pressa lógica* [...]. O passo que tento fazê-los dar já começou a ser traçado, é aquele no qual se enlaça a descontinuidade com o que é a essência do significante, a saber, a diferença. A diferença está no corte.[7]

[5] Roudinesco e Plon. *Dicionário de Psicanálise* (1998). No dicionário Houaiss, encontramos: "privação de uma faculdade ou de um direito por não executá-los no tempo devido" (2001, p. 1371).

[6] Lacan. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1958/1998, p. 572).

[7] Lacan. *O seminário – livro 9: A identificação* (1961-2) (Inédito, aula de 16 de maio de 1962).

Em vários momentos de seu ensino, pode-se acompanhar a ênfase na "pressa lógica" da estrutura, que define *a priori* os momentos subseqüentes. Essa concepção é fundamental para encaminharmos um ponto delicado que freqüentemente se presta a mal-entendidos: a antecipação exigida pelo encontro marcado que impõe uma escolha forçada entre o ser e o sentido – escolha essa fundante do sujeito em sua excentricidade lógica com a causa de seu desejo – determina a entrada na estrutura e a modalidade da relação do sujeito com o significante. O determinismo estrutural, nesse sentido, é minimalista, uma vez que, por um lado, "aprisiona" o sujeito em uma certa relação com a linguagem – já que não há como um ser humano estar fora desse mínimo, seja qual for sua estrutura clínica –, por outro, há uma "margem de liberdade" bastante ampla na estrutura para que o sujeito possa tomar suas decisões e fazer suas "escolhas" a partir das contingências e vicissitudes do que costumamos chamar de história.

Evidentemente, não se trata de dizer que desde que o traço se inscreveu no ser vivo, provocando a extração do objeto *a* do campo do Outro, o assujeitamento ao intervalo significante e a recuperação da perda de gozo provocada por essa operação no nível da fantasia inconsciente, todo seu destino já está definido e toda sua história, escrita.

A "decisão fundante", desse modo, gera a série contingencial que escreverá, a cada momento, o destino do sujeito, valendo-se do que Lacan chamou de "voltas da demanda", sendo que, a cada momento crucial do sujeito, ele encontrará o real que o causou: "A castração se encontra inscrita como relação ao limite desse ciclo regressivo da demanda. É isso que se trata de compreender topologicamente". Ou, como afirma em *O Seminário – livro 10: A angústia*:

> A fantasia, o $ em relação ao *a*, adquire aqui o valor significante da entrada do sujeito na dimensão que o leva à cadeia infinita de significações a que se chama destino. Podemos escapar dela indefinidamente, mas o que se trataria de encontrar é justamente o começo – como é que o sujeito entrou nessa história de significante?[8]

[8] Lacan. *O seminário – livro 10: A angústia* (1962-1963/2005, p. 78-79).

Curiosamente, embora Lacan sempre se refira à determinação – já que o sujeito não pode ser causa de si mesmo –, é igualmente incisivo quanto às "escolhas" e "decisões" do sujeito.

No *Seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, todavia, ele diz que "o sujeito está condenado": "A alienação consiste nesse *vel* que condena o sujeito a só aparecer nessa divisão (...), que se ele aparece de um lado como sentido, produzido pelo significante, de outro ele aparece como *afânise*"[9].

Quanto a esse ponto, Colette Soler alerta:

> *A alienação é o destino. Nenhum sujeito falante pode evitar a alienação.* É um destino ligado à fala. Mas *a separação não é destino.* A separação é algo que pode ou não estar presente, e aqui Lacan evoca um *velle*, em francês um *vouloir*, em inglês *a want*, um querer. Isso é muito semelhante a uma ação pelo sujeito. *A separação requer que o sujeito "queira" se separar da cadeia significante.*[10]

No livro *O desejo do psicanalista: liberdade e determinação em psicanálise*, Diana Rabinovich desenvolve uma extensa discussão sobre essa questão, em que novamente aponta para o jogo etimológico realizado por Lacan com o termo *separare*, que remete a engendrar-se, mas também a *pars*, ou seja, a parte, o objeto. Assim, se a liberdade que está em jogo na alienação é a liberdade do "desaparecimento" (da morte), o querer que se encontra do lado da separação é da ordem do desejo do desejo do Outro: "pode o Outro me perder?"

Assim, segundo Rabinovich, a ética da psicanálise não pode ser de modo algum confundida com o determinismo absoluto do estoicismo ou do cristianismo. Ainda em relação à ênfase na decisão do sujeito, ela assinala a predominância em Lacan da função da "perda buscada" em contraponto ao luto, já que é o sujeito quem "cede" o objeto *a*.

A meta da psicanálise, então, "é que o sujeito obtenha certa margem de liberdade em relação ao lugar que ocupou como objeto do desejo como desejo do Outro"[11].

É nesse sentido que a psicanálise, ao operar com a fantasia, possibilita que o sujeito assuma um "desejo decidido" e "se vire" com seu sintoma. A fantasia, por ser uma construção do sujeito, pode ser atravessada em uma análise, assim que o objeto *a* cumpra, finalmente, sua função de causa do desejo. Como diz Lacan: "A fantasia constitui o enquadre da realidade: isso é aí evidente! E seria também impossível de deslocar, *não fosse a margem deixada pela possibilidade de exteriorização do objeto a*"[12].

[9] Lacan. *O seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/1988, p. 199).

[10] Soler. O sujeito e o Outro II (1997, p. 62).

[11] Rabinovich. *O desejo do psicanalista: liberdade e determinação em psicanálise* (2000, p. 145).

[12] Lacan. *O seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/1998).

referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. (1895). Estudios sobre la histeria. In: *Obras Completas de Sigmund Freud.* Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. Tomo II.

FREUD, Sigmund. (1914). Recuerdo, repeticíon y elaboración. In: *Obras Completas de Sigmund Freud.* Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. Tomo II.

FREUD, Sigmund. (1914). Introducción al narcisismo. In: *Obras Completas de Sigmund Freud.* Madrid: Biblioteca Nueva, 1981. Tomo II.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LACAN, Jacques. (1945). O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1946). Formulações sobre a causalidade psíquica. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1948). A agressividade em psicanálise. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1949). O estádio do espelho como formador da função do eu. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1956). O Seminário sobre "A carta roubada". In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1958). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 9: A identificação* (1961-2). Inédito. Tradução não estabelecida oficialmente de Ivan Corrêa e Marcos Bagno. Centro de Estudos Freudianos: Recife, 2003.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 10: A angústia* (1962-3). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais de psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

ROUDINESCO, Elisabeth & PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

RABINOVICH, Diana. *O desejo do psicanalista: liberdade e determinação em psicanálise.* Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

SOLER, Colette. O sujeito e o Outro II. In: FELDSTEIN, Richard; FINK, Bruce & JAANUS, Maire. *Para ler o Seminário 11 de Lacan.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

resumo

Este trabalho aborda a questão da determinação significante do sujeito do inconsciente, bem como o ato de decisão desse sujeito em sua entrada na estrutura, articulando esses dois movimentos de causação do sujeito ao conceito lacaniano de tempo lógico e sua formalização da noção freudiana de retroação. As idéias de antecipação (S_1) e *a posteriori* (S_2) são articuladas, topologicamente, à margem de liberdade que a estrutura, a partir do corte, oferece ao sujeito para que ele possa construir um desejo decidido em resposta ao destino.

palavras-chave

constituição do sujeito, ato psíquico, determinação, tempo lógico

abstract

This paper approaches the question of the signifier determination of the subject of the unconscious, as well as the act of decision of this subject in his entry in the structure, articulating these two movements of causation of the subject to the concept of logical time in Lacan, which formalizes the Freudian notion of retroaction. The ideas of anticipation (S_1) e of *a posteriori* (S_2) are articulated, topologically, on the liberty that the structure, from the cut, offers to the subject for him to be able to build a decided desire in response to destiny.

key words

constitution of the subject, psychic act, determination, logical time.

recebido
04/03/2006

aprovado
27/03/2006

A escolha do sujeito ou o escolho[1] em que o desejo "es-barra"?

Eliane Z. Schermann

Parafraseando a célebre citação de Freud: "Lá onde o Isso era, deve o sujeito (causado pelo desejo) advir", proponho discutir a expressão: "Lá onde estão o escolho e os percalços do desejo, a escolha há de vir".

uma "outra" concepção do conceito de repetição

Depois da descoberta freudiana do conceito de pulsão de morte nas neuroses de destino, traumáticas e de transferência, impôs-se ao conceito de desejo uma "outra" vertente da repetição. Essa outra vertente, distinta daquela regida pelos processos de continuidade e descontinuidade do pensamento inconsciente[2], remete o curso do desejo às estratificações do tempo e do simbólico, pois é efeito da insistência de um hiato. Desde os primórdios da teoria freudiana, mais especificamente desde *Projeto para uma psicologia científica*, de 1895, podem ser encontrados os germens dessa "nova" concepção do conceito de repetição que permite considerar a reiterada "recuperação" daquilo que insiste e se impõe ao desejo. Esse algo que insiste na repetição pode fazer com que o sujeito, ao ultrapassar suas balizas simbólicas, precipite-se em ato. Após o ato, o sujeito não será mais o mesmo.

Na repetição, há uma insistência na recuperação de um 'desperdício' correlato à perda do objeto. O que insiste é algo furtivo que se impõe ao encadeamento do desejo, às vezes como uma surpresa fugaz. Em um instante contingente, desvela-se para o sujeito como a "hora da sua ventura", a "hora da verdade" ou a "hora da morte". Após esse *es-barrão* com o inesperado, a fonte do desejo, ou seja, o âmago do ser, manifesta-se relançando suas variações ficcionais na metonímia do desejo.

O encontro com o obstáculo traça um limite e uma fronteira. Uma "escolha" se precipita como efeito do instante em que algo irrompe do encontro entre a deriva da pulsão e um "escolho". A característica fundamental desse encontro fortuito é impor-se ao desejo como um imponderável, um indizível. Ao sujeito resta apenas consentir e se deixar conduzir pelo que a

[1] O termo "escolho", no *Novo Dicionário Aurélio, século XXI*, é sinônimo de obstáculo, limite, dificuldade, sentidos aos quais acrescentamos a referência a um perigo ou a um risco iminente. Cf. Ferreira. *Novo Dicionário Aurélio, século XXI* (1999, p. 797). Ao utilizar a expressão "es-barra", queremos destacar a barra que divide o sujeito neurótico, processo por meio do qual é delegada à extimidade a causa de seu desejo e de sua divisão subjetiva. Abordamos dessa forma a "experiência" do encontro faltoso com o "real".

[2] Verificamos essa descrição incipiente em *Projeto para uma psicologia científica*, na passagem em que Freud trabalha sua teoria sobre o aparelho psíquico em relação à dor e ao sofrimento.

ele se furta e do qual não pode escapar: o objeto da pulsão[3]. Na constância pulsional, esse objeto se manifesta apenas como um traço da repetição de uma suposta experiência de satisfação, tida e perdida. Assim, apenas em perda, de satisfação ou de gozo, esse traço memorial do objeto pode advir como causa inefável e instigante do desejo inconsciente, ao se instituir, no sujeito falante, em seu caráter fundamental de corte. Dito de outro modo, somente como falta, perda, desperdício, pode exercer, em "extimidade"[4], sua função de causa do desejo; exclusivamente como ausência pode prometer uma representação/*a*-presentação, cuja antecipação se impõe ao sujeito em ato, precipitando-o em uma escolha subjetiva[5].

Não se pode mais, portanto, considerar tão-somente a existência de um determinismo da linguagem e do pensamento inconsciente articulado por suas representações e por seus sucessivos traços de memória. Em relação às escolhas do sujeito, somos levados a considerar a contingência, o acaso intrínseco ao encontro do desejo com o objeto furtivo. Ao se contrapor à constância da pulsão, no instante em que o curso do desejo esbarra no escolho, o objeto, na condição de memorial de gozo furtivo e sem-sentido, torna-se ativo e subverte o sujeito.

a constante "terceira"[6]

Em *O tema dos três escrínios*, de 1913, Freud observa a repetição de encontros inesperados e incompreensíveis do curso do desejo como um impasse, convocando os personagens de alguns mitos, contos e tragédias ao tema da escolha. Em seu amplo inventário sobre esses diversos mitos e tragédias, Freud constata que, embora os enredos fossem muito variados, havia no tema da escolha algo conservador e constante. Assim, nos diversos enredos em que a escolha se impunha, Freud aproxima essa constante da noção de repetição observada em um lugar de terceiro/terceira. Lacan também destaca a função da terceira e mostra que, havendo a alternância entre presença e ausência, definem-se dois lugares, embora se possa falar em repetição apenas em um terceiro momento. Em outras palavras, apenas a partir desse terceiro momento a marca da diferença se estabelece. É esse traço da diferença, traço que nada mais é do que a marca da repetição de um hiato, que permite ao sujeito ser relançado como desejo.

Voltemos ao momento em que Freud condensa na "mudez" as peculiaridades da "terceira", tornando-a equivalente a uma possível representação da morte e do silêncio pulsional. Por que a escolha da "terceira"? Nesse lugar vazio de sentido e

[3] A natureza do desejo é a de reencontrar a ilusão de uma primeira experiência de satisfação em que o objeto é apenas uma imagem, ou seja, uma "alucinação". O encontro com o objeto é, então, apenas o re-encontro com os traços do objeto que a memória tenta recuperar. Segundo Freud, haveria três etapas lógicas para definir o desejo com base na experiência de satisfação. Primeiro tempo lógico: a experiência de satisfação propriamente dita, cujo objeto não é real, mas somente "alucinação". No segundo tempo, haveria uma recuperação de um traço perceptivo associado à primeira experiência mítica de satisfação e, conseqüentemente, um efeito de perda. Apenas no terceiro momento, a mítica e impossível satisfação pulsional do desejo seria caracterizada pela repetição dessa perda e pela reiterada busca do traço em que a perda se inscreveu. As marcas da experiência de satisfação, regidas pelo princípio de prazer/desprazer e inscritas no aparelho psíquico pela excitação e pela tendência à redução de tensão do aparelho psíquico, confluem na própria definição freudiana dada ao "estado de desejo". Freud define esse "estado de desejo" pelos resíduos de percepção e de imagens mnêmicas do objeto, que remetem à noção de perda, de desperdício, e, conseqüentemente, à sua "recuperação", tornando possível conceber a produção de prazer ou de sofrimento.

[4] Em Lacan, a noção de "extimidade" nos remete ao estranho e, ao mesmo tempo, familiar correlato ao objeto freudiano, que se localiza, simultaneamente, fora e dentro da "casa que habita o homem", seu *ethos*.

significação, pleno de intencionalidade de satisfazer o desejo inconsciente – algo que é da ordem de um impossível! – e onde vigora a tendência a reduzir a zero a excitação geradora de mal-estar, a "terceira" se manifesta como uma constante, traduzida na repetição de um oco de significação, no sem-sentido, na ausência (*ab-sence*). Segundo Lacan, essa constante, precisamente porque é uma repetição, torna-se significante, ou seja, antecipa um *futuro anterior* (*Nachträglich*), podendo ser lida como significância, portanto, apenas em um *a posteriori*.

Além disso, a repetição é justamente a atualização da neurose de transferência relativa à fantasia fundamental, ou seja, ao que se articula da neurose infantil. O sujeito a vive como algo real e atual sem saber que o passado é uma força atuante[7]. Como afirma Lacan, não apenas o real é impossível, como também é impróprio para ser realizado, quer dizer, para ser imaginado como algo dotado de um sentido. A própria idéia de real comporta a exclusão de todo sentido.

Como dito acima, já em *Projeto para uma psicologia científica*, ao estudar a dor e o sofrimento[8], cuja intensidade de excitação ultrapassava o que nomeia de "barreira de contato", Freud delineia os rudimentos do que seria amplamente desenvolvido em suas descobertas futuras: o conceito de repetição em sua dupla vertente, a repetição de representações inconscientes, de traços mnêmicos, e a repetição como falha, hiato e suspensão.

O pensamento inconsciente regido por uma lei de *associação por simultaneidade*[9], ou seja, por um automatismo de repetição, segue as leis do deslocamento e da condensação. Na regularidade da lei, prevalece a repetição de traços de memória do pensamento inconsciente submetidos ao princípio de continuidade/descontinuidade. A noção de repetição, todavia, não se esgota no automatismo da repetição; vai além ou aquém, e alcança a suspensão das associações.

Apenas nos anos 1920, Freud descobriria que, para além da repetição dos representantes da representação, algo irrompe e atua às cegas, e se revela de forma abrupta e incondicional. Constata, então, que o irrepresentável, condição de toda representação, é que convocava o desejo a se manifestar como suspensão e a se precipitar em um além do prazer. Dito de outro modo, o que essa outra vertente da repetição reitera é o incondicional da pulsão (*Zwang*). Não se trata mais apenas de uma decifração da repetição das representações inconscientes. É preciso estar atento à insistência de cifras contingentes, irrompendo na pulsação dos hiatos do movimento pulsional.

[5] Em *O mito individual do neurótico*, apoiando-se na noção de 'mitema' da antropologia estrutural de Lévi-Strauss, Lacan destaca no conceito freudiano de repetição aquilo que insiste, embora se furte à articulação do enredo do mito. Trata-se do que está nas entrelinhas do mito e que, no entanto, é o mais significativo e determinante na história do destino das sucessivas gerações dos heróis trágicos. O mito, ainda segundo Lacan, é o que dá forma épica à tragédia e à miséria da existência humana. Recorremos à tragédia para abordar o inevitável da condição humana sempre voltada para a "morte". A cada dia, o vivente caminha em direção a ela. Logo, está sempre marcado pela inércia inerente à pulsão de morte, pelo enigma de sua existência, pela repetição e pelo retorno aos pontos de impasse de seu desejo.

[6] Lembremos o texto de Lacan *A terceira*, no qual ele conduz a uma reflexão sobre o *real*. Afirma: "o real [...] é o que anda mal"; "o real é o que volta sempre ao mesmo lugar". Ou ainda: "não há a menor esperança de alcançar o real pela representação". Lacan. La tercera (1975/1998, p. 81-82).

[7] É o que Freud mostra em seu texto *Recordar, repetir e elaborar*, de 1914.

[8] De forma incipiente no *Projeto*, ao trabalhar a dor e o sofrimento na experiência de satisfação, Freud já sugere a presença de uma ausência (de representação) ou de um hiato que irrompe e se manifesta como suspensão das associações.

a repetição, efeito ou causa da escolha pela "terceira"?

Quer se trate de uma mulher escolhendo um homem entre três pretendentes ou, no caso inverso, de um homem que deve escolher entre três mulheres, como na comédia shakespeareana *O mercador de Veneza*, em que a bela e sábia Portia não é simbolizada "nem pelo ouro, nem pela prata, mas pelo chumbo, a escolha sempre recai na terceira. Do mesmo modo, no conto shakespeareano *O rei Lear*, a escolha que o rei faz da filha que mais o ama, de acordo com as provas de amor que as três que tem lhe dão, recai, uma vez mais, na terceira, que é a mais silenciosa.

A terceira mulher, considerada a mais excelsa, é a "irreconhecível, a indistinguível", "a que permanece muda, ama e cala". Em nosso folclore popular, embora a escolha seja feita pelo pretendente homem – o escolhido é o terceiro –, também encontramos a constante "terceira": "Teresinha foi aquela a quem ele (o terceiro pretendente) deu a mão". Assim, nos distintos temas de escolha, seja esta feita por um homem ou por uma mulher, há uma constante que se repete e instiga o desejo a retornar, para que a escolha se imponha desde o lugar de terceiro ou de terceira.

Nas versões modernas das três Parcas, Moiras, Nornas, nessas deusas do destino, uma vez mais Freud encontra a constante "terceira", cujo nome é *Átropos*, a "inflexível". Sua principal característica é a imutabilidade de seus desígnios. *Átropos* é a fiandeira responsável por cortar impiedosamente o fio do novelo da vida do mortal, e personifica o destino inevitável estreitamente relacionado às Horas. Na mitologia grega, as Horas representavam os aspectos inesgotáveis e obscuros do tempo. "Porteiras do céu"[10], eram responsáveis por regular e renovar os ciclos de vida e a hora da morte dos homens. Eram as Horas que advertiam o homem de seu destino, lançando-o, precipitando-o em um ato que determinava seu trágico futuro[11]. Segundo Freud, "as Horas, assim, tornaram-se as guardiãs da Lei natural e da Ordem que fazem a mesma coisa reaparecer na Natureza numa seqüência inalterável"[12].

De modo geral, o destino e, conseqüentemente, a escolha já se encontravam antecipados nos desígnios dos deuses e dos oráculos. Para escapar à figura de horror e espanto provocada pela constatação de ter de se deparar com o destino inexorável nos mitos e nas tragédias[13], surge o tema da escolha do belo e o tema da escolha do(a) mais desejável. Em especial, a figura da mais desejável das mulheres representa a hora da morte, ou seja, aquelas que acolhem o último desejo do herói, como Freud esclarece no inesperado encontro com "a hora da morte"[14].

[9] Freud. Projeto para uma psicologia científica (1895/1972, p. 423).

[10] Assim designadas por Homero na *Odisséia* e na *Ilíada*.

[11] Como exemplifica paradigmaticamente as tragédias *Édipo-Rei* e *Édipo em Colona*, embora seu trágico destino tenha sido prenunciado pelos oráculos em uma anterioridade lógica, o herói "nada sabia". Era ele mesmo o assassino procurado. O saber o precipita no ato de se cegar.

[12] Freud. O tema dos três escrínios (1913/1974, p. 375).

[13] Nas tragédias, o destino do herói e a morte são companheiros inseparáveis, como bem expressam as palavras de Édipo enunciadas nos últimos instantes de sua trágica vida. Cego e maltrapilho, ele diz: *Mè phunai* (Antes não tivesse nascido!).

[14] Lacan destaca no equívoco permitido pela língua francesa a ambigüidade das expressões: *bon-heure* (a boa-hora, a da 'felicidade', a do parto), *leurre* (engano), *l'heure* (a hora). Essas expressões mostram que, embora o homem se furte ao que o ameaça, não escapa de se precipitar no fatídico e no inelutável, ou seja, naquilo de que o neurótico menos sabe ou quer saber: o instante em que é precipitado pelo ato que o decide. Isso ocorre porque há algo que insiste em se manifestar e que é determinante na escolha subjetiva.

O que não é existência, mas insistência é encarnado nas imagens da mulher que gera e dá à luz, que destrói e silencia, e que evoca as idéias de nascer, crescer e frutificar, e na da mãe-terra que acolhe o homem na hora da morte. Segundo o mito das Valquírias, também lembrado por Freud, as mulheres recolhem os heróis dos campos de batalha para levá-los à perpetuidade e ao eco dos tempos.

Assim, no tema da escolha dos três escrínios, Freud exalta o que é característico da mulher[15]: seu endereçamento aos representantes fálicos a que recorre para revestir o que nela evoca o vazio enigmático da falta de representação. E enumera os diferentes objetos que a vestem: cofrinhos, vasos, etc., todos eles com o atrativo de envolver o vazio repetitivo e enigmático da falta de representação fálica, correlato ao "continente negro" evocado por ela[16].

Enfim, as múltiplas figurações imaginárias da mulher escolhida fazem da "terceira" a personificação da "muda", da "inexorável", da "indistinguível", da "inacessível". Por fabricar seu ser com o nada, ou seja, por ter de se haver com o ser repetidamente reinventado, Lacan aproxima as mulheres, tomadas uma a uma, do registro do real. Para ele, uma mulher, essa amiga do real, pode representar para um homem a sua "hora da verdade"[17].

Mas será o homem capturado nas malhas do mito pela constante terceira? Será ele quem a escolhe ou será ele "*a*-colhido" pela "terceira"?

Assim como Édipo, em face da Esfinge, é convocado pelo enigma acerca de sua origem, "decifra-me ou te devoro", o homem tem o dever ético de escolher entre a decifração e a morte. A escolha da decifração sugere algo já perdido. Há uma insistência em ser "reencontrado" para ser decifrado. A insistência visa produzir sentido e significância. Por outro lado, aquilo de que o sujeito se furta nada mais é do que a cifra de seu gozo repetitivo.

Por exemplo, ao tentar se furtar dos desígnios dos oráculos, Édipo nos remete a uma defesa presente em todo neurótico: "não querer saber nada d'isso". A tragédia da existência desse herói trágico comprova que ele foi convocado pelo próprio "destino" a responder "aos desígnios dos deuses"[18] com uma "escolha forçada". Ao fugir de seu destino, acaba por se constatar na "obediência" a uma Lei que o compelia a agir para desvelar a causa de sua existência. Ao mesmo tempo, essa Lei lhe impunha uma interdição: gozar da mãe. A castração, encarnada por ele na cegueira como castigo pelo gozo incestuoso, representa o preço pago por todo falante por padecer da linguagem, por ser desejante.

[15] As diferentes figuras de mulher envolvem o silêncio e a mudez característicos do gozo incestuoso de que o neurótico se furta por padecer dos interditos da Lei e da castração. O gozo pulsional é efeito da Lei que se constitui em barreira e institui um corte edificando uma fronteira, um limite. Este, sendo escolho, permitirá que a escolha seja definida entre a mãe e/ou a mulher. É a Lei e o que a ela se furta e é mantido à deriva que serão determinantes para a modalidade de gozar peculiar e particular de cada sujeito, uma vez que é o inconsciente que a determina.

[16] Desnudada de seus semblantes fálicos, apenas resta à mulher, que, segundo Lacan, "não existe", tomar-se a si como Outra. Uma mulher, cada mulher à sua maneira, uma a uma, aloja-se e ajeita-se com seus semblantes fálicos para poder lidar com aquilo que a deixa na deriva, em razão de sua íntima e estreita relação com o real da insistência e da "insignificância", ou seja, com o que nela há de *ab-sense*.

[17] Lacan. *Televisão* (1973a/1993, p. 71).

[18] Lacan afirma primeiramente que "os deuses são inconscientes"; depois, que "os deuses são do real". Considerando que, de um lado, o inconsciente, a partir do recalque e do "não é isso", ou seja, da "negativa" freudiana, pode ser submetido à decifração, e, de outro, que "é do próprio movimento do inconsciente que provém a redução do inconsciente à inconsciência, na qual o movimento da redução se furta

por não poder medir-se pelo movimento como sua causa". Lacan. O engano do sujeito suposto saber (1968a/2003, p. 333). "Tudo o que é inconsciente joga apenas com efeitos de linguagem". *Ibid.*, p. 335.

No neurótico, regulado por uma Lei que mantém interdito o "gozo incestuoso", prevalece um "nada saberás". Desse lugar vazio de significação, todavia, uma insistência insidiosa porta ao corpo sexuado um traço distintivo e singular: o traço unário (*einziger Zug*). Esse traço é uma pura insistência que, na condição de cifra de repetição, evoca o que, no desejo e no sexo, é repetida perda. Traduz a repetição de um "não há", que se traduz na expressão de um "não há relação sexual", não há encontro com "a cara-metade" ou com a complementaridade, constituindo-se, portanto, uma defasagem entre o que é visado pelo desejo e o que é encontrado.

O curso do desejo faz o sujeito retornar às origens, a um lugar ignorado. O enigma despertado pelo sofrimento convoca o desejo rumo à procura de um certo "saber possível" sobre as causas. Insistente, a causa nada mais é do que aquilo que faz o sujeito gozar, uma vez que é o inconsciente que a determina. Para exemplificar isso que acaba de ser dito, veja-se esta passagem do texto lacaniano *O engano do sujeito suposto saber*:

> No entanto, acaso não poderíamos perceber que a única diferença, mas a diferença que reduz ao nada aquilo de que difere, a diferença de ser, aquela sem a qual o inconsciente de Freud é vão, está em que, ao contrário de tudo o que se produzira antes dele sob o *label* do inconsciente, ele deixou bem claro que é de um lugar diferente de toda e qualquer apreensão (*prise*) do sujeito que se revela um saber, visto que ele só se oferece naquilo que do sujeito é engano?[19]

[19] *Ibid.*, p. 337.

Efeito de um "escolho" no qual o curso do desejo "es-barra", a repetição de um traço singular insiste; "ao ultrapassar o *Begriff* (apreensão), promove um nada que se afirma e se impõe pelo fato de sua própria negação apontá-lo para a confirmação de seu efeito, que não faltará na seqüência"[20].

[20] *Ibid.*

Que saber é esse que se revela no "engano" (ou equívoco?) do sujeito? É possível surgir algum efeito dos impasses que não seja enganoso? Pode-se considerar esse saber equívoco equivalente à posição do sujeito, tal como inscrita no real? Dessa indeterminação de sujeito o próprio sujeito há de encontrar a certeza da inscrição e se distinguir como efeito de seu ato. Seu ato o desvela como inequívoco, pois emerge do lugar de *a*topia extraído da regularidade da lei. Nesse lugar, ele equivale à sua divisão subjetiva, lugar de escolho, impasse do desejo ou sua possível ultrapassagem.

Para a subjetividade, o "não" é lugar de *a*tração. Nesse lugar, inscreve-se o nó do que não é interpretável. Lá, o sujeito é esperado para desvelar o que insiste desde uma "extimidade". Dessa fenda aberta, insistente embora "muda", o sujeito não pode se furtar a constatar "uma certa modalidade de gozar de seu inconsciente uma vez que essa (modalidade de gozo) é por ele (pelo inconsciente) determinada"[21]. É possível atribuir um saber a esse nó que não é interpretável, a esse nó por vezes enganoso e equívoco, mas que, outras vezes, em razão da repetição, irrompe como o lugar de onde o sujeito extrai a certeza de seu ato? É possível desvelar desse nó inarticulável um saber sobre algo que, embora indizível, não se desvincula dele? Trata-se aqui de algo correlato ao real do gozo. Embora inefável, o gozo não prescinde do Outro. "No descaminho do nosso gozo só há o Outro para situá-lo, mas é na medida em que dele estamos separados"[22].

[21] Lacan. *O Seminário, livro 22: R.S.I.* (1974-1975).

[22] Lacan. *Televisão* (1973a/1993, p. 58).

conclusão

No fatídico, no *factum*, a "inelutável severidade da Lei e sua relação com a morte e a dissolução"[23] encontram expressão no "acidental que se acha incluído na regularidade do destino". Para falar em regularidade, é preciso ter ao menos dois traços. O que se furta a eles advém em um terceiro momento.

Para Freud, trata-se da "experiência", mas é possível aproximar essa noção freudiana de "experiência" do que Lacan destaca em relação ao ato determinante de uma mudança radical do sujeito no preciso instante em que ocorrem as "reviravoltas" do destino? O sujeito, após o instante em que irrompe em ato, não é mais o mesmo. Quer seja pelo ato sexual, em que a diferença decide a sexualidade, quer seja pelos efeitos da castração, em que o inconsciente determina uma modalidade peculiar de gozar, o sujeito subvertido será sempre efeito de um objeto tornado ativo.

Indague-se uma vez mais: é possível aproximar a noção freudiana de "experiência" do que Lacan destaca do próprio conceito freudiano de repetição? Ao distinguir a repetição em duas vertentes, Lacan, de um lado, aborda a noção de *automaton* como correlata ao automatismo da repetição; de outro, faz prevalecer na *tychê* o incondicional da pulsão (*Zwang*). Assim, é correto considerar a segunda vertente da repetição como uma antecipação teórico-clínica da noção de ato analítico impondo-se na transferência?

A descoberta freudiana comprova que "o inconsciente trabalha sem pensar, nem calcular, nem tampouco julgar, e que, ainda assim, o fruto está aí: um saber que se trata apenas de decifrar, já que ele consiste num ciframento"[24]. Para Lacan, tudo surge da estrutura significante[25]. A relação do sujeito com

[23] Freud. O tema dos três escrínios (1913/1974, p. 375).

[24] Lacan. Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos (1973b/2003, p. 553).

[25] "O significante produzindo-se no campo do Outro faz surgir o sujeito de sua significação. (...) Mas ele só funciona como significante reduzindo o sujeito em instância a não ser mais do que um significante, petrificando-o pelo mesmo movimento com que o chama a funcionar, a falar, como sujeito". Lacan. *O Seminário – livro 17: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/1992, p. 197).

o Outro da linguagem se engendra em um processo de partição, corte, que, inerente ao movimento de abertura e fechamento, produz, ao irromper da pulsação temporal inconsciente, um efeito súbito e fugaz. Dessa pulsação temporal, evoca-se a noção freudiana de repetição como algo que "não cessa" de se inscrever, uma vez que é necessária à estrutura da fala.

Por isso, destacou-se aqui do conceito de repetição sua dupla vertente: repetição de representações inconscientes, de traços mnêmicos, e repetição como falha, hiato e suspensão, produzidos pela falta de um objeto relativo à pulsão. De um lado, o movimento de continuidade e descontinuidade determinado pela regularidade da Lei do desejo, que se manifesta na associação por contigüidade e por simultaneidade, e segue as leis de deslocamento e de condensação. De outro, a contingência do ato.

Define-se assim a distinção entre o automatismo da repetição correlato à tentativa da memória de recuperar pelos representantes da representação os traços dela abolidos, e a compulsão à repetição, em que a pulsão se impõe e convoca o desejante ao ato. Essa distinção é determinante na direção de um tratamento em que se propõe ir além da identificação aos ideais. Em outros termos, ir além do pai, sem prescindir dele, visa ao que se pode extrair da repetição e da pulsão.

A repetição é inerente ao destino de todo ser falante, em que estão sua marca e seu selo. Na abolição das marcas e dos traços, o desejo se precipita e o ato decide o sujeito. Pela repetição, o inconsciente se realiza e atualiza a realidade psíquica na transferência. O ato, por sua vez, é da ordem da contingência de uma decisão, ou seja, impõe-se do que se furta ao "não penso" e ao "não sou" disjuntivos da lógica cartesiana. O ato não se demonstra, mas se constata no *a posteriori* por seus efeitos. De forma análoga a isso, Lacan mostra que "identificar-se com o sintoma" é um efeito do que se furta ao sofrimento articulável em significantes, quando se torna possível dizer que o sujeito afirma sua singularidade em uma identificação com o seu ser de gozo.

O percurso da experiência analítica, portanto, vai do esperado ao instante em que a contingência irrompe. Dito de outra forma, trata-se do que, na experiência analítica, escreve-se da "destituição subjetiva" ao "des-ser do analista".

referências bibliográficas

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio, século XXI.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREUD, Sigmund. (1895). Projeto para uma psicologia científica. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1972. Vol. I.

FREUD, Sigmund. (1899). Carta 125. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1972. Vol. I.

FREUD, Sigmund. (1911). Formulações sobre os dois princípios de funcionamento mental. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1972. Vol XII.

FREUD, Sigmund. (1913). O tema dos três escrínios. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud Obras Completas.* Rio de Janeiro: Imago, 1972. Vol. XII.

FREUD, Sigmund. (1914). Recordas, repetir, elaborar. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1972. Vol. XII.

FREUD, Sigmund. (1920). Além do princípio do prazer. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1972. Vol. XVIII.

FREUD, Sigmund. (1925). A negativa. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1972. Vol. XIX.

HANNS, Luís. *Dicionário comentado do alemão de Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1998.

LACAN, Jacques. (1956). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1960). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 8: A transferência* (1960-1961). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 10: A angústia* (1962-1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LACAN, Jacques. (1964). Posição do inconsciente. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979.

LACAN, Jacques. (1966). Do sujeito enfim em questão. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1968a). O engano do sujeito suposto saber. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LACAN, Jacques. (1968b). La psychanalyse dans ses rapport avec la realité. *Scilicet 1*. Paris: Seuil, 1970.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 16: D'un Autre à l'autre* (1968-1969). Inédito.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 17: O avesso da psicanálise* (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, Jacques. (1970). Radiophonie. *Scilicet 2/3*. Paris: Seuil, 1970.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 20: Mais, ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982.

LACAN, Jacques. (1973a). *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

LACAN, Jacques. (1973b). Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos *Escritos*. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 22: R.S.I.* (1974-1975). Inédito.

LACAN, Jacques. (1975). La tercera. In: *Intervenciones y textos 2*. Buenos Aires: Manantial, 1988.

MASSON, Jeffrey M. *A correspondência completa de S. Freud a W. Fliess*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

resumo

Este trabalho debate as descobertas iniciais de Freud sobre a etiologia da "escolha da neurose" e a noção de ato em Lacan. Para tanto, foi possível apreender a íntima relação existente entre o tema da "escolha forçada" e o escolho, o obstáculo (*obstacle*) no qual o curso do desejo esbarra. De fato, o objeto se torna ativo e o sujeito subvertido, exilado de sua "satisfação pulsional", termo freudiano correlato ao conceito lacaniano de "substância gozante", que se manifesta insistentemente no corpo do vivente, marcando-o como sexual em sua singularidade. Recorremos ao texto freudiano *O tema dos três escrínios*, no qual constatamos a existência de uma constante – a terceira – que se aproxima do conceito de real em Lacan.

palavras-chave

escolha, escolho, ato, conceito lacaniano de real

abstract

The proposal of this work consists of debate the Freud initial discoveries about the ethiology of "choice of neurosis" and the notion of act in Lacan. Therefore, it was possible learn the intimate relation between the theme of "forced choice" and the obstruction in which the course of desire is blocked up. As a matter of fact, the object becomes active and the subverted subject is exiled out of his "pulsional sactisfaction". This is the freudian term correlative to the lacanian term "enjoyable substance", the one that is insistently experimented at the body marked by the sexual in its singularity. From the freudian text *The subject of the tree coffers*, we have reported the existence of a constant – the third – which approaches to the lacanian concept of the real.

key-words

choice, obstruction, act, the lacanian concept of real

recebido
17/01/2006

aprovado
14/02/2006

trabalho crítico com os conceitos



Entre o saber e o ser, o 'saber fazer' como escolha

Beatriz Elena Maya Restrepo

Geralmente utilizamos como uma afirmação o que Lacan nos pergunta no *Seminário – livro 24: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre* (1976-1977): "em que consiste a demarcação que é a análise? Seria isso identificar-se ou não, tomando suas garantias de uma espécie de distância de seu sintoma?"[1]. Aí mesmo, ele adianta que o sintoma é o que se conhece, sendo sobre esse ponto, o "conhecer", que centra sua hipótese. Propõe, cito, "saber o que fazer ali com seu *sinthoma*, esse é o fim da análise"[2]. Responder sua pergunta implica, então, decompor sua frase em duas partes: "o que significa o saber fazer?" e "de que sintoma ele fala?"

[1] Lacan. *O Seminário – livro 24: L'insu que sait* (1976-1977) (Inédito, aula de 16 de novembro de 1976).

[2] *Ibid.*

Do meu ponto de vista, essas duas proposições estão ligadas por uma noção que atravessa toda a obra de Lacan, a de *traço unário*. Desde o *Seminário – livro 9: A identificação* (1961-1962), seu estatuto é o de letra, daquilo que faz a diferença entre um significante e outro. O seminário de 1961-1962 se atualiza no de 1976-1977, para ligá-lo à função da nominação e da escritura, após o passo do *Seminário – livro 19: ...ou pior* (1971-1972), pelo qual Lacan toma o traço unário para deixar a noção de identificação ligada a uma concepção do igual e entendê-la como diferença, indo na direção contrária do que Freud introduziu como lógica do Todo, ou seja, a identificação tomada como 'mesmidade', como 'fazer-se igual'. Isso explica por que Lacan não volta a falar da dupla alienação-separação, mas apenas de alienação: trata-se de alienar-se no Outro em um significante que dá ao sujeito, paradoxalmente, um momento único que lhe permite a diferença, não reconhecida pelo neurótico, mas conquistada no processo da análise. Um significante-traço que é o mesmo sujeito e que, subtraído do conjunto "todos", descompleta-o e introduz um não-todo. É por isso que, a partir do *Seminário – livro 19*, vige o traço nomeado como "há um" ("y a de l'un"), ou seja, há uma passagem do unário ao Uniano que marca a contribuição de Lacan para além de Freud, mas não sem Freud. Dito de outro modo, Lacan introduz o traço na lógica do zero e do um, por meio da qual nos conduz à explicação da inexistência como algo, isto é, como algo que se marca com o zero. Assim, o zero é o número que marca a inexistência como existente, levando-o a afirmar: "*nada* de uma necessidade lógica que se manifesta por

uma repetição"[3] a partir do Um, *nada* que marca a inexistência como condição da existência que origina o traço.

Da lógica Lacan passa para sua topologia, com a qual *O Seminário – livro 23: O sinthoma* (1975-1976) nos dá o traço como *reta infinita*[4], "pelo fato do nó borromeano ter dado outro suporte a esse traço unário; por isso, em minhas notas, escrevo RI. RI são iniciais que querem dizer reta infinita", um Um inicial, para fazer do sujeito escritura, já que o nó em sua combinatória é a escritura de uma marca que circunda um furo. Escritura que se pode entender tomando o traço como risco, como traçado, como impressão que tenta circunscrever algo, um furo *nada* que chamamos objeto *a*, e que podemos escrever *f(a)*, no qual a variável pode ser ocupada por alguns objetos parciais imaginários que caem quando o traço se desvela no fim da análise, deixando um buraco em hiato, bordeado pelo traço que, na condição de risco traçado, faz corte sobre o real do corpo.

Não se trata, então, de uma variação caprichosa de escritura quando se vai do sintoma ao *sinthoma*. Trata-se de um nome novo para o que aparece no final da análise. Do sintoma do início, o das formações do inconsciente que busca sentido e se situaria do lado do penso, ao outro, o *sinthoma* como efeito de rasura, de apagamento do primeiro, a saber, do recorte de sentido depois de um amplo trabalho de ida pelos edifícios da metáfora, da metonímia e de um retorno no processo que Lacan chama "demarcação da análise", até chegar à origem, à causa que se faz letra, número, Real; aqui, o *sinthoma* está do lado do ser. Em sua proposição do final, a expressão de Lacan "conhecer o sintoma" pode, portanto, ser entendida como a demarcação de um lugar, um deslocamento topológico marcado zero com o movimento da reta infinita ou traço unário.

Em outras palavras, o traço unário ou reta infinita para fazer um nó do falso furo do simbólico e do sintoma neurótico, isto é, passar do sintoma ao *sinthoma* que dá consistência ao nó, para que esse subsista borromeanamente[5]. Isso se dá porque o traço na ordem da articulação significante S_1–S_2 faz sintoma, porém, na análise, trata-se de soltar os nós pouco a pouco, de rasurar o sentido até isolar o S_1 primordial. O traço unário com o qual se poderá, ao fim, eleger um enodamento diferente, fazendo desse traço um *sinthoma* com o qual se nomeia cada sujeito.Trata-se, assim, de fazer corte e iniciar um fazer com a letra, que implica necessariamente um ato criativo com o que de mais singular lhe aporta seu traço.

Passamos do sujeito da representação na cadeia significante para o sujeito que se sustenta na cadeia borromeana:

[3] Lacan. *O Seminário – livro 19: ...ou pior* (1971-1972) (Inédito, aula de 19 de janeiro de 1972).

[4] Lacan. *O Seminário – livro 23: o sinthoma* (1975-1976) (Inédito, aula de 11 de maio de 1976).

[5] *Ibid.*

consistência (I), furo (S) e existência (R) enodados pela nominação equivalente ao sinthoma. Entre as três identificações necessárias nomeadas por Freud, o traço unário dá a consistência que bordeia todo o nó, e que no neurótico tem orientação que é dada pela repetição do traço que leva ao sintoma. É possível, contudo, dar-lhe outra orientação no tratamento, valendo-se do que permite a reta infinita, passível de ex-tirar, escrito com *x* por equivaler a tirar no sentido de despojar o Outro de algo que o levará a ex-sistir na realização do novo, segundo a repetição kierkeggardiana, "a única a ser necessária" no *sinthoma*, isto é, o traço como significante reiniciará um movimento que constituirá a consistência simbólica de um furo do ser sobre o qual apenas se poderá saber como *dizer do traço* na construção ou criação de algo novo na ordem simbólica, do qual cada sujeito dará conta em seu estilo e, se o quiser, testemunhará no passe. Ao cartel caberá verificá-lo, "saber"[6] encontrar a marca levada como conseqüência da demarcação que foi a análise no desejo do analista no final, que ocupará ou não a cadeira do analista por meio da qual poderá ser nomeado AE.

Nesse mesmo *Seminário – livro 23: O sinthoma* Lacan propõe Joyce como modelo dessa identificação com o traço. Por que Joyce como modelo? Saber fazer ali com a letra quer dizer bordear o furo com o traço que nele, proponho, seja o "filho necessário" fisgado por Lacan como o que não cessa de se escrever, que faz sinthoma nele, "o *si-malo* do *sin-ptoma* donde Joyce, em Stephen Dédalus, reconhece-se como filho necessário, o que não cessa de se escrever"[7], "uma voz do filho, portadora, justamente, de um certo saber-fazer sobre o significante"[8]. É a partir do traço que Joyce cria; saber fazer com seu traço, cuja repetição tece a consistência imaginária que na falha, na falta – escritura feita com o "um encarnado na *alíngua*"[9], posto que despojado de qualquer intenção de significação ou de sentido – bem trabalha, no entanto, em seu estatuto de letra. Trata-se de um "saber fazer com a letra" para fazer-se ele mesmo um *sinthoma*, para Ser um *sinthoma*, para, aí, nomear-se. Para o analisando, também se trata de um saber fazer ali com...? O que é o ali? O lugar para onde irá seu Ser marcado por um *a* unido a um traço, uma união construída por Lacan com base na série de Fibonacci[10]. Da mesma maneira que a noção de "número de ouro", desenvolvida no *Seminário – livro 14: A lógica da fantasia*[11], lugar de uma perda em que ele, no *Seminário – livro 17: O avesso da psicanálise*, assinala valendo-se da repetição do traço. O número de ouro nos mostra o *a* e, então, o Ser como uma função de incomensurabilidade que permite entender "a realização subjetiva ao cabo da tarefa analítica", quer dizer, no final da análise.

[6] Lacan. Note italienne (1973/2001, p. 308-9).

[7] Lacan. Joyce el síntoma II (1975/1997, p. 12) e *O Seminário – livro 23: o sinthoma* (1975-1976) (Inédito, aula de 13 de janeiro de 1976).

[8] Lacan. *O Seminário – livro 23: o sinthoma* (1975-1976) (Inédito, aula de 20 de janeiro de 1976).

[9] Lacan. *Le Séminaire – livre 20: Encore* (1972-1973/1975, p. 173).

[10] Lacan. *O Seminário – livro 16: Do Outro ao outro* (1968-1969) (Inédito, aulas de 22 e 29 de janeiro, 5, 12 e 26 de fevereiro, e 11 de junho de 1969).

[11] Lacan. *O Seminário – livro 14: A lógica da fantasia* (1966-1967) (Inédito, aulas de 1º e 8 de março, e 19 de abril de 1967).

Desse modo, $f(a)$ é um lugar que causa o ser, circunscrito pela letra do traço. No fim da análise, é com esse furo, mas também com o traço-letra que se fará algo. *Saber-fazer-ali-com*, quatro palavras para um só significante. O que se sabe? O S_1 do traço, saber inconsciente que opera pela repetição, saber da letra, um saber distinto do escrito como aquilo que assinala o sentido. E o fazer? Implica um ato, para alguns, o analítico, fazer com o furo circunscrito do *a*, ou seja, saber operar como causa para outro, como agente de um processo novo. "O ensino? Trata-se de provocar nos demais o saber fazer ali, quer dizer, desembrulhar-se nesse mundo que não é um mundo de representações, mas sim um mundo da burla, da fraude"[12]. "Saber-fazer-ali-com, esse é o final da análise", diz Lacan. Trata-se do saber fazer com a letra do S_1, saber que não há possibilidade de um sentido S_2 para a constituição do Ser do sujeito, que o discurso analítico produz S_1 e também que o S_2 pelo qual se nomeia a verdade como um sentido não passa de uma burla, de uma fraude. Reconhecer aí o fazer de seu traço-*sinthoma* é o que dá consistência ao furo da castração, um ato homólogo ao de Joyce. Isso quer dizer que, no fim da análise, tornamo-nos não escritores de obras, literatos, mas sim escritores operantes com a letra do inconsciente sustentados por ele. Ser analista é identificar-se com o *sinthoma*, é ser o *sinthoma*, letra *a* que causa, com um S_1, o movimento criativo, única maneira de entender a expressão: "o psicanalista não pode conceber-se de outro modo que como um *sinthoma*", furo do qual se suporta a hipótese do inconsciente. Furo do Nome-do-Pai. Cito: "É nisso que a psicanálise, tendo êxito, prova que se pode também prescindir do Nome-do-Pai. Pode-se muito bem prescindir dele sob a condição de servir-se dele"[13]. Furo, portanto, construído do movimento da reta infinita, que do falso furo da união do sintoma com o símbolo faz furo real.

Voltemos a *ali*. O sujeito tratado como *parlêtre*, que faz uso de *alíngua*, quer dizer, do traço, é um eco do que Heidegger propõe à abertura do Ser. Por isso, não se espera um "sou isso" impossível, exceto como "lá, aí, ali, do ser" que o traço dá como furo que circunscreve o que do ser não se tira, dimensão (*ditmension*) ou mansão do dito que se mostra no "sou um" ("*y a de l'un*") como princípio do dito, mas, no final, já sem outro que oferte o S_2 para fazer sentido junto ao S_1. Já não se trata do sujeito da representação, mas sim do sujeito que se sabe sustentado na consistência de um significante que suporta o furo do Simbólico e a existência do Real, todo Um no corpo que goza do Um fálico, marca da não proporção sexual, ex-sistência Real.

[12] Lacan. *O Seminário – livro 24: L'insu que sait* (1976-1977) (Inédito, aula de 26 de fevereiro de 1977).

[13] Lacan. *O Seminário – livro 23: O sinthoma* (1975-1976), (Inédito, aula de 13 de abril de 1976).

> Em alguma parte, fisga-se esse algo que o *cogito* apenas assinala, também com o traço unário, que pode sobrepor-se ao *eu penso* para dizer – *logo sou*. Aqui já se marca o efeito de divisão, com um *eu sou* que elide ao *eu estou marcado pelo um* – (...) esse "*logo sou*" é um pensamento. (...) Sustém-se infinitamente melhor porque possui sua característica de saber, que não vai além do "eu sou marcado pelo um", pelo singular, pelo único. De quê? Desse efeito que é "eu penso".[14]

[14] Lacan. *El Seminario – libro 17: El reverso del psicoanálisis* (1969-1970/1992, p. 166).

No final da análise, portanto, reconfirma-se a escolha já realizada de um traço não como resignação passiva, e sim como entrega a uma nova resignação: escolha que trata do fazer com a letra do traço unário, do Uniano, que leva à absoluta diferença, fazendo-se necessário o reconhecimento de uma escolha inicial que leva a uma segunda escolha do final.

Para Lacan, a torção do traço como reta infinita proporciona uma ida e vinda, fazendo um oito que molda um furo pela via de um dizer último. Trata-se de uma torção que implica passar do dizer ao campo do olhar, permitindo suspeitar do que há por trás: o furo que constitui o objeto *a*, o ato em que o sujeito está só, despregado do Outro, desesperançado de uma resposta impossível, encontro com o Real.

Entre o traço unário de Freud, que faz massa, e o "há do um" de Lacan, a diferença está na particularidade que permite localizá-lo como função matemática. Do haver ("Il y a de l'un") ao Ser ("Je suis marque du Un") obriga-se o passo do imaginário, do traço ao Real do Um, *Aleph* zero[15], nome do furo, do qual, outrora, extraiu-se sentido. Chegados ao final, saber-fazer-ali-com, nesse furo, com o traço Um-letra que o circunscreve e à luz do qual tomar-se-á a opção criativa *faça um significante novo* que implica o nome próprio ou um *saber-ser-ali*, que, tal qual Joyce, fabrica-se no *sinthoma*. Trata-se, então, de ir do haver ao ser passando pelo fazer.

[15] Lacan. *O Seminário – livro 19: ou pior* (1971-1972) (Inédito, aula de 15 de março de 1972).

Identificar-se com o *sinthoma* comporta o fazer com a identificação fundamental, a identificação maior que é o traço unário, como a nomeia Lacan no *Seminário – livro 17*, ao articular, dessa maneira, as outras duas identificações: a primeira, com o Nome-do-Pai, e a terceira, a identificação histérica; nó de identificações, nó que faz sujeito.

referências bibliográficas

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 14: A lógica da fantasia* (1966-1967). Inédito.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 16: Do Outro ao outro* (1968-1969). Inédito.

LACAN, Jacques. *El Seminario – libro 17: El reverso del psicoanálisis* (1969-1970). Buenos Aires: Paidós, 1992.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 19: ...Ou pior* (1971-1972). Inédito.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire – livre 20: Encore* (1972-1973). Paris: Seuil, 1975.

LACAN, Jacques. (1973). Note italienne. In: *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001.

LACAN, Jacques. (1975) Joyce el sínthoma II. In: *Uno por Uno*. Eolia: Barcelona, 199.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 23: O sinthoma* (1975-1976). Inédito.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 24: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre* (1976-1977). Inédito.

resumo

Este trabalho explora a proposta de Lacan apresentada no *Seminário – livro 24: L'insu que sait...* sobre o final da análise como identificação com o sintoma, oscilando entre duas vertentes: uma sob a perspectiva de destituí-lo de sentido e outra como "um saber fazer com". Lacan propõe que tal enunciado se refira a uma nova escolha, a escolha de 'fazer com a letra' do 'traço unário', do 'Uniano, uma condução à diferença absoluta, em que se torne necessário o reconhecimento de uma escolha inicial que, no fim da análise, leva a uma segunda escolha. O texto, então, mostra como sintoma e traço unário se unem pela topologia, propondo-se discutir a noção de identificação do lugar do mesmo com o lugar da diferença absoluta ou da particularidade.

palavras-chave

traço unário, Uniano, *sinthoma*, identificação, reta infinita

abstract

This text explores Lacan's proposal of the *Seminar – book 24: L'insu que sait...* about the end of analysis as identification to the symptom between untangling it from its sense and a "know how to do with", and suggests that such enunciation talks about a new election which deals with the trying to do of the *unary trait's* letter, from the *Unien* that leads to the absolute difference, becoming necessary the recognition of an initial election that leads to a second election at the end of analysis. It shows how the *sympthome* and the unary trait join together due to the topology. The text carries the notion of identification with the place of the equal to the place of the absolute difference or particularity.

key words

unary trait's, Unien, sympthome, identification, infinite straight line

recebido
17/01/2006

aprovado
28/02/2006

A escolha do final[1]

Ricardo Rojas

Lacan nos diz na *Proposição de 9 de outubro de 1967:*

> A estrutura, assim abreviada, permite-lhes ter uma idéia do que ocorre ao término da relação transferencial, ou seja, quando, havendo-se resolvido o desejo que sustentara o psicanalisante em sua operação, ele não mais tem vontade, no fim, de fazer uso de sua opção, isto é, o resto que, como determinante de sua divisão, o faz cair de sua fantasia e o destitui como sujeito.[2]

Na citação acima, Lacan nos diz, em primeiro lugar, que a idéia que se pode fazer do que ocorre quando termina a relação transferencial é conseqüência da resolução do desejo, assim como que era esse desejo o que sustentava a operação analisante. Verificamos, então, que, para Lacan, quando o desejo é solucionado, não há mais operação analisante, ou seja, não há mais alguém em análise. De que resolução de desejo se trata? Trata-se da resolução da equação do Desejo do Analista, que Lacan acabara de antecipar nesse texto. Essa resolução é obtida quando se esvazia o valor do x do desejo. Esvaziar essa equação tem como conseqüência, assinala Lacan, o fato de que já não se terá vontade de fazer uso da opção. De que opção falamos? Da de continuar fazendo uso do "resto". Vemos aqui, portanto, uma escolha que se dá no momento do final da análise, ou seja, no umbral do final, em que pode haver ou não o desejo de fazer uso dessa cláusula de opção.

Vejamos as conseqüências de não optar pelo uso desse resto. Lacan nos leva a considerar que, como conseqüência, há a queda da fantasia e a destituição do sujeito. Qual será, então, a conseqüência do uso dessa cláusula de opção? O que ocorrerá com esse "resto"? Pode-se continuar fazendo uso dele? Qual teria sido o uso desse resto, presente no contrato, que poderia continuar a viger na cláusula de opção de uso? O contrato vigente era o de fazer uso da fantasia nas envolturas formais do sintoma, em que o sujeito não reconhece sua divisão, pois o objeto a obtura.

A demarcação deste "resto" se esvazia ao ser extraído o valor de x da equação do Desejo do Analista, ou seja, ao "ter sido

[1] Esta elaboração tem como base a primeira e a segunda versões da *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola*, de Jacques Lacan. Foi utilizada como referência a edição francesa de *Autres écrits*, publicada em 2001, pois encontrei várias imprecisões nas traduções para o espanhol.

[2] Lacan. Proposition du 9 de octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École (1967b/2001, p. 252).

resolvida [a equação (d)] do desejo que o analisante sustentou em sua operação [operação f(x), digo eu]"[3].

Qual o valor deste x?

Lacan nos ensina[4] que esse valor pode ser dado pela equação -φ ou *a*. Então, o que ocorre com o resto da equação, isto é, o que ocorre com o agalma que era sua constante? Solucionado o passado, desvela-se o eclipse e também o verdadeiro lugar do agalma: "é nesse -φ ou nesse *a* que aparece seu ser, ou seja, o ser do agalma, do sujeito suposto saber no processo do psicanalisante acaba em uma destituição subjetiva"[5].

Ao mesmo tempo, Lacan nos afirma que seu Ser, então, como "significação [*Bedeutung*, afirmo eu] de Sujeito, não ultrapassa o surgimento do desejo, fim aparente da psicanálise". Nela, porém, resta a diferença do significante ao significado, que será atravessada sob a forma de -φ ou de objeto *a*[6]. Ocorre, então, outra operação da análise: se rasurarmos ou extrairmos do significante o significado, operação relativa ao que resta entre esses dois elementos, dela resulta a *Bedeutung* do sujeito. Disso resulta um resto que volta a cair sob essas duas formas: a do ser de desejo ou ser do sujeito analisante, em que aparece como o avesso do ser de saber do agalma do sujeito suposto saber[7].

Essas duas operações simultâneas levam a que "assim o ser do desejo se reúne ao ser do saber para renascer no fato de que elas se enlaçam em uma banda [acrescento, de Moebius] feita da única borda em que se inscreve uma só falta, aquela que sustenta o agalma"[8].

Em outras palavras, passou do que restou dos elementos dos dois conjuntos a uma banda de Moebius, em que se inscreve uma única falta na topologia diagramada de Venn, também presente no *Seminário – livro 11*[9], quando desenvolve as operações de alienação-separação, logo abordadas no seminário contemporâneo a esses textos, o *Seminário – livro 15: O ato psicanalítico*[10], no quadrângulo de Klein, em relação ao ser e ao penso, índices impossíveis de serem destacados neste curto espaço, mas que apóiam nosso desenvolvimento e aos quais remeto o leitor.

Por essa operação topológica, o ser do desejo surge como Desejo do Analista. Lacan já nos advertira de que a operação de produção de um ser singular e forte[11], ao ser deflagrada pela queda desse ser de saber, advém como *sicut palea*[12], escória, resto. Haveria outra opção encoberta pela destituição subjetiva?[13].

Por que já não existe vontade de fazer uso da opção? Em Lacan, são possíveis duas respostas. Primeira: "porque isso do qual se deu conta é que a aposta do desejo não é nada mais do que aquela de um *desser*"[14]. Segunda: "nesse *desser* se desvela o

[3] *Ibid.*

[4] *Ibid*, p. 251.

[5] Lacan. Première version de la Proposition du 9 de octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École (1967b/2001, p. 584).

[6] *Ibid.*

[7] Dedução resultante da leitura da *Proposição* em suas duas versões.

[8] Lacan. Proposition du 9 de octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École (1967b/2001, p. 254).

[9] Lacan. *Le Séminaire – livre 11: Les quatres concepts fondamentaux de la psychanalyse* (1964/1973, p. 185-208).

[10] Lacan. *Le Séminaire – livre 15: L'Acte analytyque* (1967-1968), (Inédito)

[11] Lacan. Discours à l'E.F.P. (1970/2001, p. 273)

[12] Lacan. Proposition du 9 de octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École (1967b/2001, p. 254).

[13] Lacan. Première version de la Proposition du 9 de octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École (1967b/2001, p. 585).

[14] *Ibid.*

não-essencial do sujeito suposto saber"[15], ou seja, trata-se de não querer fazer uso de sua opção, posto que seu valor é de escória, resto, não essencial.

O que o sujeito suposto saber velava era que "o psicanalisante [destaco: ser do sujeito, ser do desejo] é idêntico ao agalma" e que, portanto, "isso que o psicanalista deixou de obter do psicanalisante do sujeito suposto saber é devolvido a ele [psicanalisante], ao perder ali o agalma"[16]. O ser do agalma do sujeito suposto saber, portanto, acaba por esvaziar de valor o processo do psicanalisante em uma destituição subjetiva. Esse resto do qual não se tem mais vontade de fazer uso da opção é o que o destitui como sujeito. O que é recusado nessa opção?

"O ser [de saber] que não sabia a causa de seu fantasia no momento mesmo em que finalmente esse saber suposto lhe adveio"[17], pois, continua, "que ele saiba disso que eu não sabia sobre o ser do desejo, isso que nele adveio ao ser de saber fica apagado"[18]. O ser do desejo não sabia que ele era o agalma, envoltura vazia, agalma esse que advém velado ao ser do saber, velado pelo sujeito suposto saber, mas que é também o lugar onde o sujeito do ser se destitui; ali onde isso é o sujeito do inconsciente do penso se desvanece.

Na passagem do psicanalisante ao psicanalista, sobre a qual nos fala Lacan, "existe uma porta cuja dobradiça é o *resto* que faz sua divisão, pois essa divisão não é outra senão a do sujeito cuja causa é o resto"[19]. Esse resto "como determinante de sua divisão o faz cair de sua fantasia". Voltemos à primeira frase extraída da opção existente na citação: esse resto que, na condição de dobradiça, permite a virada "de onde o sujeito vê vacilar a segurança que ele adquiria da fantasia, da qual se constitui para cada um a janela sobre o real, percebe-se que o valor do desejo nada mais é do que o de um *desser*"[20]. O esvaziamento da equação do desejo nos revela o valor do desejo na equação, a de não ser mais do que um *desser*. Mas como ele adquiria segurança da fantasia? Qual era a lógica? Há a fantasia e sua lógica, em "que a lógica do analista é o agalma que se integra na fantasia radical construída pelo psicanalisante"[21]. Assim entendemos o que Lacan quer dizer ao afirmar que, quanto mais se avança em direção ao final da partida, "é a ele – ao analista – que isso, que se chamaria uma denotação gramatical que vale por mil, o particípio passado do verbo conviria mais nesse extremo"[22]. Então, o que melhor convém é o analisado. O que é o analisado? Lacan nos ensina na primeira versão da *Proposição*: "nesse desvio que o rebaixa, o analista é a dobradiça da segurança que toma o desejo na fantasia e do qual se revela então que o que o toma

[15] *Ibid.*

[16] *Ibid*, p. 584

[17] Lacan. Proposition du 9 de octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École (1967b/2001, p. 254).

[18] *Ibid.*

[19] *Ibid.*.

[20] *Ibid.*

[21] Lacan. Première version de la Proposition du 9 de octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École (1967b/2001, p. 583).

[22] Lacan. Proposition du 9 de octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École (1967b/2001, p. 285).

nada mais é do que o *desser*". E, por isso, "ele é analista ao perder aí o agalma"[23]. Como reiterará no *Discurso à E.F.P.*[24], o *desser* para o lado do analista e a destituição subjetiva para o analisante.

Retornemos ao primeiro parágrafo da epígrafe para lembrar que trabalhamos com o que se refere ao "que ocorre no final da relação transferencial". Indagamos, então, se o contrato, sob cláusula de opção, seria o que é mantido como uma assinatura (subscrição) em sessões dedicadas ao inconsciente, semana após semana, abonadas pelo inconsciente com a cláusula de opção de renovação ano após ano, quando se dá a escolha de não continuar mais abonado ao inconsciente, de onde concluímos que já não tendo vontade de fazer uso da opção, da opção de tomar o agalma para ter a segurança que o desejo adquire da fantasia, informado pelo agalma, como significante traço unário da falta no Outro S(Ⱥ), não faz uso da opção, e então seguimos a citação, "o resto que, como determinante de sua divisão, faz com que ele/ela caia de sua fantasia". O que cai é a *Bedeutung*, como assinala Lacan. Retomemos: "sua significação não dispensa o surgimento do desejo, fim aparente da psicanálise"[25]. O advento do desejo do analista ou a resolução da equação do desejo e suas conseqüências: a) a travessia, a queda de sua fantasia e, conseqüentemente, a transformação da janela sobre o real; b) o sujeito é destituído; c) momento em que se tem ou não vontade de fazer uso da opção.

Porém, ao final da relação transferencial, a resolução da equação não garante automaticamente que tenha sido dada a passagem de analisante para analista; mesmo quando a equação é resolvida, pode-se seguir fazendo uso da opção, não deixando cair o resto, ou mesmo continuar apegado à fantasia.

Não é suficiente a resolução da equação do desejo. É preciso algo mais, pois, alcançando esse ponto, há uma escolha no final de análise: fazer ou não fazer uso da opção de continuar ou não abonado ao inconsciente. É necessário ir além da cadeia da enunciação, do gozo à castração, para que a fantasia, em sua travessia, advenha como pulsão; como assinala Lacan, fazer nossa única escolha "entre enfrentar a verdade ou ridicularizar nosso saber".

De que verdade se trata? O saber articulado S_2 é um saber que só pode ser meio-dizer, enquanto o saber do inconsciente é S_1, traço unário, letra que, como a letra da *carta roubada*, *caput mortuum*, produz efeitos. Então, deve-se ir além da extração de S_1, traço unário. Ir além é o que faz Joyce com a letra, um saber fazer ali com que se torna o exemplo do necessário em um final de análise, um "desabonado do inconsciente", saber fazer

[23] *Ibid.*

[24] Lacan. Discours à l'E.F.P. (1970/2001, p. 273).

[25] Lacan. Première version de la Proposition du 9 de octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École (1967b/2001, p. 584).

ali com ou ridicularizar nosso saber. Momento ou não de fazer uso, ou não, da opção que Lacan chama de "empalme", em que o psicanalisante, em uma versão lógica, poderia articular um "que ele saiba como sendo dele, isso o que o ser de saber não sabia, e que agora tem como efeito que isso que não sabia está apagado dele"[26]. Isso que se pode saber ao final de uma análise não é nada mais do que um "saber vão de um ser que se furta"[27]. Trata-se de um saber que somente poderá ser capturado pelo cartel do passe, pois já não há sujeito ali para articulá-lo.

O que seria ridicularizar o saber? Um S_1 retornando novamente ao S_2, retorno à articulação abonada aos ditos do inconsciente, o que implica a recusa desse saber sem sabê-lo de S_1, logo alcança o umbral de saída desenhado pela resolução da equação da transferência, ou seja, é retorno ao luto inacabado pelo sentido, retorno à falta, ao pecado, o não se reconhecer aí na estrutura[28]. Há várias alternativas de retrocesso: a) retorno à identificação com o analista, com seus s(A) e à vertente imaginária do traço em I(A), recusa míope, nos diz Lacan, entre parênteses *Verleugnung*[29], termo reservado por ele aos analistas, e que nos deixa em alerta em relação à vontade de gozo do perverso e ao que ocorre em um final de análise. Recusa, portanto, da destituição subjetiva, inscrita no algoritmo do bilhete de entrada como horror ao saber; b) posições depressivas inacabadas ou covardia moral; c) o "somente fazer interdição do que se impõe do nosso ser é relativo a se oferecer a um retorno do destino que é a maldição"[30]; recordemos o veredicto lacaniano: o foracluído no simbólico retorna no real; d) assim, igualmente, "aquele que recebeu a chave do mundo na abertura do impúbere, o psicanalista não tem que esperar mais que um olhar, porém se vê tornar-se uma voz"[31].

Creio que se faz necessário que, em nossa teorização do final de análise, façamos também uma escolha entre:

a) pensar que, no final de análise, há um momento de escolha em que se dá o instante do relâmpago produzido pela extração do traço unário que resolve a equação do desejo do analista. Suas conseqüências são: o término da relação transferencial, a travessia da fantasia em que esta se torna pulsão. Trata-se de um passo a mais, que ocorre quando a identificação com o sintoma se revela como "um saber fazer ali com a castração", como um bem-dizer, ou seja, quando o final se revela como um momento, como um ato a partir do qual nada mais pode ser como antes. Nessa vertente, a transferência é a primeira a "cair". Para avançar um passo a mais, seria necessário considerá-lo fora da transferência e como conseqüência do ato; e

[26] *Ibid*, p. 585.

[27] Lacan. Proposition du 9 de octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École (1967b/2001, p. 254).

[28] Lacan. Télévision (1973a/2001, p. 526).

[29] Lacan. Proposition du 9 de octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École (1967b/2001, p. 254).

[30] *Ibid*, p. 252

[31] *Ibid*, p. 254.

b) a vertente da elaboração do final como um processo gradual de facilitação de um luto em relação ao *desser* do analista, elaboração com o analista desse luto, ou seja, sem término da relação analítica, uma espécie de evolução do processo até o final sendo necessário o acompanhamento.

O que disso resulta é, de um lado, um ato e suas conseqüências, e, de outro, a evolução de um processo. Serão excludentes essas duas opções? Com a discussão da segunda opção, foi postulado em nossa Escola, de acordo com o que pude compreender de um artigo de um membro de um cartel do passe, que o dispositivo do passe poderia ter efeitos sobre um final ainda não alcançado pelo passante, enquanto outros teorizam sobre o luto do final em um artigo de um passante.

Segundo minha opinião, o término pelo luto acompanhado pelo analista se refere a um continuar fazendo uso da opção da fantasia, ou seja, trata-se ainda de um antes do final, relativo a um "sucesso terapêutico". Fazer do objeto *a* o representante da representação do analista[32]. é uma conseqüência do passo (passe) ato que demarca o final de análise pela resolução da equação do desejo, condizente com o término da relação transferencial. Continuando com o uso da opção, apesar de ter reduzido o analista ao objeto *a* na equação, prossegue-se com o luto na covardia moral, e o psicanalista continua causando o desejo, segundo o próprio Lacan, maníaco-depressivamente. Ele explicita em *O aturdido*: "é esse o estado de exultação que Balint, tomando-o com otimismo, descreve não menos bem: mais de um 'sucesso terapêutico', encontra nisso sua razão, eventualmente, substancial. Depois arremata-se o luto"[33].

[32] Lacan. L'Étourdit (1973b/2001, p. 487).

[33] *Ibid*, p. 489.

Para mim, a escolha do final conduz ao término da relação transferencial. Não é possível, contudo, uma passagem de analisante a analista quando se continua esperando maníaco-depressivamente ser abonado pelo Outro transferencial. É necessário dispensar o uso da opção para não permanecer apenas em um sucesso terapêutico, esperando a resolução do final de um luto que, por fim, venha a acabar. Somente aí seria possível encontrar a solução da equação do desejo com as conseqüências já mencionadas. Somente aí poderia haver a travessia da fantasia, a destituição subjetiva, porém, insisto, ainda é necessário dar um passo a mais. Creio que nesse ponto da escolha do final, o dispositivo do passe tem muito a nos ensinar sobre as variedades de retrocesso ou de variantes do passo a mais que conduz ao final.

> Certamente há um problema em um certo ponto da análise, porém não há angústia legítima

(à qual dou constância) senão ao penetrar – e é necessário para a análise didática – nisso que é preciso chamar um mais além da psicanálise, de uma verdadeira guarda em que sucumbe no presente toda enunciação rigorosa sobre o que ali se passou.[34]

[34] Lacan. Première version de la Proposition du 9 de octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École (1967b/2001, p. 584).

TRADUÇÃO
Eliane Z. Schermann

referências bibliográficas

LACAN, Jacques. *Le Séminaire – livre 11: Les quatres concepts fondamentals de la psychanalise* (1964). Paris: Seuil, 1973.

LACAN, Jacques. (1967a) Première version de la Proposition du 9 de octobre 1967 sur le psychanaliste de l' École. In: *Autres écrits*. Pairs: Seuil, 2001.

LACAN, Jacques. (1967b). Proposition du 9 de octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École. In: *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire – livre 15: L'Acte analytyque* (1967-1968). Inédito.

LACAN, Jacques. (1970). Discours à l'E.F.P. In: *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001.

LACAN, Jacques. (1973a). Télévision. In: *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001.

LACAN, Jacques. (1973b). L'Étourdit. In: *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001.

resumo

A partir de uma indicação de Lacan no texto da *Proposição* relativa a uma escolha no momento do final da análise, este trabalho se propõe a tentar decifrar o parágrafo, apoiando-se nas duas versões da Proposição e no texto *O aturdido*, para concluir em que resulta a equação do desejo e o que ocorre ao término da relação transferencial, quando é necessário um passo a mais no sentido de fazer uso ou não da cláusula de opção, ou seja, do contrato que nos abonava no inconsciente via fantasia.

palavras-chave

final de analise, eleição, passo (de analisante a analista)

abstract

Lacan indicates in the text of the *Proposition* on the election at the time of the end of the analysis to make an attempt to interpret the paragraph utilizing the two versions of the *Proposition* and the text of the *L'Etourdit*, in order to conclude that once the equation of desire is resolved which happens at the end of the relation of transference, it is necessary to go one more step, to make use or not of the contract's optional clause that would enhance the unconscious through the fantasy (*fantasme*).

key words

end of analysis, election, step

recebido

19/02/2006

aprovado

24/03/2006

Constituição do sujeito e complexo de Édipo

Michele Roman Faria

introdução

A constituição do sujeito não é, propriamente, um tema clínico. A psicanálise não é uma clínica da constituição do sujeito. Em uma análise, o sujeito está presente desde a entrada, mesmo quando se trata de crianças. Não podemos, todavia, deixar de observar que tal afirmação implica, necessariamente, um posicionamento ético em relação à subjetividade, demarcado por uma certa concepção de como o sujeito se constitui. Nesse sentido, ainda que o tema da constituição do sujeito não seja um tema clínico, não se pode desprezar sua intrínseca relação com a clínica.

Assim, se encontramos diferentes hipóteses sobre a constituição do sujeito ao longo da obra de Lacan, é porque elas derivam da evolução dos conceitos que dão suporte à abordagem dos problemas clínicos no decorrer de seu ensino. É notável, por exemplo, que a preocupação de Lacan com o papel do imaginário na análise, nos seus primeiros anos de ensino, se fez acompanhar de uma teoria sobre a constituição do sujeito – a do *estádio do Espelho* – que enfatiza precisamente a formação do Eu e a "a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem"[1]. Mais adiante, à medida que o simbólico passa gradativamente para o centro das preocupações de Lacan, é possível observar, por um lado, o foco no papel do simbólico na constituição dessa unidade do Eu (que encontramos, por exemplo, em seu primeiro seminário, de 1953-1954), e, ao mesmo tempo, a necessidade de uma teoria sobre a constituição do sujeito que lhe permitisse abordar com maior profundidade a relação entre o sujeito e o campo simbólico (ressaltada, por exemplo, em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, de 1953, e *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*, de 1957). Surge, então, a teoria do *complexo de Édipo*, cuja forma particular de abordagem no seminário de 1957-58, traz as marcas das novas indagações clínicas que caracterizam esse período de seu ensino. Mais adiante, quando Lacan passa a teorizar sobre e real e o objeto *a*, surgem outras hipóteses sobre a constituição do sujeito, como a que encontramos no *Seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, de 1964, na qual ele

[1] Lacan. O estádio do espelho como formador da função do eu (1947/1998, p. 97).

articula a função do objeto *a* à inscrição do sujeito no campo simbólico pela via da alienação e da separação. Vale notar que, mesmo passando de uma hipótese a outra, é freqüente o esforço de Lacan em retomar as hipóteses anteriores à luz de suas novas articulações teóricas. Isso é claro quando encontramos, entre outros casos, o esquema ótico no *Seminário – livro 10: A angústia*, de 1962-1963, e o complexo de Édipo no *Seminário – livro 17: O avesso da psicanálise*, de 1969-1970.

A proposta deste artigo é fazer este exercício de retomada de uma hipótese de Lacan sobre a constituição do sujeito à luz dos desenvolvimentos teóricos posteriores à sua formulação. Para esse fim, escolhemos a teoria do complexo de Édipo, apresentada por ele no *Seminário – livro 5*, da qual destacaremos duas vertentes distintas de leitura. Na primeira, bastante comum e mais condizente com o ponto em que se encontra a teoria lacaniana em 1957, o complexo de Édipo aparece como o efeito da interdição de um pai castrador, que impõe um limite ao gozo da relação incestuosa da criança com a mãe. Na segunda, que em nosso entender seria mais compatível com as elaborações de Lacan sobre o sujeito posteriores a essa época, o pai surgiria como uma interpretação que visa articular simbolicamente (via significante) o que seria um ponto de angústia (precisamente no lugar em que o complexo de castração busca recobrir a angústia resultante da extração do objeto *a* do campo do Outro). Essa segunda leitura nos permitirá concluir que não é o Édipo que impõe um limite ao gozo, ele apenas fornece ao sujeito os elementos que lhe permitem ordenar simbolicamente a irremediável perda de gozo própria de toda inscrição no campo da linguagem, e que concerne ao objeto *a*.

o complexo de Édipo

A grande contribuição de Lacan à teoria do Édipo, já em 1957, é sua apresentação em três tempos lógicos. Esses tempos são lógicos no sentido de que a articulação de cada um deles, pelo sujeito, depende da articulação do tempo anterior, sem a qual não se chega a uma certa conclusão. É isso o que Lacan mostra com o problema dos três prisioneiros no texto *O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada*, no qual a resolução do problema que dá aos prisioneiros a liberdade só se torna possível com a articulação de certos passos lógicos, necessários a uma determinada conclusão.

Essa articulação de três tempos lógicos permite a Lacan excluir do tema da subjetividade toda a problemática do desenvolvimento, passível de ser extraída do complexo de Édipo freudiano. Isso não quer dizer, obviamente, que Lacan ignore a

temporalidade cronológica, através da qual o desenvolvimento de uma criança é observável. Como ele mesmo afirma no *Seminário – livro 5*, "nos esquemas que proponho a vocês e que são extraídos do sumo da experiência, procuro produzir tempos. Eles não são, forçosamente, tempos cronológicos, mas isso não vem ao caso, já que também os tempos lógicos só podem desenrolar-se numa certa sucessão"[2]. A riqueza de sua abordagem do Édipo consiste, portanto, em mostrar que a subjetividade não é produto, nem conseqüência dessa sucessão cronológica ligada ao desenvolvimento, ela é efeito de uma articulação lógica que permite ao sujeito inscrever-se no campo da linguagem.

[2] Lacan. *O Seminário – livro 5: As formações do inconsciente* (1957-1958/1998, p. 215).

Acompanhemos, então, os três tempos lógicos da abordagem proposta por Lacan. No primeiro deles, encontramos o ser mítico que Lacan denomina Δ, e que ele define como um *assujeito*: "pois bem, digo que a criança se esboça como *assujeito*. Trata-se de um assujeito porque, a princípio, ela se experimenta e se sente como profundamente assujeitada ao capricho daquele de quem depende, mesmo que esse capricho seja um capricho articulado"[3]. Trata-se, inicialmente, de um assujeitamento a esse ser caprichoso, de quem a criança encontra-se na mais completa dependência: a mãe. Daí Lacan afirmar que "a primeira relação de realidade desenha-se entre a mãe e o filho, e é aí que a criança experimenta as primeiras realidades de seu contato com o meio vivo"[4]. É porque essa mãe é, para a criança, o suporte do contato com o meio vivo, suporte do próprio campo da linguagem – pois é ela que significa choros, que nomeia vontades, que interpreta gritos, satisfazendo ou não o bebê – que Lacan a denomina o Outro materno (A), "esse Outro primeiro que é sua mãe"[5].

[3] *Ibid.*, p. 195.

[4] *Ibid.*, p. 186.

[5] *Ibid.*, p. 194.

Temos, portanto, de um lado, esse assujeito, esse ser mítico que Lacan denomina Δ, e, do outro lado, o Outro materno, A, suporte de todas as significações que marcam o contato primeiro da criança com o mundo. Podemos escrevê-lo assim:

Δ A

É em torno dessa dualidade que, desde o *Seminário – livro 4*, de 1956-1957, Lacan afirma ser apenas *aparente*, que as coisas se ordenam no primeiro tempo do Édipo. Considerar que essa dualidade seja apenas aparente implica admitir que há outros elementos em jogo já nesse primeiro tempo, elementos cuja posição inicial não é simples de ser situada.

Um desses elementos é o *pai*. Em relação à presença paterna, Lacan afirma: "é para desenhar objetivamente essa

situação que fazemos o pai entrar no triângulo, embora, para a criança, ele ainda não tenha entrado"[6].O pai já está lá, no triângulo pai-mãe-criança, desde o início. Para a criança, porém, ele ainda não entrou. Mas o fato de que esteja lá, desde o início, não é sem importância para a articulação dos tempos lógicos seguintes, pois essa presença "desde o início" revela que o pai tem, para a mãe, um lugar, antes mesmo que este esteja marcado para a criança.

[6] *Ibid.*, p. 186.

Lacan refere-se à presença paterna nesse primeiro tempo da seguinte forma: "em primeiro lugar, a instância paterna se introduz de uma forma velada, ou que ainda não aparece. Isso não impede que o pai exista na realidade mundana, ou seja, no mundo, em virtude de neste reinar a lei do símbolo"[7]. Temos, assim, de um lado Δ, para o qual a presença paterna ainda não se articulou, e do outro A, em relação ao qual a presença paterna se articula desde o início, em razão de sua existência na realidade mundana. Podemos acrescentá-lo ao nosso esquema, escrevendo:

[7] *Ibid.*, p. 200.

Δ A (pai)

Mas há ainda um outro elemento em jogo no primeiro tempo do Édipo, cuja posição é ainda mais difícil de ser compreendida: o *falo*. No *Seminário – livro 4,* Lacan propõe uma reflexão exaustiva sobre a relação mãe-criança, mostrando que o *falo* é um elemento que está presente desde o início, uma vez que, para a mãe, já tem seu lugar muito antes do próprio nascimento da criança. É nesse sentido que Lacan afirma, no *Seminário – livro 5,* que "a questão do falo já está colocada em algum lugar da mãe, onde a criança tem que situá-la"[8]. Devemos lembrar, contudo, que para a criança "trata-se de saber como ela poderá ir ao encontro desse objeto, posto que este é constituído de maneira infinitamente mais elaborada no nível da mãe, a qual já avançou um pouco mais na vida do que a criança"[9].

[8] *Ibid.*

[9] *Ibid.*, p. 206.

A posição fálica da criança nesse primeiro tempo do Édipo é, portanto, muito particular e de difícil compreensão porque, de partida, só pode ser articulada do lado do Outro materno. Lacan resolve provisoriamente essa dificuldade denominando-a "etapa fálica *primitiva*" e lembrando que "trata-se do falo como desejado pela mãe"[10]. Voltaremos a essa questão adiante.

[10] *Ibid.*

Assim, embora a problemática fálica esteja colocada, de partida para a mãe, ela só será, para a criança, o produto, o

efeito, dessa articulação lógica resultante dos três tempos do complexo de Édipo. Podemos, então, completar nosso esquema do primeiro tempo do complexo de Édipo com o seguinte:

$$\Delta \qquad A \qquad \text{(pai) (falo)}$$

Notemos, desse modo, que o Édipo permite a Lacan fazer uma hipótese sobre como é possível para a criança, que se esboça no mundo como um *assujeito*, posicionar-se em relação ao campo da linguagem, A, por meio da articulação desses dois elementos fundamentais já presentes, em potência, nesse mesmo campo desde o início: o *pai* e o *falo*. Segundo Lacan, é o *desejo materno* que engendra a possibilidade de articulação desses elementos, uma vez que esse desejo revela o assujeitamento da mãe a uma lei que está *mais-além* dela mesma. É esse *mais-além* que permite à criança passar à articulação lógica apresentada por Lacan na etapa seguinte, e que ele considera um *ponto nodal* no complexo de Édipo.

O *mais-além* do desejo materno leva a criança, no segundo tempo do Édipo, a situar o que Lacan denomina, no *Seminário – livro 5*, o "desejo de Outra coisa"[11]. Ele afirma: "há nela [na mãe] o desejo de Outra coisa que não o satisfazer meu próprio desejo, que começa a palpitar para a vida"[12]. É como se, nesse momento, a criança pudesse formular esta questão: "O que quer essa mulher aí? Eu bem que gostaria que fosse a mim que ela quer, mas está muito claro que não é só a mim que ela quer. Há outra coisa que mexe com ela, é o *x* (...)"[13].

[11] *Ibid.*, p. 182.

[12] *Ibid.*, p. 188.

[13] *Ibid.*, p. 181.

Para Lacan, não parece haver melhor ilustração para esse *mais-além* do desejo materno, para a existência de um desejo outro que não pela criança, que a *ausência materna*. A pergunta sobre "o que deseja essa mãe?" só pode surgir porque se apresenta uma hiância, um vazio, entre mãe e criança, sem o que a criança permaneceria na ilusão de ser o que completa esse Outro. Nesse sentido, a mãe que se ausenta parece evidenciar a existência de um enigma, de um *x*, em relação ao seu desejo, *ao mesmo tempo* que revela que esse desejo não pode ser obturado pela presença da criança. É por isso que Lacan ressalta que, a partir daí, "a criança é profundamente questionada, abalada em sua posição de assujeito [e que] o círculo não se fecha completamente em torno da criança"[14]. Há, nesse ponto, o que podemos chamar de uma "dupla operação de castração", já que a constatação de um desejo, de uma falta, de um *mais-além* no Outro materno é, necessariamente, concomitante à constatação

[14] *Ibid.*, p. 210.

de que a própria criança não é um objeto capaz de saturar essa falta no Outro. Podemos escrevê-lo da seguinte forma:

$$\$ \quad A$$

A essa operação do segundo tempo Lacan denomina *privação materna*, termo que lhe permite delimitar sua complexidade tanto em relação à incidência da castração, como em relação à entrada paterna que se articula a essa incidência. A privação é uma das formas pelas quais ele denomina a falta de objeto no *Seminário – livro 4*, ao lado da castração e da frustração. Na privação, há uma falta *real*. Sendo a privação uma falta real, o objeto da falta só pode ser algo que *deveria* estar ali onde não está, o que quer dizer que o objeto da privação é, necessariamente, um objeto simbólico. É nesse sentido que "toda privação real exige a simbolização"[15]. Isso permite a Lacan mostrar que esse objeto simbólico é a própria criança em posição de falo materno, mas somente na medida em que se trata de uma posição perdida, da criança como o falo, que, afinal, ela já não é – ou, pensando retroativamente, como o falo que ela "teria sido". Aí está a dificuldade de compreensão do termo privação, que exige observar que, no segundo tempo, "o que é castrado, no caso, não é o sujeito, e sim a mãe"[16] – não a mãe em si, mas a mãe enquanto esse Outro que passa a ser apreendido pela criança como privado do falo.

Dessa privação materna, que Lacan apresenta como o *ponto nodal* do Édipo, é que se faz pressentir a presença paterna: "esse segundo tempo tem como eixo o momento em que o pai se faz pressentir como proibidor"[17]. A privação materna permite situá-lo como o *para-além* da mãe, "e isso já não é feito de maneira velada [como no primeiro tempo], porém de um modo mediado pela mãe"[18]. Lembremos que a articulação da privação materna só é possível porque já está colocada, desde o inícioc na mãe, enquanto Outro, um remeter-se a uma lei que não é a dela: "esse para-além da mãe, que é constituído pela relação dela com um outro discurso, o do pai"[19]. O que acontece no segundo tempo é que esse para-além da mãe encontra no pai uma significação, a aprtir da qual "tudo é questionado pela proibição paterna, que deixa a criança em suspenso quanto a seu balizamento do desejo do desejo da mãe"[20].

Notemos que, nesse ponto, a entrada do pai pode ser compreendida como um *efeito* da constatação da falta no campo do Outro, e não como seu *determinante*, o que dá uma conotação bastante diferente à tradicional leitura da entrada do pai no complexo de Édipo como aquele que, em certo momento, diria à criança: "Chega!", impondo-lhe a castração

[15] *Ibid.*, p. 191.

[16] *Ibid.*

[17] *Ibid.*, p. 209.

[18] *Ibid.*, p. 200.

[19] *Ibid.*, p. 208.

[20] *Ibid.*, p. 210.

e interditando o gozo de uma relação inicialmente incestuosa com a mãe.

É nesse ponto que se localiza a encruzilhada entre as duas vertentes de leitura do complexo de Édipo apontadas inicialmente. É, aliás, a essa encruzilhada que Lacan parece referir-se quando, no *Seminário – livro 10* (justamente na aula em que anuncia o pai como tema de seu próximo – e nunca apresentado – seminário), faz a seguinte pergunta:

> no mito freudiano, o pai intervém, da maneira mais evidentemente mítica, como aquele cujo desejo invade, esmaga, impõe-se a todos os outros. Não haverá nisso uma evidente contradição com um fato obviamente dado pela experiência – o de que, por intermédio dele, o que se efetua é algo totalmente diverso, qual seja, a normalização do desejo nos caminhos da lei?[21]

[21] Lacan. *O Seminário – livro 10: A angústia* (1962-63/2005, p. 365).

Com o auxílio do *Seminário – livro 10*, deixaremos provisoriamente de lado a primeira vertente de leitura do complexo de Édipo, na qual o pai impõe a castração à criança, para destacar a importância da segunda vertente, em que o pai se faz pressentir como proibidor a partir do momento em que a criança se depara com o enigma relativo ao desejo materno.

Ao afirmar que o pai *se faz pressentir* como proibidor, Lacan permite situar a presença paterna, no segundo tempo, enquanto *significação atribuída pela criança à ausência materna.* É nesse sentido que podemos afirmar, seguindo essa segunda vertente de leitura, que *o pai é uma interpretação*, uma interpretação que vem, justamente, oferecer uma possibilidade de significação para o ponto de hiância produzido pela ausência materna e pelo enigma relativo a seu desejo.

Há, no *Seminário – livro 10*, uma afirmação de Lacan sobre a angústia que nos remete exatamente a este ponto de hiância provocado pelo enigma do desejo materno no segundo tempo do Édipo: "a angústia, como eu lhes disse, está ligada a eu não saber que objeto *a* sou para o desejo do Outro"[22]. Se Lacan contava, no *Seminário – livro 5*, com o conceito de *falo* para abordar esse enigma do desejo do Outro (o que, como mostramos anteriormente, é um tanto impreciso para falar da posição da criança no primeiro tempo do Édipo, e que o levou a especificá-la como uma posição fálica "primitiva") no *Seminário – livro 10* esse mesmo ponto, o de um não saber o que se é para o desejo do Outro, já pode ser articulado a um conceito com o qual La-

[22] *Ibid.*, p. 353.

can não contava em 1957-1958: o objeto *a*. Quando retomamos o segundo tempo do Édipo à luz desse conceito, é possível resolver a dificuldade em situar a queda da criança de sua posição em relação ao Outro, uma queda que é logicamente anterior à operação metafórica que faz do falo o significante ordenador da castração. Com o auxílio do *Seminário – livro 10*, é possível concluir que a queda em questão é a da posição de objeto, a mesma que Lacan articula, nesse seminário, ao termo *niederkommen*, o "deixar cair" extraído do caso freudiano da jovem homossexual, que porta a idéia de um deixar-se cair do lugar de objeto *a* para o Outro. Trata-se de uma queda que, para Lacan, presentifica o perigo mais original: o do desamparo. É aí que cabe pensar a origem da angústia, "resposta ao perigo mais original, ao intransponível *Hilflosigkeit*, ao desamparo absoluto da entrada no mundo"[23].

[23] *Ibid.*, p. 353.

Assim, justamente no momento em que o sujeito desapareceria, descartado, deixado cair pelo Outro, em seu mais absoluto desamparo, o apelo ao simbólico, pela via paterna, permite-lhe ordenar um campo em que ele encontra um lugar pela via do desejo e da lei. É o que permite a Lacan definir o objeto *a* em sua função de *causa do desejo*, de lugar vazio desde onde o desejo se ordena, se articula, se constitui pela via simbólica. É aí que o pai surge como uma interpretação, aquela que faz desse lugar vazio (o do objeto *a*) um ponto de falta (a castração e sua articulação ao *falo*), como veremos a seguir, ao acompanhar a solução que Lacan propõe para o complexo de Édipo na passagem do segundo para o terceiro tempo, bem como a mudança na posição paterna ligada a tal solução.

Como vimos até aqui, no segundo tempo o apelo à posição simbólica do pai o transforma na significação relativa à hiância produzida na relação mãe-criança. Tal significação dará ao pai um lugar de onipotência fálica ameaçadora – trata-se do pai que Lacan caracteriza, no *Seminário – livro 5*, como alguém privador e onipotente. Ainda que tal hiância, como vimos, seja um real com o qual a criança se confronta quando cai de sua posição de objeto do Outro, o apelo ao pai tem o efeito de produzir uma interpretação desse real (tratando-o pela via simbólica, portanto) em que o lugar desse pai só poderia ser o da onipotência privadora, pois, como vimos também, é a privação que permite situar um objeto simbólico onde a falta é real. No *Seminário – livro 10*, aliás, Lacan volta a nos lembrar da privação como a operação que permite tratar o real simbolicamente: "Eu lhes disse, em síntese, que não existe falta no real, que a falta só é apreensível por intermédio do simbólico"[24].

[24] *Ibid.*, p. 147.

No segundo tempo, ao pai é atribuído o falo enquanto potência absoluta. Nesse sentido, há uma quase indistinção entre

as posições do pai e do falo, servindo ambos para situar, simultaneamente, esse elemento terceiro a que a privação materna é remetida e a potência absoluta capaz de sustentá-lo em seu lugar terceiro. Podemos, portanto, completar nosso esquema do segundo tempo do seguinte modo:

$$\$ \qquad \not{A} \quad \text{pai/falo}$$

A distinção essencial entre a posição paterna do segundo e do terceiro tempos deve, portanto, ser situada em relação à posição fálica do pai. Como afirma Lacan: "é por intervir no terceiro tempo como aquele que tem o falo, e não que o é, que se pode produzir a báscula que reinstaura a instância do falo como objeto desejado da mãe, e não mais apenas como objeto do qual o pai pode privar"[25]. Esse é o principal ponto ressaltado por Lacan em relação ao terceiro tempo do complexo de Édipo: trata-se da posição do pai que tem o falo, mas com a diferença de que ele se torna, na condição de portador do falo, potente e doador.

[25] Lacan. *O Seminário – livro 5: As formações do inconsciente* (1957-58/1998, p. 201).

Essa passagem do pai onipotente e privador do segundo tempo para o pai potente e doador do terceiro tempo, todavia, não é suficientemente esclarecida por Lacan no *Seminário – livro 5*. Como o pai privador e onipotente pode passar a potente e doador? Proporemos aqui uma hipótese que é sobretudo um exercício de compreensão da lógica com a qual a criança parece ter de lidar na passagem do segundo para o terceiro tempo do Édipo.

Lembremos que, no segundo tempo, tomamos a *ausência materna* como a melhor ilustração do que permite à criança situar o *mais-além* do desejo materno, uma vez que revela a existência de algo que permite à criança concluir que ela mesma não é o objeto que satura o desejo materno. Sabemos, contudo, que, para a simbolização do objeto, não é a pura ausência que interessa (esta estaria mais ligada ao desamparo), mas sim a oscilação, a alternância, do par *presença-ausência*. Devemos, portanto, acrescentar à nossa ilustração o *retorno materno* como o elemento capaz de nos conduzir à lógica apresentada para a criança na passagem ao terceiro tempo. Afinal, se a ausência materna torna necessário o apelo à figura privadora e onipotente do pai no segundo tempo, então o retorno materno, no momento seguinte, teria o efeito de mostrar à criança que esse terceiro, que a mãe foi buscar quando se ausentou, dá à mãe alguma satisfação, que não é, entretanto, absoluta. Se a mãe retorna, é porque encontra também na criança um objeto de interesse e satisfação.

A *oscilação* entre presença e ausência permite, assim, à criança concluir que o falo, na condição de representante desse

objeto de interesse e satisfação, não está nem na mãe, nem no pai, nem na criança, ele *circula* entre esses três elementos. É nesse sentido que, no terceiro tempo, "o pai intervém como real e potente"[26], e é por isso que Lacan afirma que "a terceira etapa é tão importante quanto a segunda, pois é dela que depende a saída do complexo de Édipo. O falo, o pai atestou dá-lo em sua condição e apenas em sua condição de *suporte* (...) da lei"[27]. Completando nosso esquema, teremos então:

[26] *Ibid.*, p. 147.

[27] *Ibid.*, p. 200.

1º tempo	Δ	A	(pai) (falo)
2º tempo	$\$$	$\not A$	pai/falo
3º tempo	$\$$	$\not A$	pai
			falo

O que pode ser articulado, pelo sujeito, ao final do complexo de Édipo é, portanto, a existência do *falo* como esse elemento *simbólico* que pode circular, e que é efeito da posição do *pai* enquanto *função simbólica*, enquanto *metáfora* que vem substituir, nomear ou, como afirma em *Nota sobre a criança*, de 1969, *vetorizar* o desejo materno.

Com o auxílio do *Seminário – livro 10*, podemos acrescentar que o pai é o recurso ao simbólico que permite dar uma interpretação, ordenar simbolicamente esse ponto que remete para o real do desamparo, nomeando um vazio em termos de castração. Sob esse ponto de vista, o pai não tira da criança nenhum gozo, ele torna possívela ordenação, pela via simbólica, desse gozo. Reencontramos assim a afirmação de Lacan no texto *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* de que "não é a lei em si que barra o acesso do sujeito ao gozo; ela faz de uma barreira quase natural, um sujeito barrado"[28].

[28] Lacan. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960/1998, p. 836).

Por fim, se acrescentamos ao nosso esquema do complexo de Édipo o objeto *a*, ele ficaria assim:

$$\begin{array}{ccc} \Delta & & A \\ \$ & a & \not A \\ \$ & \lozenge \; a & \not A \end{array}$$

Nessa versão do esquema, o primeiro tempo consistiria em um tempo mítico de assujeitamento da criança ao Outro materno, uma posição que implica um Outro não-barrado que goza da criança em posição de objeto *a*; trata-se, portanto, de um tempo que só pode ser sustentado retroativamente, a partir do segundo, caracterizado por Lacan como o tempo nodal do Édipo, em que a privação materna torna possível a simbolização da queda da criança de seu lugar de objeto de gozo do Outro; por fim, no terceiro tempo, pode-se situar a resposta fantasmática, em que $\$$ e *a* se articulam para produzir uma resposta ao *Che vuoi?*, enquanto enigma do desejo do Outro, A.

Finalmente, para concluir, podemos retornar à vertente de leitura do Édipo em que o pai castrador interdita o acesso da criança ao gozo de uma relação incestuosa com a mãe e afirmar que essa leitura reencontra seu lugar como a interpretação que a função simbólica do pai empresta, *a posteriori*, ao "mito individual do neurótico", aquela que encontramos no imaginário do enredo edipiano de toda neurose. Afinal, como afirma Lacan no *Seminário – livro 10*, "a castração, no fim das contas, nada mais é que o momento da interpretação da castração"[29].

[29] Lacan. *O Seminário – livro 10: A angústia* (1962-63/2005, p. 56).

FREUD, Sigmund (1924). Dissolução do complexo de Édipo. In: *Edição Standard brasileira das Obras completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. XIX.

FREUD, Sigmund (1925). Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In:*Edição Standard brasileira das Obras completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. XIX.

LACAN, Jacques. (1945). O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1949). O estádio do espelho como formador da função do eu. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1953) Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 1: Os escritos técnicos de Freud* (1953-1954). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 4: A relação de objeto* (1956-1957). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LACAN, Jacques (1957). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 5: As formações do inconsciente* (1957-1958). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

LACAN, Jacques (1960). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 10: A angústia* (1962-1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

resumo

Trata-se de uma proposta de leitura dos três tempos lógicos do complexo de Édipo, na qual pretende-se mostrar a importância de subverter o viés marcadamente freudiano que Lacan dá ao tema em 1956-57 – em que o pai castrador interdita o acesso da criança ao gozo de uma relação incestuosa com a mãe – em favor de uma leitura que considere os desenvolvimentos de Lacan pós-*Seminário 5*. Tal leitura permite concluir que não é o Édipo que impõe um limite ao gozo, ele apenas fornece ao sujeito os elementos que permitem ordenar simbolicamente a irremediável perda de gozo própria de toda inscrição no campo da linguagem, e que concerne ao objeto *a*.

palavras-chave

complexo de Édipo, pai, falo, constituição do sujeito.

abstract

The article proposes a reading of the three logical times of Oedipus complex, in which we intend to show the importance of subverting the reading remarkably freudian that Lacan gives to the theme in 1956-57 – in which a castrator father interdicts child's access to the joy of an incestuous relationship with the mother – in favor of a reading that considers Lacan's developments post-*Seminar 5*, that allows to conclude that it is not Oedipus complex that imposes a limit to the joy, it just supplies the subject with the elements that allow him to order symbolically the loss of joy that is present in all inscription in the field of the language, concerning to the *a* object.

key words

OEdipus complex, paternal function, phallus, subject's constitution.

recebido
28/03/2006

aprovado
07/04/2006

A banalidade do mal e a escolha dos sujeitos

Andréa Brunetto

A dor se renova, o lamento repete
O errante curso labiríntico da vida.

Fausto, Goethe.

Partiremos da Segunda Guerra Mundial para chegar à violência dos dias de hoje e a um exemplo de como essa violência existe na clínica psicanalítica. A idéia desse título ocorreu há meses, pouco antes das comemorações pelos sessenta anos do fim da Segunda Guerra Mundial. A persistência do tema se revelara após uma visita, em 2003, ao campo de concentração de Dachau, perto de Munique, na Alemanha. Esse campo hoje é um museu que conta a história da Guerra, tendo sido transformado em um monumento do que não pode acontecer nunca mais. Em sua entrada, aliás, lê-se "nunca mais" em muitos idiomas. O encontro com esse real, andar pelo campo, pelo crematório, deixou-nos como resto a necessidade de estudar mais sobre esse período da história. Do que não conseguimos compreender – o real, para Lacan –, devemos falar.

a banalidade do mal

A expressão "banalidade do mal" é da filósofa e escritora alemã Hannah Arendt. Consiste na ausência de arrependimento pelo mal perpetrado ao outro. Ela cunhou o termo em seu livro sobre o julgamento de Adolf Eichmann, um dos operadores da "solução final" que resultou na morte de cerca de seis milhões de judeus. A autora percebeu[1], diante do horror dos testemunhos e das provas do extermínio – em Jerusalém se queria acreditar que Eichmann era um burocrata importante usando recursos do governo –, a pequenez e a mediocridade de Eichmann. Longe de ser uma vítima, ele até poderia admitir que cometera um crime contra os judeus – embora sustentasse que gostava de muitos judeus e que tinha inclusive alguns como parentes –, mas se escondeu atrás da explicação de que era um funcionário exemplar e obediente, cumprindo ordens superiores.

[1] Arendt assistia ao julgamento como correspondente da revista *The New Yorker*.

A banalidade do mal, portanto, foi algo com que Arendt se deparou durante o julgamento. "Eichmann não era nenhum Iago, nenhum Macbeth, e nada estaria mais distante de sua men-

te do que a determinação de Ricardo III de se provar um vilão"[2]. Segundo a filósofa, ele nunca percebeu o que estava fazendo, nunca teve a dimensão de que não se extermina um povo, que não se atenta contra a vida humana em nome de ideologia alguma. E não teve essa dimensão ética nem no momento de morrer – já tinha sido sentenciado à morte –, apelando para frases-clichê como "o destino dos homens", "vamos nos encontrar em outra vida" etc. Diante do crime sem precedentes que foi o genocídio dos judeus, era assombroso que um homem como ele não tivesse nenhuma culpa, nenhuma noção de responsabilidade.

[2] Arendt. *Eichmann em Jerusalém* (2004).

Segundo Alain Besançon, parte dos crimes horríveis da Segunda Guerra Mundial foi cometida por homens medíocres, mediocremente inteligentes e morais, não podendo a explicação se restringir à personalidade de quem o cometeu, sem avaliar o "sistema". Por isso, embora em casos como os de Stalin e Hitler[3], dotados de uma personalidade criminosamente doente, a justificativa da autoria pareça razoavelmente coerente, o que dizer de casos como o de Eichmann?

[3] Besançon situa o comunismo e o nazismo no mesmo patamar de tirania, embora as atrocidades do primeiro ainda sejam uma história a ser contada.

Somos cada vez mais assolados por exemplos do *mal banal*. Um funcionário público passa a ganhar muito dinheiro corrompendo-se e vive sua ostentação aparentemente sem culpa; outro atropela um jovem, mata-o, e cinco dias depois dá entrevistas na televisão sobre uma greve por aumento de salários; dois adolescentes matam um terceiro para roubar seu tênis.

Imre Kertész e o campo de *Auschwitz* [4]

Na *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola*, Lacan sustenta que os campos de concentração são uma coordenada real para a exclusão e que o nazismo pode ser considerado um precursor da exclusão gerada pela universalização do sujeito que procede da ciência.

[4] Há vários outros exemplos, entre os quais o do psicanalista Bruno Bettelheim, que foi encarcerado em Dachau em 1938 e 1939. Seu relato pode ser lido no livro *A Viena de Freud e outros ensaios*.

Por isso, comento a experiência no campo de concentração do escritor Imre Kértész antes de passar para a discussão da responsabilidade dos sujeitos e a responsabilidade da psicanálise diante disso. Kértész, ganhador do prêmio Nobel de Literatura de 2002, era um garoto de 15 anos quando, a caminho do trabalho, já instituído pelos nazistas, foi preso com outras pessoas simplesmente porque eram judeus. Detido com outros garotos em um quartel improvisado da SS, testemunha tamanha violência, que olha para as metralhadoras e pensa que seus suportes parecem os pés de uma cegonha, "com um ridículo apetrecho em forma de funil, preso à boca do cano, parec[endo] o moedor de papoula de minha avó"[5], ou seja, tentando dar sentido à irrupção desse real, relaciona as metralhadoras com coisas amenas e conhecidas, como esse objeto de sua avó.

[5] Kértész. *O fiasco* (2004, p. 15).

É enviado a Auschwitz. Em seguida, com o joelho machucado, retorna para Buchenwald antes de seguir para um terceiro campo, o de Zeitz, onde seria resgatado pelos aliados. Ao retornar com diversos outros húngaros a Budapeste, vê que a população da cidade não quer olhar para ele. Entra na cidade magro, raquítico, morto de fome, maltrapilho, e as pessoas desviam o olhar. No bonde que o leva até sua rua, encontra um jornalista que lhe pergunta se está voltando de um campo de concentração e diz que isso tudo que acontecera com ele precisava ser falado, contado a todos. Afasta-se. Quando toca a campainha de sua casa, estranhos o atendem. Já não é mais sua casa. Vizinhos que o conheciam o chamam, contam que seu pai morrera, que sua madrasta vivia com outro e que tudo que lhe acontecera tinha sido uma fatalidade, o destino. Devia esquecê-lo, "pois com um peso assim não se pode começar uma nova vida".

Kértész concorda com o conselho, mas não com a explicação sobre o destino: se tudo foi obra do destino, qual a liberdade do homem? Não era o seu destino, mas ele o viveu, razão pela qual o primeiro volume de sua história se intitula *Sem destino*. Em *A língua exilada*, conta que Auschwitz destruiu o que entendia por pátria, nação, povo, e que se sentia pertencendo a lugar nenhum. "Ante uma aparição como Auschwitz, a lógica, indiscutivelmente, não nos leva longe: parece que a razão declara falência"[6]. E inventaria os escritores que viveram a realidade de Auschwitz e que se mataram; por enquanto, está se agüentando, sem fazê-lo.

[6] Kértész. *A língua exilada* (2004, p. 82).

violência e agressividade: a responsabilidade dos sujeitos

Arendt mostra como se "brincou" com as palavras na Alemanha do Terceiro Reich. Para se livrarem dos alemães geneticamente defeituosos, doentes incuráveis, propôs-se uma "morte misericordiosa". Os memorandos continham expressões como "massacres administrativos" e "morte médica". Ela se surpreende que, em ofício, um dos ministros tenha usado a palavra extermínio. Mesmo durante o julgamento de Eichmann, seu advogado, para se referir ao extermínio dos judeus nas câmaras de gás, usava apenas o termo "morte médica".

Em *O mal-estar na civilização*, Freud mostra que as tendências destrutivas estão presentes em todos os homens, tratando-se, portanto, de tendências anticulturais. Em suas palavras, "os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes pulsionais deve-se levar

em conta uma poderosa cota de agressividade". E cita Plauto: *homo homini lupus*. Já na resposta a carta de Einstein *Por que a guerra?*, de julho de 1932, ele diz que é impossível prevenir a destrutividade do ser humano. Afirma que há um caminho que vai da violência ao Direito e à Lei, e que a violência pode ser derrotada pela união, mas que ainda assim trata-se de uma violência: "a única diferença real reside no fato de que aquilo que prevalece não é mais a violência de um indivíduo, mas a violência da comunidade"[7].

[7] Freud. Por que a guerra? (1932/1972, p. 247).

O símbolo é mais importante que o objeto, mostra Lacan em seu *Seminário – livro 1: Os escritos técnicos de Freud* (1953-4). A maneira como os homens usam a palavra *elefante* determina o que será feito com eles, antes mesmo que se pegue em um arco ou fuzil. Assim, a qualificação de uma ação como algo violento é efeito do discurso, de como está inserida no laço social. A violência, portanto, não é propriamente um conceito psicanalítico e pode ser relacionada com as mais variadas significações: com a rivalidade imaginária com o outro, com a fantasia do gozo do Outro, com a aquisição da linguagem pelo ser falante e com as manifestações de segregação coletivas. É nessa vertente que se pode tentar entender o nazismo e a segregação de raças após os eventos de 11 de setembro de 2001.

Francisco Pereña, no artigo *Da violência à crueldade,* caracteriza a violência como "o caráter traumático de seu nascimento (do sujeito), um acontecer violento porque o recém-nascido fica exposto ao outro, à sua mercê, indefeso"[8], e a diferença da crueldade: enquanto a violência é um padecimento da experiência traumática, a crueldade é "a violência que se converte em razão de uma ordem e de uma vingança"[9]. Para Pereña, "cada vez que buscamos a mão que dirige nossas desgraças, montamos o acampamento da crueldade em que vivemos"[10], sendo assim que a crueldade se torna o cimento da relação entre os homens.

[8] Pereña. De la violencia a la crueldad (2003, p. 121)

[9] *Ibid.*, p. 122.

[10] *Ibid.*, p. 123.

Só podemos entender determinado ato violento, portanto, caso a caso, diante da realidade da clínica, ou realizando uma leitura dos laços sociais. O extrato clínico a seguir mostra um sujeito inicialmente surpreso com seu ato violento, mas em seguida, com a ajuda de seu psiquiatra, desresponsabilizado: deprimido e estressado, encontra uma justificativa para o que fez.

Um homem pede análise como um apoio a mais, além do medicamento, para tirá-lo da depressão. Na primeira sessão, conta que, tendo sido pacífico a vida toda, sem histórico de brigas e agressões, jogara no mês anterior o computador em seu chefe, porque este, após cobrar de um colega de trabalho

algo que o mesmo não podia fazer, xingara-o e chamara-o de incompetente.

Acha que seu ato não teve motivo e que foi fruto do stress. Diante da não-aceitação da analista em responsabilizar o stress pelo que acontecera, diz finalmente que não sabia por que fizera isso. A aposta da psicanálise: na decifração de seu inconsciente, descobrirá o motivo.

Inicia-se a análise e esse sujeito pode falar de suas inibições com as mulheres e da inveja e rivalidade que sente pelo irmão, seu ideal de homem extrovertido que conquista "todas elas". Um ano depois, em decorrência da elaboração de uma cena infantil e de uma interpretação da analista, relaciona-a com a agressão a seu chefe. No quintal de sua casa, o pai amarra com uma corda seu filho mais velho, irmão do paciente, e o espanca. O sujeito assiste seu pai gritar repetidamente: "seu incompetente, sem ação". Não faz nada, confirmando a afirmativa paterna dirigida ao irmão, e se congela no significante "sem ação". Em uma das vezes que conta essa cena, diz: "Eu poderia, para defender meu irmão, pelo menos ter jogado algo em meu pai". "Um computador?", pergunta a analista.

Constrói-se, assim, a relação entre a violência sentida em um passado distante e a exercida a um outro recentemente. A violência sentida, não tendo sido elaborada no simbólico, levou a uma conduta violenta, embora não no sentido de uma pura repetição, como se o abusado de ontem se tivesse tornado o abusador de hoje. Ao intervir na segunda cena, o sujeito, com seu ato, introduz algo, produzindo uma nova identificação: não mais o sujeito sem ação. Só na análise, contudo, é que pode, após relacionar violência e saber, falar do ódio ao pai.

Luís Fernando Palacios, em seu artigo *Sujeito, ato e responsabilidade*, sustenta que o ato surge quando o sujeito se confronta com um ponto a que o Outro não responde. "O sujeito, então, está confrontado ao não-todo, a um ponto de onde o Outro não responde. Isso é o que assinalamos, ao dizer que o Outro não responde à pergunta sobre o ser do sujeito, criando as condições para produzir algo novo"[11].

[11] Palacios. Sujeto, acto y responsabilidad (1999, p. 38).

Esse caso clínico, portanto, mostra a escolha do sujeito em se responsabilizar por seu ato, o que o leva a sair da posição de ser um "sem ação", sem precisar apelar novamente à violência. Trata-se de uma análise que, depois de alguns anos, ainda tem um grande percurso a ser feito, mas que só pôde se manter pela aposta do sujeito no simbólico, ou seja, por sua escolha em responsabilizar-se.

referências bibliográficas

ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém.* São Paulo: Companhia das Letras, 2004a.

ARENDT, Hannah. *Responsabilidade e julgamento.* São Paulo: Companhia das Letras, 2004b.

BESANÇON, Alain. (1998). *A infelicidade no século.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

FREUD, Sigmund. (1930). O mal-estar na civilização. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1972. Vol. XXI.

FREUD, Sigmund. (1932). Por que a guerra? In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1972. Vol. XXII.

KERTÉSZ, Imre. *Sem destino.* São Paulo: Planeta, 2003.

KERTÉSZ, Imre. *O fiasco.* São Paulo: Planeta, 2004a.

KERTÉSZ, Imre. *A língua exilada.* São Paulo: Cia das Letras, 2004b.

LACAN, Jacques. (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 1: Os escritos técnicos de Freud* (1953-1954). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

PALACIOS, Luís Fernando. Sujeto, acto y responsabilidad. In: *Jóvenes bandas y acto delictivo.* Medelín: Associación de Foros del Campo Lacaniano en Colombia, 1999.

PEREÑA, Freancisco. De la violência a la crueldad. In: *Clinica de la violência.* Barcelona: Forum Psicoanalitico de Barcelona, 2002.

resumo

Com base no conceito de banalidade do mal, proposto por Hannah Arendt, e das descrições da violência no campo de concentração de Auschwitz, relatadas por Imre Kertész, relaciona-se a banalidade a uma desresponsabilização dos sujeitos diante da própria agressividade. Por fim, mostra-se como a violência e a agressividade se evidenciam na clínica psicanalítica de hoje.

palavras-chave

Hannah Arendt, banalidade do mal, violência, Imre Kertész.

abstract

Through the concept of evil banality, proposed by Hannah Arendt, and the violence descriptions at the Auschwitz concentration camp, reported by Imre Kertész, we listed a non responsibility of the subjects against their own aggressiveness. And, lastly, we show how violence and aggressiveness are evident in analyst clinical issues.

key words

Hannah Arendt, evil banality, violence, Imre Kertész

recebido
08/04/2006

aprovado
30/04/2006

direção do tratamento



Escolha da neurose ou a insondável decisão do ser. Impasses na clínica do sujeito

Nádia Afonso de Souza Martins

de início, um ato endereçado à analista

Retomemos, rapidamente, fragmentos do caso clínico de uma jovem que atendi há algum tempo e que servirá de fio condutor para a apresentação deste trabalho.

Luísa é uma mulher de 37 anos, com nível superior, bilíngüe, e que chegou a ocupar lugar de destaque no meio empresarial. Apresenta-se sofrendo muito, sentindo-se só, abandonada e desamparada. Exibe um aspecto desleixado e sujo – já não tomava banho – e aparenta ser mais moça do que é. Procura o tratamento com uma série de queixas e descreve como convive com elas: insônia (toma remédios para dormir), inapetência (quase anoréxica), dores de cabeça constantes, vista cansada, dores reumáticas em locais variados (controladas com analgésicos), apatia e indiferença a tudo, improdutividade no trabalho (atribui a este a origem de seu adoecimento) e insucesso no amor (dois casamentos malogrados, não ama e não está se relacionando sexualmente com ninguém). Apresenta morbidez (enfraquecida e enferma), tem dificuldade em estabelecer laços sociais e se diz tímida e infeliz. Além disso, sofreu perdas irreparáveis: o pai faleceu antes de ela ter nascido; o irmão e a mãe, um ano antes de ela iniciar o tratamento. No limite de sua capacidade para suportar tantas perdas, recebe a notícia de que sua irmã mais velha, única pessoa da família com quem pode contar, está com câncer. Agravando ainda mais suas dificuldades, está desempregada há mais de um ano. Automedica-se para poder dormir, depois de ter se submetido, sem sucesso, a várias tentativas de tratamento.

Sentindo-se só e abandonada, a paciente se precipita em um ato e tenta o suicídio em face da hipótese antecipada de ter de conviver com o sofrimento da solidão insuportável. Em seu caso, o diagnóstico diferencial é bastante importante na direção do tratamento e no manejo da transferência, levando-se em conta essa tentativa de suicídio, que precipita o trabalho de formalização do caso clínico.

No dia seguinte à primeira entrevista com a analista, Luísa ingere grande quantidade de comprimidos do ansiolítico que tomava para dormir. Em seguida, telefona-me para comunicar o fato e me endereçar este ato: "Acabo de tomar uns quarenta comprimidos, estou ficando tonta e não sei o que faço". Aconselho-a a procurar um hospital o mais rápido possível, a fim de submeter-se aos procedimentos médicos necessários e comuns em tais circunstâncias.

Dois dias depois, ela retorna, como havíamos combinado, e o tratamento tem continuidade. Diante do incondicional de sua demanda, estabeleci algumas condições para que pudéssemos prosseguir o tratamento, como a revisão de sua terapia medicamentosa e um número maior de encontros semanais.

Nesse primeiro momento, o caso suscita questões sobre o diagnóstico diferencial e ressalta o enfoque sobre os binômios neurose e psicose, fenômeno e estrutura, e diagnóstico diferencial e prognóstico. É justamente nessa fase, etapa anterior à decisão ou proposta de tratamento psicanalítico, que se definem perspectivas sobre o entorno da noção de diagnóstico em psicanálise e o manejo da transferência. Freud chama essa fase inicial de "tratamento de ensaio"[1]; Lacan a denomina "entrevistas preliminares"[2].

Inicialmente, percorramos os caminhos trilhados por Freud e Lacan, fazendo uma *peignage* nas obras desses autores com o intuito de desenvolver os conceitos utilizados no título do trabalho. As duas expressões "escolhidas" para intitular este artigo falam sobre os impasses nos diagnósticos e trazem à baila a idéia de que existe uma escolha nesse tênue limite, ou seja, algo que põe em cena a posição subjetiva da paciente.

O que Freud chamou de "escolha da neurose" Lacan denominou "insondável decisão do ser"[3]. Ambos se interrogaram sobre a ordem da causalidade psíquica. Ao se referir "à causalidade da loucura", Lacan fala da impropriedade da expressão "escolha da neurose", e afirma tratar-se de uma "insondável decisão do ser", pois nesse momento não se trata de um "querer", mas de algo que é dado na estrutura do sujeito,

> (...) que determina a biografia infantil e cuja mola é muito evidente somente na maneira pela qual estão presentes o que chamamos de desejo do pai, da mãe e o que, por conseqüência, nos incita a explorar não somente a história, mas um modo como o saber, o gozo e o objeto estão presentes na vida do paciente, que são o que de fato vão determinar essa escolha.[4]

[1] Freud. Sobre o início do tratamento (1913/1980, p. 165).

[2] Lacan. O saber do psicanalista (1971), (Inédito, aula de 2 de dezembro de 1971).

[3] Lacan. Formulações sobre a causalidade psíquica (1946/1998, p. 179).

[4] Lacan. *O Seminário – livro 16: De um Outro ao outro* (1968-1969), (Inédito).

Na passagem para o segundo momento da apresentação do caso, destaquemos a questão que implica as relações do sujeito com a alteridade, a linguagem e seus atos, enfocando sobretudo o momento de escolha do sujeito na entrada e na saída da análise.

acting out, atuação ou passagem ao ato

Se, de um lado, a entrada da paciente em análise se caracteriza por um *acting out,* uma forma selvagem de dizer "Salve minha vida!", que se apresentou bastante fechada na cadeia de significantes e caracterizou um quase mutismo – o silêncio é a marca pulsional desse momento e sua forma de expressão é assim imposta ao Outro por intermédio de um ato –, de outro, a saída, marcada por uma interrupção brusca do tratamento, distinguiu-se por uma *atuação* que não podemos chamar de *passagem ao ato,* ou seja, como uma transposição do sujeito, o resultado da passagem que marca o fim de uma análise, ainda que saibamos da ocorrência de um momento decisivo de *escolha do sujeito.*

Pois bem, estamos diante de uma paciente que endereçou um ato, uma tentativa de suicídio, à analista. Como se pode nomear seu ato? Trata-se de uma passagem ao ato ou de um *acting out?* Lacan estabelece a diferença entre ato e *acting out,* ao especificar que na passagem ao ato não há um endereçamento ao Outro – o sujeito desiste do apelo ao Outro do saber – enquanto no *acting out* há um apelo endereçado ao Outro do saber.

Foi um *acting out,* um ato que está do lado do inconsciente, uma verdade que se dá a ler de forma selvagem, como vimos. O que importa é que houve endereçamento. Nesse sentido, o *acting out* é um instrumento clínico precioso; trata-se de um convite ao saber, porém de difícil manejo na transferência. Lacan, no *Seminário – livro 10: A angústia,* situa *o acting out* do lado do *eu não sou,* e faz um grafo em que localiza o texto freudiano *Inibição, sintoma e angústia* em relação ao movimento e à dificuldade. Nele, desenha três colunas e localiza *a passagem ao ato* na coluna da angústia e *o acting out* na do sintoma, com coordenadas simbólicas: um endereçamento ao Outro, como algo que o sujeito não consegue dizer e o faz atuar. O clássico caso clínico do *Homem dos miolos frescos,* de Kris, ilustra que o *acting out* aponta para uma falha do analista; ali onde o analista não conseguiu escutar o paciente, este fez um *acting out.* Tratava-se de um sujeito inibido em sua vida intelectual e incapaz de conseguir publicar suas pesquisas porque cedia ao impulso de plagiar. Sua primeira analista, Melitta Schmideberg, interpreta o fato à luz da compulsão infantil do paciente de furtar guloseimas

e alfarrábios. Ernst Kris modifica a perspectiva do caso e afirma que o paciente não é plagiário, embora acreditasse sê-lo. Este, em um determinado momento de sua análise com Kris, relata um *acting out* cometido logo após uma das sessões – o fato de, após a saída da sessão, ter ido comer miolos frescos, seu prato preferido, com o intuito de lhe fazer surgir idéias novas – e que é uma declaração que compromete o caráter feliz da intervenção do analista naquele momento. Justamente, Lacan retoma o caso para utilizá-lo como exemplo clássico da falha do analista, já que o *acting out* ocorre logo após a sessão em que o analisando, convocado por Kris a falar sobre sua virada de posição subjetiva, não consegue simbolizar sua questão ou traduzi-la em palavras, dialetizando-a segundo a função metonímica do desejo: em vez de falar, faz um ato.[5]

[5] Lacan. A direção do tratamento e os princípios de seu poder (1958/1988, p. 585-652).

Pode-se fazer uma analogia com o caso de Luísa, ressaltando-se a diferença de que é justamente a tentativa de suicídio que vai ao encontro do vetor que a leva à análise. Poderia tratar-se de chantagem ou simulação banal; reivindicação de atenção e carinho; ou vitimização diante das vicissitudes e amarguras da vida. Sob estes ou quaisquer outros prismas, a indicação para o tratamento pode ser tomada como algo que ratifica sua impotência de existir ou sua exclusão como sujeito. A paciente tentou se tratar diversas vezes, mas jamais deu continuidade a essas tentativas, inclusive em hospitais psiquiátricos públicos do Rio de Janeiro.

O *acting out* de Luísa se dirige à analista e exige resposta. Se tomarmos como falha do analista algo na interpretação, ou no silêncio deste, o que fez emergir o real da pulsão, podemos então valorizar a dimensão transferencial ocorrida já na entrevista inicial, por tratar-se de uma verdade que teve a ver com esse *acting out* e revelou um estado de embrutecimento. Com o início do tratamento, houve uma tentativa não só de converter esse *acting out* em enigma para o sujeito, permitindo seu surgimento no simbólico, como também de fazer o sujeito advir, integrando à sua história essa parte do inconsciente que repete e insiste em se inscrever. Luísa, depois disso, relatou ter tentado o suicídio em vários momentos de sua vida.

Pode-se dizer que estávamos diante de uma análise que se deu num trajeto do real da pulsão ao simbólico, contrariando a regra fundamental da associação livre? Se, de um lado, a mais pertinente expressão de Luísa era o silêncio, de outro, ela não parava de se drogar com remédios; agia, acidentava-se e repetia constantes ataques ao corpo, sem elaborar esses acontecimento.

Discutir a questão do *acting out* na entrada da análise nos leva à hipótese de que a paciente atuou porque não podia falar da dimensão de seu sofrimento ao entrar em análise. Por não poder aceder ao simbólico, fez emergir o real da pulsão, e a analista tentou fazer emergir a verdade dos sintomas.

O encontro com a analista foi, provavelmente, o elemento desencadeador do *acting out*, que impeliu a paciente a um desafio determinante, o de sujeitar-se ao trabalho analítico e tentar suportá-lo, designado por Lacan como "decisão do desejo". Diante do *acting out* que assusta a analista, aumenta a preocupação com a posição ocupada pelo sujeito diante do Outro e com a maneira como goza. Não é na fenomenologia e sim na transferência que um psicanalista vê a posição subjetiva do paciente, o lugar que ocupa em face do Outro e a forma como goza.

Assim, em relação a essa paciente em cuja vida emergiu um gozo sob a forma de angústia, cabe-nos perguntar: que gozo esse sintoma vem delimitar? Esse gozo, acompanhado da idéia de morte iminente, de queda, de entrega total, traz consigo, de maneira implícita, um imperativo: "Salve minha vida!"

Só a partir desse *acting out*, o sintoma pode se elevar ao estatuto de questão, o que vem nos mantendo no caminho da decifração desse enigma há quatro anos. Fazemos um recuo e seguimos passo a passo as vicissitudes desse ato, retomando aspectos clínicos da forma melancólica em que a paciente iniciou seu tratamento, chorando durante dois anos a morte de seus familiares, e depois sua passagem para uma forma maníaca, ao se lançar em uma incessante busca de empregos que não a satisfaziam, para ganhar a vida e poder assim se tratar. Permaneceu presa nessa captura imaginária de um emprego e um parceiro ideal durante quase dois anos. Após um afrouxamento dessa cadeia de significantes, Luísa interrompe bruscamente o tratamento e deixa duas sessões sem pagar. Com sua interrupção, sem o consentimento da analista, o trabalho toma outra direção.

o lugar do sujeito diante do Outro

Luísa ocupa um lugar de impasse, um lugar instável, no qual pôde se manter por três anos e meio, sem que lograsse se sustentar. Hipoteticamente, o impasse seria este: "Se eu trabalho como você quer que eu trabalhe, eu ganho um lugar nesse mundo, que é o que você quer que eu ganhe. Mas não é aí que encontro o meu lugar como sujeito, esse lugar não tem nada a ver com o meu gozo". Ainda, sinteticamente, podemos nos perguntar: o gozo desse sujeito está em manter esse sofrimento, vitimar-se e destituir o lugar que a analista lhe oferece para fazer seu tratamento?

Durante o período em que esteve na análise, Luísa faz *retificações subjetivas* significativas, mas não suficientes para demarcar uma mudança de vida, sair desse lugar de "lixo", de "resto", no qual se situa. Trata-se de um sujeito que existe de forma muito singular; parece que foi por meio do processo identificatório com a analista que Luísa conseguiu avançar, modificando algumas coisas em sua vida, mas sem conseguir efetuar uma transposição que representasse o resultado desejado pelo travessia da fantasia no processo analítico. A identificação com a analista, que definiu o diagnóstico de histeria grave, não foi suficiente para sustentar, de acordo com a metáfora lacaniana, a passagem de uma margem à outra.

Luísa, identificada com a série de mulheres que constituíam o entorno de sua vida, busca um "colo banhado de lágrimas". "Identificada" com a mãe enlutada e deprimida, faz uma escolha profissional sem respeito à sua subjetividade. Identificada com as tias solteironas, "as velhas da família", ocupa o lugar da "pobre órfã que necessita de acalanto". "Identificada" com a irmã, a quem diz odiar, sonha com a morte dela e anuncia um desejo de morte endereçado à analista.

Pode-se dizer que as identificações são uma indecisão entre o "eu" e o "outro", ao passo que a identidade quer dizer encontrar finalmente um eu que, ilusoriamente, está livre de qualquer relação com o objeto. Nesse nível, a identificação é a capacidade de ocupar lugares e posições psíquicas diferentes.[6]

[6] Kaufmann. *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise* (1996, p. 256).

Na transferência, todavia, o fundamental é a hipótese de que há um saber a ser conhecido e que o analista, porque ocupa o lugar de objeto, de causa do desejo, na função de SsS, é ponto-pivô no qual tudo se articula, pondo seu paciente no exercício do próprio inconsciente. Luísa se apresentou em estado de grande sofrimento, sentindo-se só e desamparada, mas após a tentativa de suicídio disse: "Acho que fiz isso, a fim de passar para o lado de lá da vida, onde estão todos os meus, antes que minha irmã se vá e eu fique sozinha".

O contexto do início do tratamento mostra uma pessoa bastante apática e indiferente, sem muitos investimentos, que se queixa bastante da vida, e tenta o suicídio. É interessante observar que, nesse breve percurso, ocorreram mudanças subjetivas: passou a tomar banho, mudou a maneira de se vestir e o corte de cabelo, e começou a procurar emprego; saiu da residência onde se sentia insatisfeita e iniciou um relacionamento amoroso. Cabe-nos, assim, perguntar qual foi o caminho percorrido por essa paciente para dar conta de seu sofrimento: o trabalho de luto que resultará no "eu outra vez livre e desinibido" ou o que reverterá em uma desvinculação entre a imagem e o objeto, em mania?

A paciente inclina-se à conversão somática, sente dores e enxaquecas constantes. Vive em estado de angústia e mantém seu desejo insatisfeito. Adotamos a hipótese de que se trata de uma estrutura neurótica, provavelmente um caso de histeria grave com prognóstico favorável. "O sujeito histérico oferece seu corpo como cama e mesa do Outro e diz: 'Sirva-se!' Seu corpo é o leito da inscrição da linguagem, da história libidinal em que foi objeto de sedução do Outro. Seu corpo é erogeneizado pelo Outro"[7]. Isso pode ser ilustrado com fragmentos clínicos: filha de um pai morto, ela foi amamentada por *uma mãe enlutada*, entristecida. Criada pelas "velhas da família", refere-se ao pai como aquele que de fato merece o amor e a admiração com o significante primordial do Nome-do-Pai: "mente iluminada", o S_1 fornece a primeira matriz de identificação, que barra o gozo da mãe no *discurso da histérica*. A redução do Nome-do-Pai a um significante qualquer faz com que a função paterna opere como agente da castração. Dito de outro modo, a partir da metáfora paterna, encontra-se o traço unário do ideal do eu, o S_1, que se repete na cadeia dos significantes, e vira S_2.

[7] Quinet. *A lição de Charcot* (2005, p. 112).

Identificada com o pai na paixão pelas artes, desrespeita seu desejo e busca sem cessar uma carreira contrária a dele, que não deixou a família bem em termos econômicos. Visando ganhar mais dinheiro, escolheu engenharia e optou pela área numérica. Onde o pai fracassou, entra com sua escolha, a fim de suprir o fracasso econômico dele. Chega a gerenciar uma empresa multinacional, em que é excelentemente remunerada, mas diz: "Foi essa escolha que f. a minha vida".

Pela construção de cenas fantasmáticas que se extraem de sua fala, tentaremos chegar à posição que o sujeito ocupa diante do desejo do Outro. A paciente se mostra impotente diante de decisões simples, como sua alimentação. Trabalha em uma firma que oferece almoço, mas sempre chega tarde: "Sempre como os restos, não consigo comer bem". Em relação ao desejo, tenta mantê-lo insatisfeito. "Vivo no lixo, não tenho disposição para fazer uma limpeza no apartamento, não tenho dinheiro para pagar uma faxineira".

A paciente se põe à procura de um emprego que viabilize seu tratamento e o sustento de sua vida, até então dependente de sua irmã "condenada à morte pelo diagnóstico de câncer". Tenta sair da posição de vítima sacrificada pelas amarguras da vida, mas não consegue se manter em um emprego por mais de seis meses. Todas as vezes que sai de um emprego põe o tratamento em risco, pois não tem como pagar nem mesmo o

transporte, até que um dia, três anos após diversas investidas em novos empregos e tentativas de interromper o tratamento, abandona ambos e deixa duas sessões sem pagar.

alienação e separação

Neste segundo momento de apresentação do caso clínico, pretendo fazer uma analogia da escolha de Luísa com as operações lacanianas de alienação e de separação.[8] A primeira consiste no *vel* que condena o sujeito a aparecer apenas de um lado. Trata-se da operação chamada reunião. O *vel*[9] da alienação se define por uma *escolha*, cujas propriedades dependem de que, na reunião, haja um elemento que contorne ou que, independentemente da escolha feita, a conseqüência seja um *nem um, nem outro.*

Para detalhar as operações de alienação e separação no processo analítico, utilizaremos o grafo do matemático Euler[10], apresentado por Lacan no *Seminário – livro 11* com o exemplo: "a bolsa ou a vida?". A escolha diz respeito a saber se há a pretensão de guardar uma das partes, pois a outra desaparece em ambos. Luísa faz sua escolha: sai do tratamento.

A "escolha da neurose", aliás, incita-nos a explorar não somente a história de Luísa, como também o modo de presença sob o qual o saber, o gozo e o objeto foram efetivamente oferecidos para o sujeito e determinaram sua biografia infantil, ou seja, a maneira como Luísa repete essa matriz e como se situa no campo do Outro.

"Se escolhemos ser, o sujeito desaparece, nos escapa, cai no não-senso". Assim, passemos à construção hipotética de alguns aspectos da fantasia fundamental de Luísa, tentando superpor a ela o grafo de Lacan sobre a alienação e a separação do sujeito. Vemos que a relação do sujeito com o Outro é engendrada por inteiro (nem um, nem outro) em um processo de hiância.[11]

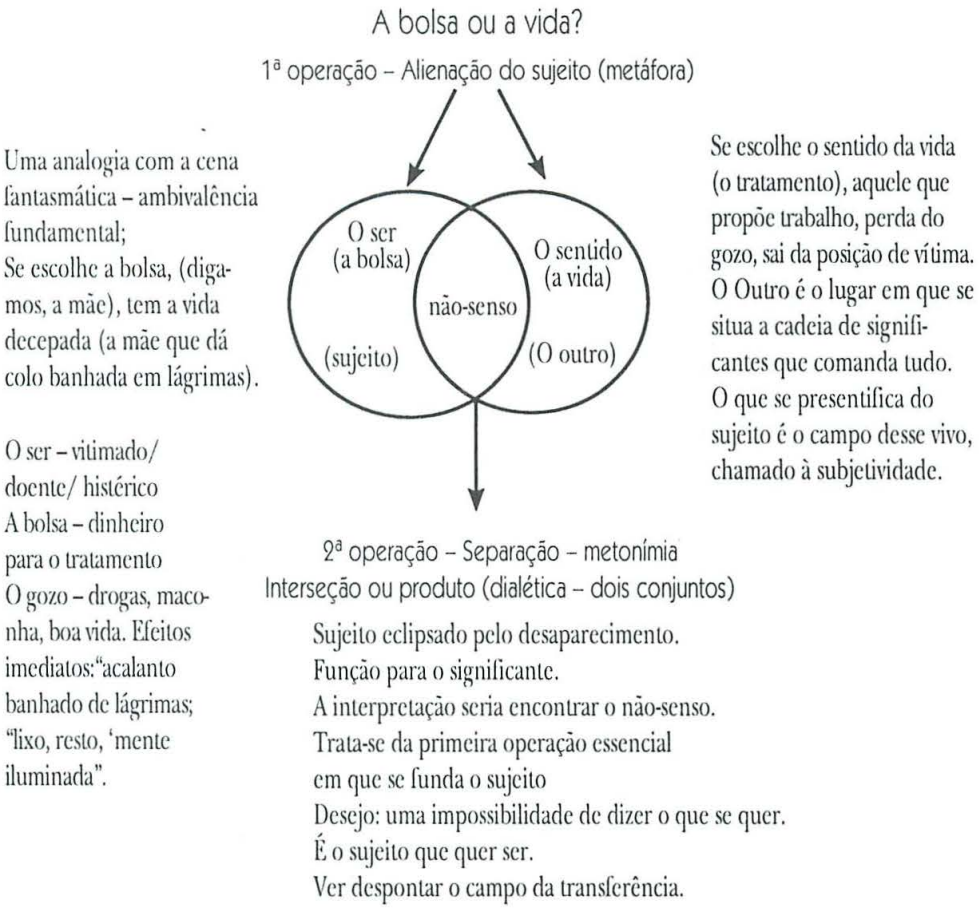
Se Luísa escolhe "a bolsa", o ser, o sujeito, aí petrificado pelo significante, torna-se vítima, acalanto, lixo, resto ou mente iluminada. Perde tanto a possibilidade de ficar com vida e poder se tratar, como o lugar de gozo, ou seja, os significantes primordiais. Se escolhe "a vida", o sentido, o Outro, o tratamento, o analista – entendido como aquele que propõe o trabalho analítico –, perde gozo, colo e acalanto; perde esse ser vitimizado, doente e histérico; perde a bolsa, entendida como gozo (drogas, efeitos imediatos, dinheiro, acalanto, colo banhado de lágrimas). Luísa, contudo, interrompe o trabalho e inviabiliza o tratamento.

[8] Lacan. *O seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964).

[9] Termo latino que significa "ou... ou" ou "nem... nem". Cf. Lacan. Posição do inconsciente (1960/1998, p. 843).

[10] Leonhard Euler, matemático nascido na Suíça, em 1907. Publicou mais de quinhentos artigos e livros, e deixou cerca de trezentos manuscritos. Sua obra completa abrange aproximadamente 75 volumes.

[11] Lacan. *O seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/1979, p. 194 e 196).



Com a montagem dessas cenas fantasmáticas, $\$ <> a$ [sujeito barrado, punção de *a*], estamos diante de um sujeito que escolheu petrificar-se e não deslizar diante da cadeia significante, interrompendo com isso o trabalho de análise. Ele sai de cena. $\$ <> D$ [sujeito barrado, puncão de *D*] = grito, pois, em princípio, o que está do lado do tratamento é uma proposta de trabalho, sustentada pelo desejo do analista que está não nesse lugar, mas na interseção, no meio, no sem sentido.

Lacan chama de sujeito petrificado pelo significante um sujeito que não faz qualquer pergunta sobre si mesmo. Ele vive e age, mas não pensa sobre o que é; situa-se em uma posição oposta à do analisando, ou seja, daquele que busca o sentido.

A falta de sentido que poderia levar Luísa ao enigma e a suportar deslizar na cadeia significante em seu tratamento a fez vacilar entre a identificação e a indeterminação. Qual, então, o destino de Luísa em face da clínica do sujeito? Seu destino é uma vacilação entre a petrificação e a indeterminação; petrificação por um significante e indeterminação no deslizamento do sentido.[12]

[12] Soler. O sujeito e o Outro II (1997).

Eis, assim, o que se pode chamar de impasse na clínica do sujeito. Sabemos que o lugar do sujeito eclipsado é o lugar da falta. A separação tem uma condição: o encontro com a falta do desejo. O sujeito encontra na falta do Outro (o desejo do Outro é uma falta) o equivalente ao que ele é como sujeito do inconsciente.

Vivemos entre a bolsa e a vida, e não em uma escolha entre uma e outra. "Se escolho a bolsa perco a vida; se escolho a vida, tenho a vida decepada sem a bolsa". Luisa se depara com o momento de sua implicação como sujeito do desejo. Depara-se com o desejo da mãe enlutada e descobre que ela é atravessada pela lei do pai. Encontra o pai como significante dessa lei de "mente iluminada", e o efeito do surgimento do significante paterno descola Luísa da identificação imaginária com o colo materno.

Ela, portanto, não encontra seu lugar pela identificação materna. Tenta pela via do significante da metáfora paterna da "mente brilhante" e também não encontra. Toda escolha é uma maneira de apostar no Outro, mas Luísa parece não encontrar seu lugar no campo do Outro, e na impossibilidade da fala, atua e sai do tratamento. A alienação é o destino. O sujeito tem uma única escolha: petrificar-se em um significante ou deslizar no sentido, porque quando se tem um elo entre os significantes (S_1 e S_2), há sentido.[13]

[13] Soler. O sujeito e o Outro I (1997).

Seu ato, digamos sua *atuação*, indica a posição insustentável do sujeito que sai de cena ao interromper o tratamento. Trata-se de uma manobra do sujeito na qual o que está em jogo é responder a questão do ser do sujeito. O sujeito que não se questiona permanece petrificado pelo significante. Vive e age; recusa-se a pensar sobre o que é. Recusa o trabalho de análise e luta contra si.

referências bibliográficas

ALBERTI, Sonia. A clínica do sujeito no hospital. In: *Cadernos de Psicologia*, Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

ALBERTI, Sonia. *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

ALBERTI, Sonia. *Autismo e esquizofrenia na clinica da esquize*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 1999.

EULER, Leonhard. "Técnicas de integração". In: EDWARDS, C. H. e PENNEY, David. *Cálculo com geometria analítica*. São Paulo: Prentice-Hall do Brasil, 1997.

FELDSTEIN, Richard; FINK, Bruce & JAANUS, Maire (org.). *Para ler o Seminário 11 de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

FREUD, Sigmund. (1893-1895). Estudos sobre a histeria. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. II.

FREUD, Sigmund. (1895). Projeto de psicologia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. I

FREUD, Sigmund. (1896) Carta 46. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. I.

FREUD, Sigmund. (1897) Rascunho K. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. I.

FREUD, Sigmund. (1899). Carta 125. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. I.

FREUD, Sigmund. (1911). Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia descrito autobiograficamente. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. XII.

FREUD, Sigmund. (1913). Sobre o inicio do tratamento (Novos conselhos sobre a técnica da psicanálise I). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. XII.

FREUD, Sigmund. (1915). Observações sobre o amor de transferência (Novos conselhos sobre a técnica psicanalítica II) In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. XI.

FREUD, Sigmund. (1915). O inconsciente. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. XIV.

FREUD, Sigmund. (1917). Luto e melancolia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. XIV.

FREUD, Sigmund. (1918). Sobre a história de uma neurose infantil. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. XVII.

FREUD, Sigmund. (1926). Inibição, sintoma e angústia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. XX.

KAUFMANN, Pierre. *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise. O legado de Freud e Lacan.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

LACAN, Jacques. (1946). Formulações sobre a causalidade psíquica. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 3: As psicoses* (1955-1956). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, Jacques. (1958). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1960). Posição do inconsciente. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 10: A angústia* (1962-1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 16: De um Outro ao outro* (1968-1969). Inédito.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 17: O avesso da psicanálise* (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, Jacques. (1971). O saber do psicanalista. Inédito.

QUINET, Antonio. *As 4+1 condições da análise.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

QUINET, Antonio. *Teoria e clínica da psicose.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

QUINET, Antonio. *A lição de Charcot.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

QUINET, Antonio (org). *Extravios do desejo: depressão e melancolia.* Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 1999.

QUINET, Antonio (org). *Psicanálise e psiquiatria: controvérsias e convergências.* Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.

QUINET, Antonio (org). *Na mira do outro: a paranóia e seus fenômenos.* Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.

QUINET, Antonio (coord.). Thesaurus: referências sobre a paranóia e delírio em Lacan. Rede de Pesquisa de Psicose. Rio de Janeiro. Formações Clínicas do Campo Lacaniano, 2003.

QUINET, Antonio (coord.). Thesaurus: referências em Freud e Lacan sobre destino, escolha, hereditariedade, tragédia e trágico. Rio de Janeiro. Formações Clínicas do Campo Lacaniano, 2005.

RIBEIRO, Maria Anita Carneiro. *Um certo tipo de mulher: mulheres obsessivas e seus rituais.* Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.

SOLER, Colette. O sujeito e o outro I. In: FELDSTEIN, Richard; FINK, Bruce & JAANUS, Maire (orgs.). *Para ler o Seminário 11 de Lacan.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

SOLER, Colette. O sujeito e o outro II. In: FELDSTEIN, Richard; FINK, Bruce & JAANUS, Maire (orgs.). *Para ler o Seminário 11 de Lacan.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

SOUZA, Neusa Santos. *A psicose: um estudo lacaniano.* Rio de Janeiro: Revinter, 1999.

VIEIRA, Marcus André. Entre fenômeno e estrutura: o diagnóstico em psicanálise. In: *VIII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, Rumo ao âmago da cura psicanalítica: estudos clínicos.* Salvador: 1998, p. 205-212.

resumo

O texto pretende estabelecer articulações teóricas entre as conexões clínicas de um caso que exige formalização sobre o *acting out*, a *atuação*, o *ato* e a questão da temporalidade na constituição do sujeito. Trata-se de uma paciente que entra em análise com um *acting out*. Logo após a primeira entrevista, ela tenta suicídio e endereça seu ato ao analista. Alega não ter "condições financeiras" para manter-se em análise e a interrompe com uma atuação. Em face desse duplo trabalho de elaboração e perlaboração (*Durcharbeitung*), investiga-se o valor desses atos, a fim de extrair as conseqüências de tal urgência.

palavras-chaves

acting out, ato, alienação, separação

abstract

This text intends to establish theoretical articulations between the clinical connexions of a case that calls for formalisation on acting out, actuation, act, and the issue of temporality in the individual's structuring. It is the case of a patient who began analysis with an acting out. Soon after the first appointment, she tried suicide and addressed it to the analyst. Then she says that she has no "financial conditions" to go on with the analysis and interrupts it with an actuation. In the face of this double elaboration work and of the *Durcharbeitung*, it is explored the meaning of these acts assessing the consequences of this urgency.

key words

acting out, act, alienation, separation

recebido

16/03/2006

aprovado

04/04/2006

A hombridade feminina

Bárbara Guatimosim
Zilda Machado

Quando se fala em viril,
sempre se está falando de uma mulher.[1]
Jacques Lacan

[1] Lacan. *O Seminário - O saber do Psicanalista* (1972, aula de 1 de junho de 1972).

Com base no filme iugoslavo *Virgina*[2], pretende-se acompanhar o percurso da personagem que é uma menina, criada e destinada, desde seu nascimento, a ser um homem ou a morrer. Essa condição alienante é tida como necessária para salvar sua família da maldição celeste, ouvida nas mensagens enviadas por São Jorge que são recebidas e interpretadas por seu pai e a comunidade de camponeses em que vivem.

[2] Dirigido por Srdjan Karanovic e com ótima atuação de Marta Keler.

A família dessa menina estava acometida da desgraça de ter dado à luz a uma prole do sexo frágil. Segundo a tradição, na ausência de um descendente macho, uma das fêmeas devia ser nomeada "Virgina", para assim ser, como homem. Esse rebento, portanto, era para a família a última chance de virar a sorte do clã, que vivia na mais desértica miséria e ainda era responsável pela falta de chuvas na região e a ausência de bênçãos dos céus.

Desde então, a criança e sua família vivem para não serem esquecidas por Deus, sob o peso desse ditame e da denegação da realidade sexual da menina. Há um "nomear para ser" que se antepõe à nominação "Stevan" pelo batismo: será Virgina.[3] Segundo Lacan[4], quando essa condição "nomear para" se antecipa, por um projeto materno, à nomeação do pai, pode submeter o sujeito à entrada em uma alienação catastrófica. Nesse caso, porém, vemos o contrário. É a mãe quem não se conforma com essa nomeação "para ser" homem e barra a "lei de ferro" do projeto paterno, abrindo ao sujeito a via do parecer, do semblante, da falta-a-ser, e proporcionando uma saída da alienação em nome próprio. A mãe não exerceria nesse caso uma função paterna?

[3] No momento do batismo, o pai diz: "Vai viver e ser um homem para acalmar São Jorge"; ouve-se, em contraponto, o desejo da mãe: "Deus, faça com que ela seja feliz. Não peço o melhor nem o pior, só que ela seja pura e feliz".

[4] Lacan. *O Seminário – livro 21: Les non-dupes errent* (1973-1974), (Inédito, aula de 19 de março de 1974).

Apesar de inicialmente submetida ao semblante de menino, essa criança, portanto, é compelida, desde muito cedo, ao feminino, brincando às escondidas de mãe e de mulher. Criada para ser menino mas convivendo em uma família essencialmente

feminina, a menina descobre com a mãe o sofrimento decorrente da privação do pênis, confundida com a miséria e com o preconceito depreciativo, mas isso não a afasta dos deleites da maternidade, dos quais goza ao surrupiar a bonequinha de uma irmã e criar um espaço lúdico que instaura cavando um buraco no muro feito para conter a Virgina.

Assim, começa a se insinuar a posição sexual do sujeito. Como, desde muito cedo, foi estimulada a brincar com garotos, ela exercia com o colega Mijat a amizade e a disputa fálicas. Já com as garotas, a relação era diferente. O assédio da que lhe havia sido prometida em casamento não só não encontrava ressonância, como já refletia sua identificação com o feminino. É também na companhia do parceiro que a nossa personagem assiste aos jogos sexuais da irmã mais velha com o namorado, irmã que ainda lhe desvela a fruição sexual do corpo de mulher.[5] Mijat, eleito entre outros, tem função significativa na vida de Virgina, pois vê a mulher como objeto de desejo pelo que ela não tem, atribuindo à maternidade um valor que escapa aos homens. Ele diz: "As mulheres não são como nós, são invertidas, e se abrem assim... É por isso que gostamos delas. Quando casamos, ficamos excitados, entramos nelas e elas têm filhos. Não podemos ter filhos, só elas podem". Entendemos que essas novas experiências levam a garota "Stevan", *a posteriori,* a conjugar amorosamente o fato de gozar sexualmente de seu corpo de mulher, com a privação feminina do órgão, e o desejo de ter um filho. Nesse caso, cabe a fórmula de Lacan: "Só o amor permite ao gozo condescender ao desejo"[6].

Apesar de a maternidade ser vista, por alguns, como plenitude, é nos casos mais felizes que vemos o quanto a criança presentifica a castração, escancarando a perda para a mãe. O que essa experiência subjetiva sugere é que o acesso à maternidade pode ser, e é em muitos casos, a veia aberta para o feminino, toda vez que o filho reenvia a mãe, como mulher, a um homem e ao gozo Outro, além do fálico. Perguntamos, então, se abrigar um bebê e abrigar um pênis[7] não seriam uma dupla via aberta pelo consentimento em relação à castração, como abrigo da perda, e não uma encruzilhada que excluiria a via materna da via feminina. Uma mãe suficientemente mulher é, portanto, duplamente não-toda. Como diz Lacan, "convém indagar se a mediação fálica drena tudo o que pode se manifestar de pulsional na mulher, notadamente toda a corrente do instinto materno"[8]

Apesar da carga da destinação não só familiar, mas também religiosa da comunidade em que vivia, que oferecia ao

[5] A irmã lhe diz ao ser surpreendida tomando banho: "Fico feliz por Deus ter me dado isso".

[6] Lacan. *Le Séminarie – livre 10: L'Angoisse* (1962-1963/2005, p. 209).

[7] "A masculinidade combina [os fatores de] sujeito, atividade e posse do pênis; a feminilidade encampa [os de] objeto e passividade. A vagina agora é valorizada como lugar de abrigo para o pênis; ingressa na herança do útero". Freud. A organização Freud indica aqui uma saída para a inveja do pênis, pela qual a feminilidade se liga à maternidade. Já Lacan vai atribuir à castração, a virilização do homem para a mulher, despertando "esse íncubo ideal que uma receptividade de abraço apertado tem que se remeter como uma sensibilidade de bainha sobre o pênis". Lacan. Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina (1960/1998, p. 733).

[8] *Ibid,* p. 739.

descendente masculino uma posição fálica privilegiada, a dita "Virgina" se revela suficientemente potente para enfrentar sua sina familiar e social, e avançar na posição feminina.[9]

Diante do sacrifício fatal da mãe que tenta gerar um filho para libertar a filha desse destino, esta libera, ex-pulsa em ato a sua própria escolha, com todas as conseqüências que disso decorrem. Rompe o juramento feito pelo pai a São Jorge de se manter na função de homem, rompe com o pai que suspira por Um salvador, ao dizer: "Pode me matar, mas nunca mais serei homem, já disse isso a São Jorge", para partir com o parceiro, para quem "as mulheres são belas e tão fortes quanto os homens", e adotar a irmã recém-nascida, mais uma menina, fruto que a mãe pagou com a própria vida.

Desse destino, a que estava subjugada, a garota se separa com tal força, que acaba sendo reconhecida pelo pai em seu último instante de vida. Diante do vigor do desejo da filha, ele diz: "Finalmente, entendi sua mensagem, São Jorge... Eu já tenho um filho... e o melhor de todos". Nesse filme, intriga o fato de que a identificação fálica[10], pela qual a personagem "Virgina" não deixa de passar, poderia ser, como em tantos casos que vemos na clínica, a escolha menos surpreendente, ou melhor, sobretudo nesse filme, no qual a posição fálica é exigida de forma evidente, sendo ainda estimulada e favorecida.

No que diz respeito à sexuação, Lacan comenta, em vários momentos de sua obra, que não há no psiquismo como repartir os seres falantes em machos e fêmeas, sendo isso que entrava a relação sexual. O sexo, portanto, é uma escolha de cada um. Com Lacan, isso pode ser dito assim:

> O ser sexuado não se autoriza senão de 'si mesmo', no sentido de que pode escolher, quero dizer que aquilo a que cada um se limita, para classificá-lo homem ou mulher no estado civil, não impede que ele possa escolher. Isto, por certo, todo mundo sabe. O ser sexuado não se autoriza senão de si mesmo; mas acrescentaria: 'e por alguns outros'.

Não pelo destino da anatomia, nem pela lei da voz do Outro, além de precisar a sexuação como opção, o filme ainda mostra que a *hombridade* não é prerrogativa de um sexo ou de outro, mas uma coragem de homens e mulheres. Conquista do ser falante, ao se posicionar diante da castração, respondendo com a ereção não do falo – o que se tem ou não se tem, o que se é ou não se é –, mas do ser do desejo – presença real, quando Φ[11]

[9] "Poderíamos dizer que a mulher é sem tê-lo (o falo). O que pode ser vivido muito penosamente sob a forma do *Penisneid*, mas que – acrescento ao texto – é também uma grande força". Lacan. *O Seminário – livro 8: A transferência* (1960-1961, p. 231).

[10] Segundo Freud, em sua conferência sobre a feminilidade e em *Sexualidade feminina*, a descoberta da menina de que não tem pênis representa um marco decisivo no seu crescimento. Daí partem três linhas de desenvolvimento possíveis: uma conduz à inibição sexual ou à neurose; outra, à modificação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade e ainda à homossexualidade; e, por fim, a que conduz à via da feminilidade normal, quando a menina toma o pai como objeto. Freud. Conferência XXXIII – Feminilidade (1933); e Sexualidade feminina (1931)

[11] Além de símbolo da significação fálica, lembrada aqui como letra de gozo e de desejo, que, por não se articular, ultrapassa o sujeito porque só pode formular-se em ato.

é solidário de S(Ⱥ). Desejo causado pelo objeto *a*, o real da castração, quando "a mulher é o futuro do homem"[12], futuro daqueles que ousam fazer essa escolha. Sendo a sexuação um percurso deflagrado a partir da disjunção dos sexos desde o falo, a inscrição na significação fálica é possível ou mesmo necessária (excluída a psicose) para todo ser falante, mas a via feminina não se apresenta para todos. Somente uma escolha decidida, um consentimento não necessário e nem impossível, porém contingente, leva homens e mulheres à posição feminina, de onde se pode desejar e consentir em ser tomado como objeto para o parceiro no encontro sexual, bem como extrair dessa posição sua cota de gozo[13], acedendo ainda a um Outro gozo além do fálico. Um gozo que, sem negar o falo, ausenta-se aí como não-todo presente. Talvez dessa posição advenha para o ser falante o que chamamos *hombridade*, força que emerge de onde não há o que se perder.

No filme *Virgina*, vemos a decadência a que pode chegar uma comunidade que se sustenta na nostalgia suspirante do Um. O não-todo sempre abre para o Outro, para o "mais de um" fazendo corte com o Um universal, pelo qual todo homem suspira. O laço social na lógica do feminino se constitui por um furo central, que se guarda da completude e abre o espaço da ausência real, que promove a desmontagem do saber para dar lugar aos achados, pedaços de saber, deixados à invenção de quem puder fazer avançar os encontros. E é preciso que haja mais de um para que a chance de achar seja maior para todos, no exercício do entusiasmo aberto às descobertas e à diferença. Isso nos reporta à personagem de outro filme, *A domadora de baleias*, no qual a menina, mergulhada em uma estória semelhante, conclui: "É preciso não apenas um, mas vários chefes, até porque um se cansa". E cansar, pode-se dizer, leva não só ao desânimo, como também à tirania.

Isso corresponderia a deixar os laços um pouco mais ao sabor da contingência. Segundo Alain Badiou, "podemos dizer que uma mulher tem sempre esta honra de não suspirar pelo Um"[14]. É também a honra de Lacan, como ele próprio nos diz... no *...Ou pior*. É na experiência real de um despertar particular, portanto, que pode nascer um sujeito no feminino, não-todo, porém capaz de sustentar em ato a construção de seu destino, mais aberto à ventura de viver.

[12] Expressão extraída de um poema de Louis Aragon, conforme citação de Marie-Jean Sauret em conferência proferida em São Paulo, em 1999.

[13] "Ver nisso justamente uma virtude do homem, a virtude justamente pela qual ele se mostra, ele se mostra no que ele tem de melhor, ser passivo". Lacan. *O Seminário – livro 19: ...Ou pior* (1971-1972)

[14] Badiou. Lacan: a antifilosofia e o real como ato (1997).

referências bibliográficas

BADIOU, Alain. Lacan: a antifilosofia e o real como ato, *Letra Freudiana,* Rio de Janeiro, n. 22, 1997.

FREUD, SIGMUND. (1923). A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira as Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XIX.

FREUD, SIGMUND. (1931). Sexualidade feminina. In: *Edição Standard Brasileira as Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XXI.

FREUD, SIGMUND. (1933). Conferência XXXIII: Feminilidade. Novas Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira as Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XXII.

LACAN, Jacques. Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina (1960). In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 8: A transferência* (1960-1). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire – livre 10: L'Angoisse* (1962-3). Paris: Seuil, 2004.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 19: ...Ou pior* (1971-1972). Inédito.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 21: Les non-dupes errent* (1973-4). Inédito

SAURET, Marie-Jean. A mulher é o futuro do homem. Trabalho apresenado no Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo, 1999, set., São Paulo, Brasil.

resumo

A partir do filme iugoslavo *Virgina*, procuramos trabalhar a sexuação como um trajeto em que o feminino surge de maneira contingente, para além da disjunção sexual operada pelo falo. Trata-se de um modo de ler a frase "a mulher é o futuro do homem". Aí, homens e mulheres, para além da lógica do ter ou do ser, responderiam com o ser do desejo – coragem que nomeamos "hombridade feminina".

palavras-chave

pai, mãe, sexuação, desejo, gozo.

abstract

From the Yuguslavian's film *Virgina*, the aim of this text is to consider sexuation as a process in which the feminine appears in a contingent form, beyond the sexual disjunction operated by the phallus. It is a way of realizing the sentence "the woman is the future of man". In this reading, both men and women, beyond the logic of the to be or the to have, respond with desire – a courage we named as "feminines's hombridade".

key words

father, mother, sexuaction, desire, enjoyment.

recebido

07/04/2005

aprovado

05/05/2005

"Tesão arde? Gozo dói?" Uma questão feminina[1]

Lenita Pacheco Lemos Duarte

No fim do século XIX, Freud iniciou suas pesquisas com as histéricas. Os sintomas dessas mulheres remetiam a um gozo enigmático, e ele se esforçou para produzir um saber que desvendasse esse "ponto obscuro" referido à sexualidade feminina. Procurou, assim, pesquisar o que seria específico do feminino e a relação entre sexualidade e etiologia da histeria.

> Com os relatos de suas primeiras histéricas, Freud partira da idéia da ocorrência de uma sedução e de um trauma infantil, desembocando, através da revelação da existência de fantasias sexuais nessas pacientes, na noção de infantilismo da sexualidade, isto é, de que a sexualidade é traumática enquanto tal, e isso para todo e qualquer sujeito.[2]

Freud, então, diz que tudo que o sujeito apresenta de patológico nada mais é que uma defesa. Em 1897, afasta-se da teoria do traumatismo, que chamou de "minha neurótica", e passa à teoria da fantasia. Por quê? Porque os histéricos lhe relatavam traumas tão escabrosos sofridos na infância que foi levado a concluir pela impossibilidade de que todas as meninas tivessem tido um pai perverso. Essa passagem, contudo, não o faz abandonar o aspecto traumático, pois considera que, embora não seja algo que efetivamente aconteceu, trata-se da realidade psíquica. Em *A história do movimento psicanalítico*, de 1914, ele afirma que, "quando os histéricos ligam seus sintomas aos traumatismos inventados, o fato novo consiste, precisamente porque eles imaginam essas cenas, o que nos obriga a levar em consideração a realidade psíquica"[3]. Dito de outro modo, estamos no âmbito da fantasia, mas isso não exclui o trauma conservado pela fantasia. O traumático é o encontro com o real do sexo, que pode ser desdobrado no encontro com o desejo do Outro, ou seja, com o que o Outro quer (*Che vuoi?*)[4], e no encontro com a castração. São as defesas do sujeito diante da castração que constituem as psiconeuroses de defesa. Na leitura lacaniana, essas defesas contra a castração são o recalque, o desmentido e a foraclusão. Em resumo, o encontro com o sexo é um desencontro com o gozo, e é isso que é propriamente traumático.

[1] Parte deste trabalho foi originalmente apresentada no Colóquio Internacional Lacan no Século. 2001 Odisséia Lacaniana, I, 2001, abril; Rio de Janeiro, Brasil.

[2] Jorge. *Fundamentos da psicanálise de Freud e Lacan* (2000, p. 21).

[3] Freud. A história do movimento psicanalítico (1914/1976).

[4] Lacan. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960/1996).

Desde *Rascunho K*, de 1896, Freud busca esclarecer a etiologia das neuroses. Ele procura distinguir os diferentes tipos de gozo vivenciados no primeiro encontro com o sexo e a vicissitude da separação vinculada a essa experiência, estabelecendo uma comparação entre histeria e neurose obsessiva. Em comum, diz que essas são "aberrações patológicas de estados afetivos psíquicos normais". Dessa forma, distingue a estrutura do sujeito da doença desencadeada. Mas o que seriam tais estados afetivos anormais? O conflito na histeria e a auto-recriminação na neurose obsessiva.

Na histeria, o início está no trauma sexual. Freud diz que a histeria pressupõe uma experiência primária de desprazer, de natureza passiva, de um gozo a menos. Do trauma tem-se, então, uma representação sobre o qual incidirá a barreira do recalque. O destino do afeto que acompanha a representação recalcada é sua conversão em algum lugar do corpo, e disso resulta o sintoma. No lugar da representação recalcada, encontramos uma lacuna psíquica. Quando o processo é bem-sucedido, há, segundo Freud, a operação do recalque. A conversão da representação no corpo implica uma alteração, chamada por ele de condensação, porque, na realidade, essa conversão no corpo não se dá de um modo qualquer. A parte do corpo escolhida para representar a idéia ou a representação recalcada guarda uma relação simbólica, fato que aponta para o sentido dos sintomas. Para Lacan, trata-se de uma operação de linguagem, a metáfora. É a presença do sintoma que fala de uma relação específica do sujeito com a linguagem, razão pela qual o sintoma pode ser lido. Ele está escrito no corpo, como sinaliza Freud, porque uma parte do corpo permanece a serviço da conversão, ou seja, há uma parte do corpo que entra em jogo na complacência somática.

Na obra freudiana, a histeria é o grande protótipo da neurose. Os tipos clínicos, por exemplo, podem ser situados distintamente de acordo com o desejo, que é estruturado não como uma resposta, e sim como uma questão inconsciente, situada no nível de "quem sou eu"? Para a histérica, trata-se de uma questão sobre o sexo, "sou homem ou sou mulher?", que recai na questão, tanto para a mulher quanto para o homem histéricos, "o que é ser mulher?" Já para o obsessivo, trata-se de uma questão sobre a existência: "estou vivo ou estou morto?"

Por meio dos romances familiares dos sujeitos neuróticos, Freud mostra que o pai sempre falha. Por exemplo, há um pai impotente na histeria, mesmo que esse homem seja potente. A histérica acusa o pai de ter sido impotente por não ter dado

conta de sua feminilidade, situando na ordem da impotência o que é impossibilidade de estrutura.

A pergunta sobre sexo é a que incomoda o sujeito pelo fato de ele ser um sujeito da linguagem. Isso quer dizer que a sexualidade humana não tem nada de natural. Ela é determinada pelo significante. Ninguém sabe direito o que é "ser homem" e o que é "ser mulher". Todo humano vive sob a ameaça da suposta "bissexualidade", termo que Freud tomou de Fliess, para indicar a perplexidade do sujeito humano diante do sexo e de sua dissociação da ordem do instinto.

Aparentemente, o tema das fantasias é dominante para Freud, quando reexamina a relação entre estas e os sintomas, sinalizando, por exemplo, que o sintoma histérico representa uma conciliação entre um impulso libidinal e um impulso repressor, ou a união de fantasias libidinais de caráter sexual oposto. Freud sublinha que é posível encontrar outros casos correlatos em certos ataques histéricos, nos quais pacientes desempenham simultameamente os papéis de homem e mulher na fantasia sexual subjacente. Entre esses casos, dá o exemplo de um caso observado por ele, em que "a paciente pressionava o vestido contra o corpo com uma das mãos (como mulher), enquanto tentava arrancá-lo com a outra (como homem)"[5].

De acordo com o pensamento freudiano, a sexualidade feminina se divide no inconsciente em um parte que não pode desvelar (vestido), e outra que busca arrancar o véu, desnudar-se em um jogo de representações em que há uma identificação masculina e outra feminina. Essa simultaneidade de atos contraditórios serve para obscurecer a situação, que é tão plasticamente retratada no ataque que está em condições de ocultar a fantasia inconsciente em ação. Nesse sentido, Freud expõe que tais ataques não passam de fantasias traduzidas para a esfera motora, projetadas sobre a motilidade e representadas por meio de mímica[6]. As fantasias são inconscientes e, à exceção desse detalhe, têm a mesma natureza das fantasias que podem ser observadas diretamente nos devaneios ou inferidas da interpretação dos sonhos noturnos. Muitas vezes, um sonho pode substituir um ataque e, ainda mais freqüentemente, explicá-lo, ou seja, os ataques histéricos devem ser interpretados como se interpretam os sonhos, uma sequência de cenas que usa os mesmos mecanismos da formação do sintoma.

Para Freud, a investigação da história infantil de pacientes histéricos mostra que o ataque histérico se destina a substituir uma satisfação auto-erótica praticada no passado a que o indivíduo renunciou. Observa-se, então, um ciclo típico da atividade

[5] Freud. Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade (1908/1976, p. 168).

[6] Freud. Algumas observações gerais sobre ataques histéricos (1909/1976, p. 233).

sexual infantil: repressão, malogro da repressão e retorno do recalcado.

Na bissexualidade das fantasias histéricas, o sujeito se identifica, ao mesmo tempo, com o homem e com a mulher, ou seja, a histérica se identifica com o homem ao desejar o desejo dele por ela, e com a mulher ao desejar ser objeto de desejo do homem. Assim, o que Freud chama de masculino corresponde ao que é ativo, e o que ele chama de feminino corresponde ao que é passivo. Como ensina Quinet, "podemos declinar dizendo que o Freud está chamando de masculino é o desejante, e o que ele chama de feminino, o desejado. Na histeria há sempre um desejo insatisfeito, mesmo no sujeito satisfeito sexualmente"[7]. Nesse sentido, Freud efetua um corte na história da histeria, pois dos gregos a Charcot a origem da histeria esteve vinculada à abstinência sexual. A presença de uma reivindicação fálica está associada à própria estrutura histérica, que está sempre em falta. A histérica cria uma falta e o outro é o culpado por essa falta porque, em última instância, ela não permite que o outro lhe dê o que ela deseja, permanecendo dessa forma no desejo insatisfeito.

[7] Quinet. Seminário sobre a histeria (2003), (Inédito).

Nos anos 1930, na conferência intitulada *Feminilidade,* Freud enuncia: "Cabe à psicanálise não descrever o que é a mulher – tarefa impossível – mas investigar como a criança com tendências bissexuais torna-se uma mulher"[8]. Para isso, a menina precisará, diferentemente do menino, mudar de objeto de amor e de zona erógena, ou seja, passar da mãe para o pai e do clitóris para a vagina. A questão suscitada pela feminilidade é saber como e por que a menina evolui da fase viril para a fase feminina, a que está biologicamente destinada. É exatamente na passagem da mãe para o pai que se encontra o problema da sexualidade feminina, determinada pelo complexo de castração. A menina responsabiliza a mãe por sua falta de pênis diante da visão dos órgãos genitais do outro sexo e, sentindo-se gravemente lesada, sucumbe, segundo Freud, à inveja do pênis (*Penisneid*). A descoberta da falta do pênis não quer dizer que a menina se submeta facilmente à castração, e Freud propõe três saídas possíveis: neurose, complexo de masculinidade e feminilidade, enfatizando que o processo de tornar-se mulher implica um longo percurso a ser conquistado, em que se ressalta a relevância da relação pré-edipiana da menina com a mãe.

[8] Freud. Novas conferências introdutórias à psicanálise. Feminilidade (1932/1980).

Freud, portanto, enfatiza a importância da inveja do pênis na vida psíquica das mulheres e defende a noção de que a feminilidade se instaura apenas quando o desejo de obter um pênis dá lugar ao desejo de ter um bebê, desejo este que advém

do complexo de Édipo. Nessa equação pênis-filho, Lacan avança e indica alguma coisa que fica de fora do desejo feminino que não é obturado pelo desejo de filho. Ele propõe, então, que a mulher se torna o falo justamente por não tê-lo. Ao ocupar esse lugar, ela pode se tornar objeto causa de desejo para o parceiro. Quanto ao homem, para ser desejado por ela, tem de estar marcado também por uma falta qualquer. Seu órgão viril será transformado por ela em fetiche, vindo a preencher a função de semblante fálico, de objeto de desejo. Desse modo, a relação sexual se apresenta como uma relação de parecer, de fazer semblante, em que o homem está no registro do ter e a mulher no registro do ser, isto é, em que não há relação de complementaridade possível entre os sexos.

Ao investigar o mistério da feminilidade Freud esbarrou no rochedo incontornável da inveja do pênis, permanecendo como "enigma" a questão da sexualidade feminina, já que esta não se encontra inteiramente submetida ao complexo de Édipo e à lei da castração. A partir de 1958, Lacan procura elucidar essa questão, deslocando-se da interrogação do desejo para a do gozo e indicando a duplicidade implícita na forma de amar da mulher. Ele propõe, então, um jogo de cena que revela a presença de um outro objeto de amor, o "íncubo ideal"[9], para além do parceiro do desejo como parceiro sexual. A bipartição entre amor e desejo na mulher faz com que proponha, nos anos 1970, o desdobramento da feminilidade, que passa a ser vinculada não apenas ao gozo fálico, sexual, mas também a um Outro gozo, um gozo a mais, fora do significante, que chama de gozo suplementar. Vê-se, assim, "um deslocamento do que Freud chamou de enigma da mulher, para o que Lacan nomeia de enigma do gozo feminino"[10].

[9] Lacan. Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina (1960/1998).

[10] Quinet. As formas de amor na partilha dos sexos (1995).

fragmentos de um caso de neurose histérica

Apresento a seguir um caso clínico que ilustra essa questão feminina, cuja sintomatologia tornou possível formular o diagnóstico de neurose histérica e propor algumas questões. No telefone, escuto a observação: "Eu soube de sua experiência com crianças". Trata-se de uma mulher de 35 anos, chamada aqui de Eva, que inicialmente busca atendimento para a filha de seis anos. Esta apresenta medos, dificuldade para juntar as letras e queixas freqüentes de enjôo, vômito, alergias alimentares e diarréia. Nas entrevistas preliminares, Eva fala do desejo de se separar do marido e o critica: "Eu que resolvo os problemas da minha filha e banco tudo em casa, e ele sempre passivo". Em uma das sessões, diz que é difícil, mas precisa me revelar esta

situação: mantém um relacionamento afetivo com um médico, casado, com quem ainda tem conseguido algum prazer. Além disso, fala de seu estado permanente de tensão e de diversos sintomas físicos, como espasmos musculares, dores no peito, náuseas e, principalmente, constantes problemas vaginais que dificultam seu relacionamento sexual. Diz que não pode falar o nome do amante, pois precisa preservá-lo da mulher que, segundo ele, é muito "braba" e controladora. Algum tempo depois, Eva revela que tentara me enganar, ao dizer que ele era clínico geral, quando na verdade é gastroentorologista. "É ele quem me dá atenção e remédios para minha filha". Ela procura atendê-lo sempre quando ele a chama, enquanto se queixa: "Tenho dois homens iguais, um marido potente sexualmente, mas passivo e duro financeiramente, que eu tenho que bancar, e o outro, ativo, rico, mas pão-duro que, com freqüência, falha no sexo. E eu fico dando interminavelmente". Por meio de uma estratégia histérica, Eva lançou um desafio à analista em que procurou driblá-la. Com a revelação de seu plano, muda de posição e passa a se implicar nas questões que começam a emergir como enigmas a serem decifrados: "Por que mantenho duas relações que não me satisfazem? Para que servem as doenças vaginais? Por que sempre adoeço, sem que se encontre uma causa orgânica?". Quanto ao significante da transferência, a analista atribui o fato de ela saber, por meio do amante, que esta é "mulher de médico", identificando-a assim à mulher dele, que também é uma "profissional que trabalha com crianças", cuja competência lhe causa admiração. Eva fala dessa mulher, mostrando-se curiosa em saber de sua relação com o marido e de como ela dá conta da profissão e de cuidar dos filhos e da casa. A analisante relata alguns sonhos: "Recebo um telefonema dele que havia chegado, queria me ver e conversar comigo com urgência. Fui correndo ao seu encontro". Esse sonho reproduz a relação que tem com o amante, na qual, longe de estar em uma posição desejante, apresenta-se um desejo de ser desejada, desejo de um desejo. Sempre sonha que possui um pênis, seja dependurado no cordão, seja no lugar do clitóris, "medindo meio metro de comprimento". Apresenta lapsos freqüentes, enganando-se ao preencher fichas, em que se atribui o sexo masculino e escreve seu nome no lugar do nome do pai. Tais manifestações do inconsciente sinalizam a questão sexual da histérica: "Sou homem ou sou mulher?" Recorda-se que, pouco antes de casar, seu pai foi categórico: "Minha filha, esse homem não serve para você, é muito parado". Apesar do aviso, ela preparou a cerimônia. No início da relação, antecipava-se à demanda do marido, cuidando de sua roupa,

de sua alimentação, a ponto de ele avisá-la: "Não suporto mais, preciso respirar, me deixe livre". Angustiada e temendo perder seu amor, sucumbiu à neurose. Passou a apresentar depressão, crises de pânico, tonteiras, medo de morrer e de enlouquecer, não conseguindo mais dirigir seu carro. Aqui aparece a questão do desejo: *Che vuoi?* Mas, afinal, o que o outro (o marido) quer de mim? Surge, então, uma crise de identidade: como deixar de ser a esposa-mãe, identificada com o modelo materno, a que cuida e alimenta para ser esposa-mulher, a que se oferece ao homem como objeto causa de desejo? É medicada e inicia tratamento analítico. Depois, deseja engravidar para salvar o casamento, e afirma: "Tampei o buraco, a falta, com o neném". Refere-se ao pai como "ativo, alegre, festeiro, mas namorador e safado", tendo seduzido até suas amigas, enquanto sua mãe se mostrava resignada e passiva. Lembra-se que viu uma de suas relações sexuais, o que a deixou com muito medo, ódio e raiva por ter observado o pai agressivo, além de se decepcionar com a mãe, pois a considerava assexuada, não a percebendo como mulher. Após uma briga do casal, o pai contou para ela, na época com dez anos, que sua mãe o traíra antes de seu nascimento com um médico, deixando-a transtornada com a dúvida acerca de sua paternidade. Tal revelação teve outros efeitos traumáticos: a paciente não só a apreendeu como tentativa do pai de denegrir a imagem da mãe, como também a levou a perceber um pai ferido, diminuído, um espectador impotente diante da traição da mulher. Assustada com a hipótese de não ser sua filha, passou a vê-lo na posição de homem-pai, onipotente, aquele que goza de todas as mulheres, o pai da horda primitiva, despertando-lhe fantasias edipianas incestuosas. "Tinha medo do meu pai, do seu olhar, de seus gestos obscenos e da sua cara". Pontuo: "Cara?". "É, da sua cara braba", reposnde. "Braba? Braba lembra alguém?", insisto. "Sim, a cara braba do meu marido". "É disso que você reclama dele?", indago. "É, é assim que eu via meu pai, com aquela cara braba de tesão, bolinando várias moças, inclusive minhas amigas e eu sofria calada". Corto a sessão, indicando o equívoco do significante "braba", que surge com o significado de "tesão". O significante "braba" se vincula ao pai, ao marido e à mulher do amante, e é disso que ela foge, ao mesmo tempo que é isso que a fascina. Nessa lógica significante, a mulher "braba" do amante equivale à mulher "tesão", àquela que desperta o desejo, foco de suas interrogações sobre a feminilidade. Continuando em torno da questão sexual, diz que não consegue se masturbar, que não sabe o que é um orgasmo, até que, perplexa, acaba por se interrogar: "Será que tesão arde? Gozo dói?". Corto

a sessão nesse momento em que significantes opostos parecem ter o mesmo significado. Prazer = dor? Trata-se de uma questão histérica que se dirige ao saber sobre o sexo, evidenciando uma tentativa de significantizar os sintomas conversivos e as doenças de repetição que aparecem sob a forma de gozo, mas que correspondem a uma estratégia para gozar do desejo insatisfeito. Com a análise, Eva busca interpretar o sentido de seus sintomas: "Hoje acordei surda, com dor de estômago e cólicas intestinais, acho que é para não ouvir a voz do meu marido e para consultar meu gastro, pois estou com saudades dele. Meu pescoço está duro, vou ao ortopedista". A histérica joga com uma intensa plasticidade corporal, entregando-se a uma constante simbolização e sexualização em que os significantes copulam. Ela chega a dizer: "Eu sou muito sintomática!". Eva desiste da idéia de se separar e resolve tentar "encarar" o marido. Pensa em seu pênis e fantasia uma boa trepada, mas foge, enquanto busca entender por que recua, ora sentindo-se "anestesiada", ora experimentando "aversão" pelo parceiro. Paradoxalmente, diz que escolheu esse homem como marido porque sexualmente é o mais potente que já conheceu. Dorme com a filha, alegando que precisa assisti-la em razão de suas doenças, e o pai não interfere, não barra seu desejo incestuoso. Eva afirmar: "Em casa, está tudo misturado, eu, ele e minha filha, e onde só há brigas e desencontros: meu marido me quer muda e eu quero falar. Como vou deitar com aquela "cara braba"? Com o outro é diferente... eu relaxo, é quando consigo me descolar do papel de mãe. O outro me ouve, dele eu recebo amor, me sinto mulher... apesar de ele falhar sexualmente".

Com o intuito de aguçar a fantasia do amante, ela não se despe, veste-se: "Gosto de comprar calcinhas e sutiãs, tenho prazer de me enfeitar para ele". Como indica Lacan, "é pelo que ela não é que pretende ser desejada, ao mesmo tempo que amada"[11]. Desse modo, recorre às máscaras, faz-se de falo, indicando que, para além dos panos e enfeites, está o que constitui seu maior mistério: o gozo feminino. Sem ter um significante que a identifique como mulher, resta-lhe criar uma imagem agalmática que a faça se sentir amada e desejada, sua principal reivindicação.

[11] Lacan. A significação do falo (1958b/1998).

outras considerações teóricas: o que é uma mulher?

A ligação com o amante seria uma saída para a feminilidade, ao abrir-se uma "fenda nessa armadura do cavaleiro fálico?"[12] Parece-nos que, por meio da relação com o amante, abriu-se a possibilidade de Eva interrogar a feminilidade. Como ele tem

[12] André. *O que quer uma mulher?* (1991).

uma companheira, surge um outro elemento na história, como no caso Dora de Freud[13], em que se constitui um quarteto e Eva pode questionar o que é ser uma mulher[14], questão primordial da histérica, cuja base é uma identificação com o desejo do amante. A mulher "braba", a mulher "tesão" do médico que fascina Eva, vale aqui como a encarnação do mistério da feminilidade, cuja relação com o marido constitui o centro de suas atenções. "Mulher de médico" remete à analista, também mulher de médico, sujeito suposto saber sobre o feminino, e, em última instância, também à mãe de Eva, que fora "amante de médico", como seu pai lhe contou na infância. Diante da impotência para resolver suas questões, a analisante endereça seu sintoma à analista "que tem experiência com crianças", fazendo-a equivaler à mulher de seu amante médico. Não seria a analista, "mulher de médico", como ela diz, o sujeito suposto saber que poderia iluminar a verdade sobre a maternidade, a feminilidade, enfim, sobre a pergunta "o que quer uma mulher?"

[13] Freud. Fragmento da análise de um caso de histeria (1905b/1980).

[14] Quinet. *As 4 + 1 condições da análise* (1996)

Lacan formaliza o matema da transferência[15], em que um significante do analisante (S) se dirige a um significante qualquer (Sq) que vem representar o analista. É dessa articulação significante do que é simbólico da transferência que a associação livre começa a se desenrolar na própria transferência, sinalizando a entrada em análise.

[15] *Ibid.*, p. 30-36.

$$\frac{S}{s\ (S^1, S^2 \ldots S^n)} \longrightarrow S_q$$

É por meio do significante "mulher de médico" (Sq) que se estabelece a transferência com a analista, situada inicialmente no lugar de sua mãe, a quem Eva, "amante de médico" (S), endereça sua demanda de amor e ajuda para compartilhar seus sintomas e sonhos, e desvendar o segredo da feminilidade. Dessa maneira, a analista é convocada como parceira para ajudá-la a decifrar seu enigma, que é uma questão relativa à sexualidade.

A impossibilidade da paciente é de se oferecer como objeto de desejo ao marido, sobre o qual ela sabe que, se encostar o dedo, "ele vem correndo". Sua filha foi usada para que Eva chegasse à análise, para ver se o marido reagia e para ela conseguir um amante. Dessa forma, a criança aparece como "sintoma do casal parental"[16], e seus sintomas revelam a impossibilidade da relação sexual e a falha do pai em barrar o desejo da mãe. Eva mantém com o marido uma relação de perene insatisfação, em que sempre procura impor algum obstáculo entre ela pró-

[16] Lacan. Duas notas sobre a criança. Carta a Jenny Aubry (1998).

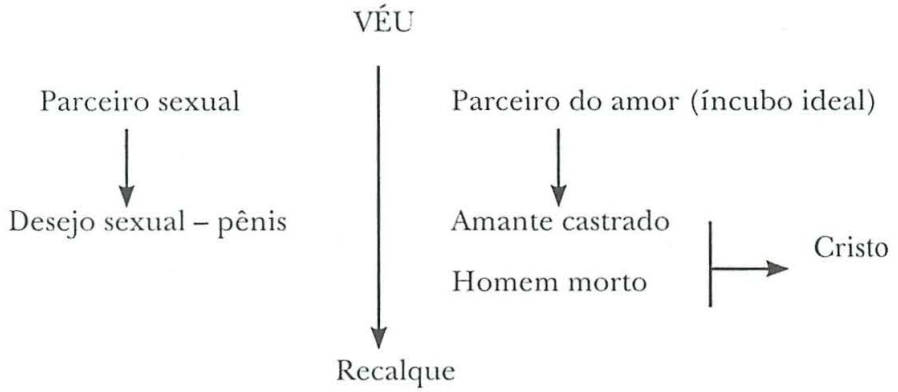
pria e essa pessoa incômoda que presentifica para ela o desejo. Escolheu um marido que desafiou o pai, mas, paradoxalmente, sustenta o desejo em função de uma identificação paterna: "Ativa, festeira, namoradeira". No encontro com o sexo, Eva traz a cena primária dos pais, na qual vive um desencontro ao ver um homem agressivo sexualmente e uma mulher submissa, que, em sua lógica, articula-se como ser mulher = ser passiva, calar = sofrer, ilustrando a posição masoquista de ser agredida. Assim, tenta de todos os modos não ser o objeto de desejo de um homem e poder gozar como mulher. Nisso, evidencia dificuldades em assumir a castração e usa sua filha como tampão fálico.

Pode-se dizer, portanto, que a estrutura histérica revelada nesse caso se resume em encontrar um homem, sustentá-lo, denunciar sua impotência e fazer com que esse homem seja impotente. Ser objeto de desejo é uma coisa dolorosa e equivocada, que para ela, como vimos, aparece convertido em seu corpo. Ela produz vários sintomas e uma série de problemas vaginais, por meio dos quais mostra que seu desejo está cada vez mais forte: "Está tudo ardendo, queimando, fica tudo em brasa, igual a uma fogueira!". Em *Rascunho K.*, de 1896, Freud diz que, na histeria, o início está no trauma sexual, pressupondo-se uma experiência primária de desprazer de natureza passiva, de um gozo a menos. Tem-se do trauma, então, uma representação sobre a qual a barreira do recalque incidirá. O destino do afeto, que acompanha a representação recalcada, seria a conversão em algum lugar do corpo, resultando disso o sintoma. Como vimos, a paciente tem no marido um parceiro sexual com o qual ela faz uma manobra histérica. Para além dele, estaria "o pai imaginarizado"[17], que surge em suas duas vertentes: a figura do pai impotente, aquele que é inoperante na castração, e a figura compensatória do pai ideal, o "íncubo ideal", o pai do gozo, "safado", que transava com todas as mulheres e talvez até com ela, inconscientemente. O incubo, termo da demonologia da Idade Média, é um diabo que possui as mulheres em seus pesadelos.

O presente caso sugere o jogo de cena na forma de amar da mulher proposto por Lacan, em que há um homem na frente do véu e um outro por trás. O parceiro sexual no corpo de quem a mulher encontra o significante de seu desejo está na frente do véu. Já os efeitos da castração que a mulher imputa ao homem sob a forma do amante castrado ou do homem morto, que podem ser resumidos pela figura de Cristo, apresentam-se atrás do véu, recalcados. Estando ocultas no parceiro sexual, são formas que mostram "o outro homem" da sexualidade feminina.

[17] Quinet. Seminário sobre a clínica dos discursos (1999-2000), Inédito.

FORMA DE AMAR DA MULHER (1958)



Como sinaliza Quinet:

> Se o desejo feminino visa ao parceiro sexual diante do véu, é de um ponto atrás do véu que é chamado seu parceiro no amor. O que é da ordem do desejo sexual da mulher está desvelado, enquanto o que é propriamente o amor está atrás do véu, segundo a forma erotomaníaca de amar que supõe o amor deste Outro velado pelo recalque.
>
> O parceiro sexual não é então o objeto de adoração da mulher, mas sim essa figura do homem submetido à castração, que é chamado aqui por Lacan de o íncubo ideal: "por trás do véu do parceiro sexual vai se perfilar o íncubo ideal"[18].

[18] Quinet. As formas de amor na partilha dos sexos (1995, p. 18).

Na condição de íncubo ideal aparece o pai como detentor do gozo, pai idealizado a quem a mulher faz sua demanda de amor e clama por sua adoração. O íncubo ideal, portanto, surge como uma figuração do pai morto como guardião do gozo, sendo o agente da castração, bem como o instaurador da lei e do desejo. Ele representa a figuração do Nome-do-Pai, do pai da horda primitiva de *Totem e Tabu*, do lugar de exceção, que, de um lado, é o pai da lei e, de outro, o pai do gozo. No caso em questão, pode-se pensar que o pai de Eva, seu objeto de amor, o "íncubo ideal", foi substituído e encarnado pelo amante castrado, impotente. Esse amante, por sua vez, também remete ao suposto "pai médico", o amante de sua mãe. Eva não vai, de consulta em consulta, buscar um médico que lhe dê um saber e um alento para sua dor? Todos, porém, não são tidos como "impotentes" para curá-la? Recorrendo ao ensino de Lacan, Quinet diz que "a histérica inventa um mestre não para se submeter a ele, mas para reinar apontando as falhas de sua dominação e mestria"[19].

[19] Quinet. *As 4 + 1 condições da análise* (1996).

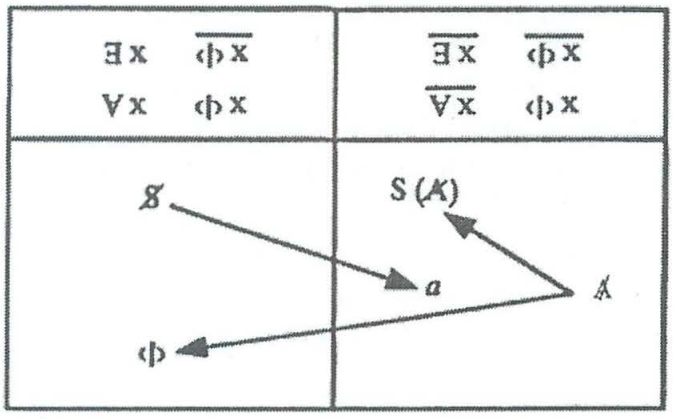
Não haveria nesse caso algo sob a forma de amor que parece tocar nesse Outro gozo, no momento em que ela diz que, na companhia do amante, tem prazer ao se sentir amada, saindo da posição materna, fálica? Não seria essa uma forma de ela encontrar um Outro gozo que não propriamente o sexual? Não seria esse o encontro da mulher com o Outro de si mesma, para-além do falo? Seria o amor alguma coisa para-além? Como sinaliza Quinet, a mulher usa o homem como conector, *relais*, para ter acesso a esse Outro gozo que ex-siste fora dela, mesmo que veladamente, ou seja, a mulher trai o homem com o próprio homem[20]. Nem todas as mulheres, porém, encarnam esse homem. Nesse caso, o amante não estaria no lugar de conector? Pode-se pensar que a mulher trai com o "íncubo ideal" para receber, por meio dele, o amor? Por que ela trai o homem potente com um homem impotente? Curiosamente, quando sonha na "transa maravilhosa" com o amante, algo sempre a desperta.

[20] Quinet. As formas de amor na partilha dos sexos (1995).

Defrontamo-noss aqui com questões que indicam o mistério da sexualidade feminina, de sua forma de gozar enigmática, uma vez que se trata não apenas de uma questão sexual que passa pelo significante, como também de um Outro gozo para-além da linguagem, fora das amarras do falo, que não é complementar, porém suplementar ao gozo fálico. No *Seminário – livro 20: Mais, ainda* (Fig. I), Lacan afirma que o amor pode ser uma figura desse Outro gozo, que é possível a mulher aceder a esse gozo de outras formas, dispensando o falo encarnado pelo pênis fetichizado do parceiro, como no gozo das místicas e na escrita poética. Nesse caso em que Eva foge do marido, parceiro do desejo, para experimentar o "amor" por intermédio do amante, não haveria o acesso a esse "gozo enigmático" da posição feminina, das fórmulas quânticas da sexuação $[A \rightarrow S(\not A)]$?[21]

[21] *Ibid.*

FIGURA I



Fórmulas quânticas da sexuação (1972)

Ou uma estratégia histérica na qual ela se oferece apenas como objeto de amor, gozando da fantasia de ser amada, enquanto se furta a ser objeto sexual até em seus sonhos? Parece-nos que ela continua gozando da insatisfação, mantendo-se fixada na posição fálica e indicando a falta também no amante. Apesar de todo amor que ele lhe dá, é "pão-duro" e falha no sexo. Como histérica, ela "unilateraliza a castração do lado do homem para escamotear sua própria falta"[22]. Quando diz que sente prazer, parece falar do gozo de ser amada, passando pelo significante. Para ter acesso a esse Outro gozo feminino, é preciso deslocar-se da posição fálica, toda do lado do significante (A→ Φ), e reconhecer a castração.

[22] *Ibid*, p. 18

Como ressalta Lacan, a mulher não forma um universo. Por isso, diz que A Mulher não existe. Ela é não-toda submetida à ordem fálica, ela não faz série, se desdobra, se mascara e faz semblante de falo, mostrando que seu gozo é enigmático, devendo ser tomada uma a uma. Isso a clínica psicanalítica não cansa de ensinar; dia a dia, vemos que cada mulher apresenta uma forma particular de gozar.

referências bibliográficas

ANDRÉ, Serge. *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

FREUD, Sigmund. (1896). Rascunho K: as neuroses de defesa (Um conto de fadas para o Natal). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. I

FREUD, Sigmund. (1905a). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. VII.

FREUD, Sigmund. (1905b). Fragmento da análise de um caso de histeria. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. VII.

FREUD, Sigmund. (1908). Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. IX.

FREUD, Sigmund. (1909). Algumas observações gerais sobre ataques histéricos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. IX.

FREUD, Sigmund. (1914). A história do movimento psicanalítico. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. XIV.

FREUD, Sigmund. (1916). Conferência XVII: O sentido do sintoma. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. XVI.

FREUD, Sigmund. (1917). Contribuições à psicologia do amor II. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. IX.

FREUD, Sigmund. (1923). A organização genial infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. XIX.

FREUD, Sigmund. (1924). Inibições, sintomas e angústia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. XX.

FREUD, Sigmund. (1925). Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol XIX.

FREUD, Sigmund. (1930). Mal-estar na Civilização. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. XX.

FREUD, Sigmund. (1931). Sexualidade feminina. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol XXI.

FREUD, Sigmund. (1932). Novas conferências introdutórias à psicanálise. Feminilidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. XXII.

FREUD, Sigmund. (1938). Construções em psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. XXIII.

FREUD, Sigmund. (1940). Esboço de psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. XXIII.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da psicanálise de Freud e Lacan.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 1: Os escritos técnicos de Freud* (1953-1954). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1954-1955). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

LACAN, Jacques. (1955). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 4: A relação de objeto* (1956-1957). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 5: As formações do inconsciente* (1957-1958). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

LACAN, Jacques. (1958a). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1958b). A significação do falo. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1958c). A subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1960). Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 17: O avesso da psicanálise* (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 20: Mais, ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

LACAN, Jacques. Conferencia en Ginebra sobre el sintoma. In: *Intervenciones y textos 2.* Buenos Aires: Manantial, 1975.

LACAN, Jacques. Duas notas sobre a criança. Carta a Jenny Aubry. In: *Opção Lacaniana,* nº 21, São Paulo: Eolia, 1998.

POLLO, Vera. *Mulheres histéricas.* Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

QUINET, Antonio. As formas de amor na partilha dos sexos. In: Jimenez, Stella (org). *A Mulher: na psicanálise e na arte.* Rio de Janeiro: Contra Capa, 1995.

QUINET, Antonio. *As 4+1 condições da análise.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

QUINET, Antonio. A clínica dos discursos. Seminário apresentado em Formações Clínicas do Campo Lacaniano, 1999-2000. Inédito.

QUINET, Antonio. *A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

QUINET, Antonio. A histeria. Seminário apresentado em Formações Clínicas do Campo Lacaniano, 2003. Inédito.

QUINET, Antonio. *A lição de Charcot.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

resumo

Neste trabalho, apresento breves pontuações do percurso teórico de Freud e Lacan na investigação sobre o que seria específico do feminino e sobre a relação entre a sexualidade e a etiologia da histeria. Freud iniciou suas pesquisas sobre a histeria em decorrência dos sintomas de suas pacientes que remetiam a um gozo enigmático. Ao indagar o mistério da feminilidade, esbarrou no rochedo incontornável da inveja do pênis, permanecendo a questão da sexualidade feminina como "enigma". A partir de 1958, Lacan procura elucidar essa questão, deslocando-se da interrogação do desejo para o gozo e indicando a duplicidade implícita na forma de amar da mulher. No final, fragmentos extraídos da clínica ilustram a neurose histérica.

palavras-chave

amor, desejo, gozo, histeria, fantasia inconsciente, sexualidade feminina, trauma

abstract

This work has the purpose to make some brief remarks of Freud and Lacan´s theoretical research towards the studies of what might be called the peculiar female way and the relationship between sexuality and the etiology of hysteria. Freud started his hysteria researches based on his patients' enigmatic enjoyment symptoms. In search of this female phenomenon, Freud ran into an unapproachable rock, the penis envy which remained as a female sexuality issue, a real 'enigma'. In 1958, Lacan tried to elucidate it by switching the desire question to the enjoyment one. He pointed out to woman's implicit double way of loving. At the end, the hysteria neurosis could be illustrated by clinical fragments.

key words

love, desire, enjoyment, unconscious fantasy, hysteria, feminine sexuality, trauma

recebido
02/02/2005

aprovado
04/03/2005

debate

Em torno do passe da EPFCL

Selecionamos para apresentar na sessão *Entrevistas* deste número de *Stylus* a mesa de debates ocorrida em 13 de novembro de 2005 no Rio de Janeiro, por ocasião do Encontro Latino Americano da IF-EPFCL–Brasil. Essa mesa, intitulada "Em torno do passe da EPFCL", foi coordenada por Colette Soler e contou com a participação do cartel do passe da EPFCL, representado por Ana Canedo, Dominique Fingermann, Jean-Jacques Gorog, Juan Guillermo Uribe, Sol Aparício e Patrícia Muñoz (AE), que apresentou seu texto *Historizar-se de si mesmo.*

Colette Soler: Vamos começar esta mesa com uma pequena intervenção de Patrícia Muñoz, que é AE da Escola, e dos membros do cartel do passe que se reuniram ontem. Suponho que vocês tenham percebido a importância deste momento. É a primeira vez que um cartel do passe em nossa Escola se reúne deste lado do Atlântico. Tivemos cartéis que funcionaram na Europa. Creio, então, tratar-se de um momento que podemos saudar com certa satisfação. Passarei a palavra incialmente, como está escrito no programa, a Patrícia Munõz, que vive em Medellin, na Colômbia.

Patricia Munõz: Bom dia, este é um pequeno trabalho que chamei *Historizar-se de si mesmo.* Parto da seguinte pergunta: o que permite ao analisante ocupar o lugar de analista? Na prática, o que de fato ocorre é que a maioria dos analisantes se instala como analista antes de haver terminado a análise. Se o final de análise é a passagem de analisante a analista e o desejo do analista é efeito desse final, como nos diz Lacan na *Proposição,* com que esses analisantes operam quando se instalam prematuramente nesse lugar? A pergunta, então, seria esta: eles podem ocupar esse lugar? De que se autorizam e com que operam?

No inicio da *Proposição* sobre o passe, em 1967, Lacan recorda um princípio: "o psicanalista só se autoriza de si mesmo", princípio, diz ele, que está nos textos fundadores da Escola. Em *Nota aos Italianos,* de 1973, ele também fala desse princípio e convoca os italianos a se submeterem à prova do passe, e considerarem o risco de que não haja analista.

O fato de alguém ter se instalado como psicanalista não implica, automaticamente, que o seja. No *Seminário – livro 21: Os incautos não erram,* Lacan diz "autorizar-se somente por si mesmo". A partir disso, ele não pode senão autorizar-se também

por outros, ou seja, fazer com que esse objeto *a* chegue a ser o "*a*", esse lugar que ninguém é, como indica o nome *persona* – em francês, a palavra *persona* tem dupla acepção: personagem e ninguém. Persona/pessoa indica um lugar de falsa aparência. Trata-se de ocupar o papel de analista, como disse Lacan, ou seja, ele antecipou algo que é questionado com a pergunta: posso sê-lo? "Autorizar-se, isso pode ocorrer, porém sê-lo é outro assunto. Assim se forja o que anunciei do verbo *des-ser. O analista, eu o des-sou*, o *objeto a* não tem ser". Em Lacan, portanto, está claro que não se pode "ser" analista; uma pessoa pode apenas se autorizar a ocupar esse lugar. Assim, acrescenta-se "de alguns outros" à fórmula inicial "autorizar-se de si mesmo". Eis o dispositivo do passe para quem quer ser analista; trata-se de uma escolha.

No prefácio à edição inglesa do *Seminário – livro 11*, de 1976, Lacan diz: "Então, há analista que conta no tratamento, ele não contaria, imagino, socialmente, se não tivesse havido Freud para esvaziar a via". E adiante: "para nomear alguém analista, ninguém pode fazê-lo. Daí a minha proposição que o analista não se *histoeria* (*hystoire*) senão a si mesmo. Esse fato é patente, mesmo se ele se faz confirmar por uma hierarquia"[1].

[1] Lacan. Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11* (1977/2003, p. 567-8).

Vemos que Lacan utiliza nessa passagem a palavra *hystorização*, na qual une, em uma mesma palavra, historização e histerização. Trata-se da histerização que se produz para todo analisante na entrada no discurso analítico, sem importar a estrutura que tenha, e que leva o sujeito ao trabalho do inconsciente. Historizar é encontrar a lógica, as premissas, as proposições, os dados da história que permitem chegar a conclusões, os significantes que representaram o sujeito para o Outro.

Em meu caso, estava claro que "não podia não haver terminado a análise para ocupar o lugar de analista". É algo que sabia sem sabê-lo, e que *a posteriori* pôde ser nomeado como um incômodo e a impossibilidade de ocupar esse lugar. Autorizar-se de uma estratégia em face da lógica, "passar despercebida", algo que se traduzia em não intervir muito, não falar muito. Essa posição pode funcionar por um tempo, mas o incômodo decorrente dessa impostura empurra a análise até o seu final. A posição de "passar despercebida" é oposta, antagônica, ao dizer e ao ato do analista. Por isso, era necessário levar a análise até o seu final, até o surgimento do desejo do analista.

Quando já não se espera o signo do reconhecimento do Outro, e tendo se desembaraçado do sentimento de impostura, pode-se advir a um lugar que era ocupado sem que se estivesse realmente lá. Em espanhol e em português, o verbo francês *être* se divide em "ser" e em "estar". "Estar" quer dizer ocupar um es-

paço. Faz-se uma escolha, autoriza-se a ocupar o lugar de objeto *a* para outros no discurso analítico. É o final de um percurso em que se alcança um ponto de real, que no passe se faz ato.

Pois bem, no final desse prefácio à edição inglesa do *Seminário – livro 11*, Lacan se indaga por que não submeter a profissão de psicanalista à prova dessa verdade consoante à função chamada inconsciente. O "espelhismo" da verdade de que somente se espera a mentira não tem outro término que a satisfação que marca o final da análise, e que se apresenta como um: é suficiente, não há nada mais, nada que pedir, nada que esperar. Satisfação, então. O objeto é causa da divisão, mas não da posição. Obrigada.

COLETTE SOLER: Agradeço a Patrícia e passo a palavra a Ana Canedo.

ANA CANEDO: "O passe e a Escola dos Fóruns". Uma vez mais, analistas da Escola de ambos os lados do Atlântico, da América Latina e da Europa, reúnem-se para trabalhar no cartel do passe. Hoje, o cartel se reúne pela primeira vez na América Latina, no Brasil, para acolher os testemunhos que tiveram lugar, *in situ*, em suas próprias línguas, português e espanhol. Desse modo, torna-se possível o desejo de nossa Escola de sustentar o cartel do passe sob a condição de ser "plurinacional", escrita em *Princípios diretivos para uma Escola.*

Apreciamos e cuidamos especialmente dessa condição plurinacional por ser uma distinção, um traço próprio designado por nossa Escola. Essa é uma modalidade que temos usado para dar um marco apropriado à aposta de "uma nova experiência de Escola" que seja "digna de seu nome". Propiciar a elaboração em cada lugar; intenção visada por um objetivo em comum, no retorno à Escola desejada por Lacan e renovada no signo de nosso tempo. Segundo a ética da psicanálise, cultivar o discurso analítico, cujos efeitos inéditos se produzem no interior do ato analítico, que é sempre da ordem do singular. Na variedade que a clínica traz, são postas à prova as teses da psicanálise, e seu alcance se afina, se matiza.

Mas segundo nossa experiência, e como advertiu Lacan, esse objetivo pode ser anulado pela pretensão de introduzir nos arquivos do conhecimento os pressupostos marcados por *standards*. Os *standards* adormecem. Desse modo, trabalhar entre colegas de diferentes lugares põe à prova a experiência, a experiência concreta, as teses da psicanálise.

Há uma questão que me parece muito importante e que tem a ver com a articulação entre o trabalho interno realizado

pelo cartel do passe e a relação com a Escola, tanto com a Escola internacional quanto com os diferentes lugares em que trabalhamos. Recordo que, embora o dispositivo do passe seja oferecido àqueles que participam da tarefa, seus efeitos ultrapassam a intimidade do dispositivo, pois está em jogo a articulação entre o passe e a Escola.

Trago uma citação de Lacan do *Anuário* de 1977 que pode nos orientar a esse respeito. Ele diz que a finalidade do passe é "promover no seio da Escola as condições para assegurar o progresso da análise didática, essencial à teoria da psicanálise". Creio tratar-se de um projeto amplo e fecundo, pois diz que o dispositivo do passe é o modo pelo qual se pode estabelecer na Escola "uma comunidade de analistas". Em que essa idéia se traduziria? Na constatação de cada um estar disposto, na medida de suas possibilidades, a pôr à prova, a "argumentar as teses que orientam o trabalho".

Parece haver aí um enlace entre o passe e a formação na Escola, uma vez que o testemunho do passante trata de poder transmitir o efeito didático do tratamento e de seu fim, o que dele o sujeito pôde apreender, assim como as conseqüências em sua vida cotidiana e em sua prática como analista.

Em nosso trabalho, pude apreciar o resultado valioso dessa experiência que conecta a relação de cada um com a Escola internacional e que se desdobra, de diferentes formas, no trabalho de cada um no lugar a que pertence, lá onde cada um elabora o saber dia após dia. O passe, invenção de Lacan decorrente da formalização e da conceituação de sua experiência, leva-nos a repensar o que é a formação do analista, a transmissão da psicanálise e a construção da comunidade analítica. Nada mais, nem menos. Obrigada.

DOMINIQUE FINGERMANN: Por mais incrível que pareça, há algo de uma leveza excepcional no passe, no que passa no dispositivo. O Cartel aqui reunido não está sob o efeito de um deslumbramento: nem beatitude, nem suficiência. Não estamos tomados por um afeto, mas surpreendidos por um efeito. O que passa no dispositivo é um efeito pulsional que induz um laço social inimaginável, é algo tão sutil quanto a produção de um efeito de satisfação por um chiste (*Lustnebengewinn*). É algo sutil porém inesquecível, *inoubliable*, ao avesso do "qu'on dise reste oublié derrière ce qui se dit dans ce qui s'entend". É o efeito de leveza de um dizer inesquecível atrás dos ditos, um dizer que escapa, que ultrapassa o testemunho. "C'est inouï", diz-se em francês para se referir a algo que ultrapassa o entendimento e o esperado.

É incrível porque o que aparece, à primeira vista, é o peso, o peso do dispositivo, do aparelho, de um edifício extre-

mamente complexo e complicado que necessita de uma enorme máquina para funcionar. "Comunidade analítica" poderia ser o nome dessa máquina complicada: analistas, vários e diversos, estatutos, votações, várias línguas, traduções, comissões propondo AMEs, colegiado nomeando AMEs, análises e analisantes aos quatro cantos, AMEs designando passadores, secretariado. Uma máquina que é gigantesca até chegar em um ponto. Esse ponto precipita uma decisão em demanda até um sorteio que produzirá efeito de deslocamento.

A partir desse instante de sorte, não é mais a máquina que se põe em marcha; são os atores do jogo. O passante é quem primeiro se desloca, depois os passadores e, enfim, as cinco pessoas sorteadas no CIG para constituir um cartel do passe. Todos se deslocam de suas acomodações, de seus países, de suas línguas, de suas idéias feitas. Não há encontro marcado com as idéias feitas, com o esperado (*l'attendu*); desde o início, o acaso inaugura "une traversée du champ de l'attendu", uma travessia do campo do esperado. O passe ultrapassa as esperanças. O acaso, o deslocamento, o inesperado, a ultrapassagem e o escapamento são os ingredientes dessa leveza que o dispositivo recolhe – colhe.

Algo "no que se ouve" é *inouï*, inaudito, ultrapassa o entendimento, mas tem um efeito inesquecível de transmissão da incrível experiência que é a psicanálise, de uma experiência que produz efeito de provação e de prova, qualquer que seja a conclusão do trabalho do cartel e de uma eventual nomeação.

O inesperado vem, em primeiro lugar, dos passadores: passageiros, intermitentes, evanescentes, voláteis, leves por excelência. Embora Lacan tivesse avisado, foi inesperado descobrir que são os passadores que constituem o passe; eles são constituintes da experiência (*Probe/Erfahrung/Erlebnis*) do passe: "o passador é o passe", é ele quem constitui o passe. Ao receber o testemunho, ele constitui o passante como tal, ou seja, ao transmitir para o cartel, ele constitui o cartel do passe como tal. O cartel se prova não como instituído pela instituição, mas constituído pelo testemunho que passa de passante a passador. Essa afirmação parece singela demais, mas foi assim que aconteceu: o cartel se constituiu quando o primeiro passador entrou e falou. O cartel não é da ordem da instituição. É designado pela sorte, é constituído pelo que escapa dos testemunhos para atravessar este instante: o instante do passe.

No instante do passe, o que passou? Nomeio isso leveza porque o que passou não tem o peso do afeto, mas é um efeito apreensível: as questões, construções, deduções, repentina-

mente – tempo e termo de uma lógica coletiva – se resolvem, se simplificam no momento da decisão que cai. É um efeito de transmissão (*Übersetzung / Übertragung*). E isso em todos os tempos da experiência: entre o passante e cada passador, entre cada passador e o cartel um a um, produz-se algo até então inaudito. Acontece um transporte da psicanálise além do que se imaginava, se concebia, se esperava. O que se colhe no ocorrido não confirma o já sabido da experiência da análise, mas antes produz a psicanálise em ato. Por isso, podemos entender como o passe constitui verdadeiramente "le seul abri possible pour éviter l'extinction de l'expérience", frase usada por Lacan na *Proposição* para indicar o cuidado de Freud ao criar a International Psychoanalytical Association (IPA).

O que passa do passante aos passadores até o cartel é a certeza da operação analítica em sua dimensão de ato inaugural de uma relação outra do sujeito com o que escapa ao seu entendimento. O efeito dessa operação é notável quando se deixam apreender suas conseqüências, como diz Lacan na *Nota aos italianos*: "Il n'y a de ce fait aucun progrès qui ne soit notable faute d'en savoir la suite". O passe é o efeito notável de uma operação que "faz saber as conseqüências" do ato que o produziu, conseqüências nomeadas aqui "desejo do analista". Poder acolher esse efeito permitiu experimentar a leveza da comunidade analítica quando ela faz Escola, ou seja, quando recolhe o inesperado e o incomum de uma tradição: *Überlieferung*, "entrega além", do esperado e do lugar comum, passar para frente a psicanálise que se transmite, a condição de uma série de deslocamentos.

Jean-Jacques Gorog: Algumas palavras sobre este cartel do passe. Diria, de surpresa, que se pode fazer e se faz quase como uma luz, em que se verificam coisas que vimos nos livros. Verifica-se, por exemplo, a função da pressa. Pude depreender do dispositivo e dos cartéis, e isso é notável, que a cada vez uma decisão foi tomada, digamos, com o acordo de todos os participantes. Refiro-me aqui ao acordo entre os participantes. Não se trata de que os passadores tenham ido para nomear, porém se sente bem que, quando eles opinam, a nomeação é um resultado. A nomeação cai como efeito da pressa; a cada vez, a surpresa é que não tínhamos ouvido o que esperávamos. Havia surpresa de todos os lados, quer dizer, não apenas de um discurso coerente. Daí surgem coisas inesperadas... Então, há algo que leva à precipitação da decisão, tal como a história dos prisioneiros de Lacan, pois fomos, de certo modo, prisioneiros do tempo lógico.

Nós, todavia, temos de decidir em um dado momento. Isso marca a saída e foi muito claro cada vez que algo caiu. Ora, isso é uma surpresa porque esse dispositivo foi construído para resolver um problema da dialética do tempo – Lacan o produziu há quarenta anos – em um mundo parisiense muito diferente deste aqui. O caráter plurinacional evocado também tem um efeito importante. Há pessoas que não se conhecem e que não estavam presentes quando a experiência se iniciou. Mesmo a *Nota aos italianos* se refere a pessoas muito próximas de nós, parisienses. É como foi dito: o peso do dispositivo tem um efeito ao avesso.

Mas por que pressa? Pelo fato de não estarmos comprometidos com as pessoas. Há, então, um efeito que se revela mais puro, na mais pura concepção do circuito do passe iniciado por Lacan. Termino com este efeito sublinhado por ele e que se chama *dritten Person*, isto é, o efeito de palavra do *Witz*. Trata-se de um efeito do chiste, do fato de que, no momento em que algo cai, o sujeito ri. Esse me parece um efeito muito importante no dispositivo. Muito obrigado.

JUAN GUILLERMO URIBE: Bem, como podemos ver no auditório, nossas intervenções sobre o cartel vão se articulando, poderia dizer, de forma rigorosamente lógica. Poderia confirmar ou não o que disseram os colegas da mesa. Posso confirmá-lo, porém quero destacar algo muito pessoal. Participei pela primeira vez de um cartel em Paris, em outubro, e agora, aqui no Rio. Tenho de destacar exatamente os aspectos que já escutamos. Em primeiro lugar, a surpresa de confirmar as razões que levaram Lacan a criar esse dispositivo. Trata-se, nesse sentido, de um encontro que pode também levar a desencontros. O trabalho de transmissão supõe um esforço adicional de todos os lados, tanto dos passadores quanto dos membros do cartel, que devem tratar de capturar isso que se passa ou não se passa em diferentes línguas. Então, está em jogo a fineza da palavra, os sentidos de uma língua a outra, que, por mais próximas que estejam, mantêm diferenças.

Gostaria, então, de destacar a vivência pessoal de surpresa, sem dúvida acompanhada inicialmente de angústia, por saber que não tinha qualquer experiência sobre os textos lidos mil vezes antes de viver a experiência. Há transmissão e, nesse ponto, penso que nela é efetivamente passado um efeito de juízo sobre o transmitido, uma conclusão.

Em seguida, ocorre algo que me parece importante e que pode ser encontrado na *Proposição*. Lerei umas poucas linhas da

Proposição, na qual Lacan nos convoca a realizar um trabalho de doutrina que é passar a fazer uma comunidade analítica como hoje. Sugiro apenas um esquema, linhas muito finas, mas que nos anunciam linhas de trabalho. Quero destacar, na lógica desse dispositivo, alguns textos que podem nos orientar. Por exemplo, o texto sobre os três tempos lógicos. É evidente que se podem confirmar aqui os momentos de ver, de compreender e de concluir. Todo o cartel está tomado por isso. Do mesmo modo, a vacilação dos prisioneiros, pois tanto os passadores quanto os membros do cartel tentam passar algo. O cartel também está procurando fazer um juízo sobre isso, no tempo, com a pressa do tempo e, mais ainda, com a fadiga das línguas. Parece-me que há uma outra referência que nos serve para ver a construção teórica que o cartel do passe é: o seminário sobre a carta roubada, ou seja, esse passo da carta, os significantes que ela passa, e que a uns deixa sem ver, enquanto outros os vêem. Essa vacilação que passa na carta roubada é muito importante, ao menos para mim, como uma referência para pensar, isto é, como pensar o cartel do passe sob a lógica do significante que circula e das posições de ver, não ver, não sabe, o outro sabe e eu não sei.

Sigo pensando também em outro ponto que foi tratado por colegas nossos em outros momentos, na França e na América Latina: *o grafo do desejo.* O grafo do desejo também nos pode orientar sobre o que é a experiência do passe. Temos larga experiência com o ato clínico, porém é necessário realizar um trabalho sobre ele e, preservando a privacidade e a intimidade do que foi transmitido, ir mais além, para transmitir os efeitos decorrentes da experiência. Para concluir, duas linhas sobre a *Proposição.* Para mim, trata-se de uma espécie de chamado de Lacan, pois é inútil tentar indicar o que é essa "proposição" que implica uma acumulação de experiências. Deve-se antes visar a uma elaboração, a uma organização em série de sua variedade e a uma notação de seus graus. O jurado não pode abster-se de um trabalho de doutrina. E nesse ponto, creio, que fazemos um trabalho de doutrina. Estamos, porém, tão perto da experiência de ontem que tampouco dispomos de um aparato teórico além das indicações a que acabei de me referir. Muito obrigado.

Sol. Aparício: Com Juan Guillermo, encontramo-nos no instante de ver... Estou muito contente de estar aqui hoje. É a primeira vez que venho ao Brasil, e estou contente de que seja a ocasião de participar do primeiro cartel do passe na América Latina, ou melhor, do primeiro cartel do passe na América Latina da

nossa jovem, muito jovem, Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano. O trabalho de doutrina, destacado por Juan Guillermo, parece-me fundamental. Como disse, trata-se do instante de ver. Digo-o assim porque me parece que o trabalho de doutrina necessita de tempo para ser realizado. No momento, é prematuro referirmo-nos à experiência do cartel que acaba de ocorrer. Mas está prevista para o mês de dezembro de 2005, em Toulouse, uma primeira reunião, um primeiro balanço sobre os três anos de experiência do passe na Escola dos Fóruns do Campo Lacaniano. Penso que, lá, trataremos, efetivamente, de começar esse trabalho de doutrina.

A regra do jogo nesta mesa-redonda, se é possível dizê-lo dessa forma, era que cada um de nós, após haver escutado Patrícia Muñoz, interviesse muito rapidamente, destacando um ponto da experiência. Escolhi como epígrafe do ponto que destacarei esta frase do poeta Max Jacob, citada por Lacan mais de uma vez em seu *Escritos*: "le vrai est toujours neuf", ou seja, "o verdadeiro é sempre novo". Ela me servirá de guia.

Freud inventou, em Viena, no princípio do século XX, o dispositivo analítico. Muitos psicanalistas, em diversas partes do mundo, vêm utilizando esse dispositivo há mais de um século. Mais recentemente, Lacan nos legou outra invenção, outro dispositivo, coerente com a invenção freudiana. O dispositivo do passe, diria, é um estranho artefato, a um só tempo sólido e frágil, composto de várias peças diferentes, vários tipos de peças ou elementos: duas peças essenciais chamadas passadores, uma central, que é o passante, e o júri, que, na nossa Escola, está constituído por cinco membros do cartel. Temos, então, oito peças com natureza e função diferentes, procedentes de muitas outras cidades, reunidas no Rio de Janeiro. E nos podem perguntar, aliás, outros colegas já o fizeram implicitamente, se vale a pena que alguns colegas atravessem a cordilheira dos Andes, boa parte da selva amazônica, e outros o oceano Atlântico, para armar esse dispositivo que só funcionará dois ou três dias. Sim, vale a pena, e tratarei de lhes dizer por quê. Como disponho de pouco tempo, serei um pouco categórica.

Há algo de inteiramente extraordinário na experiência do passe. O passe é único, autêntico lugar de transmissão da experiência analítica. Por intermédio do testemunho dos passadores, a experiência do sujeito se desvela, descobre-se o que foi a análise para ele e sua posição aparece com singular nitidez. O dispositivo torna possível a transmissão do que está em jogo nesse laço social particular que é o discurso analítico, bem como o que se opera nele e o que ocorre com o analisante. No

dispositivo do passe, a verdade do sujeito, esta verdade íntima que, aos poucos, vai sendo dita em meias-palavras, é elaborada em termos de um saber transmissível pela palavra: do passante aos passadores, dos passadores aos membros do passe. O testemunho do passante tem inestimável valor *per se*, qualquer que seja a resposta do cartel.

Tomarei uma posição um pouco diferente de Jean-Jacques Gorog, pois me parece que, na perspectiva que estou tentando destacar, a nomeação – falo em nome próprio – parece-me secundária. Graças ao testemunho do passante e à transmissão que fazem dele os passadores, em torno de cada uma dessas experiências analíticas singulares se estabelecem laços de trabalho inéditos entre os cinco membros do cartel, entre os membros do cartel e os passadores, e entre os passadores e o passante. Trata-se de uma rede de laços que pode ser estendida aos analistas que designaram os passadores e que, dessa maneira, também participam da experiência, fazem parte do passe. No passe, o discurso analítico – cito Lacan em *Televisão* –, que é um laço social determinado pela prática de uma análise, amplia-se. Esse laço que, por definição, compreende apenas o analisante e seu analista, abre-se, multiplica-se em uma rede de laços que merecem ser qualificados como analíticos, e que são aquilo que estrutura e constitui uma escola de psicanálise. Assim, pode chegar-se à conclusão de que sem o passe, no sentido estrito, não há Escola. Dito de outro modo, a Escola encontra sua razão de ser no passe. Encontra graças a esse dispositivo que se arma e se desarma, que a cada vez se monta e se desmonta com peças distintas, com recortes diferentes, podemos dizer, de acordo com as necessidades de cada caso. Isso é tudo.

Colette Soler: Podemos agora dedicar algum tempo à discussão. Posso dizer que todos estão contentes. Tanto aqueles que participaram quanto aqueles que estão aqui, inclusive eu. Também estou contente porque concluímos, uma vez mais, o que pressupúnhamos. Comprovamos que participar efetivamente do dispositivo dissolve os ceticismos a respeito do passe. Esse é um fato que reduz as dúvidas, as reticências a respeito desse dispositivo. É um fato, portanto, que devemos levar em conta nesse momento de ver. Passaremos a palavra para outros discutirem e questionarem. Antes de começar o debate, porém, Jean-Jacques Gorog quer dizer algo sobre a nomeação.

Jean-Jacques Gorog: Esse não me parece um verdadeiro debate. Temos de distinguir entre a importância de ser nomeado, ou

não, e o que se pode considerar sobre o tempo da nomeação como aquilo que cai e que é importante destacar como o ponto que comprova o fim de um tempo lógico.

Sol Aparício: É importante destacar a dialética do tempo de funcionamento do cartel.

Colette Soler: Estou de acordo com os dois. São posições que se contradizem apenas aparentemente. Há uma necessidade de nomeação, mas é importante saber que houve uma escolha e que houve uma discussão no mundo analítico sobre um passe sem nomeação. Do mesmo modo, é importante dizer que a nomeação não é a única finalidade e que todos os que participam do dispositivo contribuem para o problema e para a elaboração do passe. É por isso que, no Colégio Internacional da Opção Epistêmica, nos dois primeiros números de *Wunsch*, testemunharam passantes que não foram nomeados. Isso ocorreu precisamente para mostrar que alguém que se apresentou ao passe e não foi nomeado pôde contribuir para a elaboração sobre o assunto.

Participante: Gostaria de saber como, na experiência do passe, é possível manter a privacidade mencionada por Juan Guillermo e, ao mesmo tempo, transmitir essa experiência única, sem se restringir ao plano teórico, ou seja, como se pode, a um só tempo, transmitir algo de específico do caso e resguardar a privacidade do passante?

Participante: Não sendo obrigatória a experiência do passe, gostaria de perguntar a Patrícia o que a levou a pedir o passe?

Antonio Quinet: Gostaria de pedir a vocês para falar um pouco mais sobre o que viram, o que escutaram. Não apenas sobre o funcionamento, pois percebi que se deu demasiada ênfase ao funcionamento. Gostaria, portanto, de aproveitar a oportunidade – esse instante de ver em que vocês estão agora – para indagar o que apareceu da experiência propriamente analítica. Patrícia, você pôs o "historizar-se" no lugar do autorizar-se. Queria saber se foi o passe, e não a análise propriamente dita, que permitiu a você "historizar-se", ou seja, se o passe foi necessário para dar esse passo a mais do "historizar-se", que a análise, isoladamente, não teria permitido.

Sol Aparício: Gostaria de dizer algo sobretudo em relação à primeira pergunta. Tive oportunidade de participar em dois

cartéis do passe. Um em Paris e este no Brasil. A confiança no dispositivo foi uma das coisas mais surpreendentes, assombrosas e importantes. A confiança do analisante no analista, que algo único nessa situação íntima que é o dispositivo de análise. Trata-se de uma condição indispensável para a análise. Algo dessa confiança, no caso de alguém que decide fazer o passe, é igual à confiança que o passante deposita nos passadores e, indiretamente, no passe. No âmbito institucional, caso se considere a Escola uma instituição, é evidente que o dispositivo do passe só pode funcionar, se cada um de seus membros se submete a uma discrição absoluta. E apenas os passantes, um a um, podem falar publicamente do que queiram. Essa era uma das dificuldades que senti em relação a esse encontro sobre o cartel, quando pensava em tomar a palavra, endereçando-a ao público. É muito cedo para tirar conclusões e apresentá-las como algo informativo. Estamos sujeitos a uma discrição única. Não podemos falar sobre o passe. Consideramos que é uma aposta e que podemos contar com a absoluta discrição de cada um de seus participantes. Logo, acho sua pergunta legítima e pertinente. Também gostaria de dizer algo sobre a pergunta de Antonio, que nos pede um pouco mais, ao sublinhar a importância do instante de ver, uma vez que faz aparecer o que vemos e que nada tem a ver com o olhar. Não se trata de um ver ligado ao olhar, mas sim ao que aparece. Poder-se-ia dizer que é um ver relacionado ao que outros chamam de "insight", ligado a algo supostamente já sabido e que, de repente, lhe aparece. É característico da experiência. Essa experiência faz aparecer coisas que, na realidade, "não sabíamos bem", "não sabíamos que o sabíamos".

Tento resumir o que posso dizer sobre a experiência do passe. Vi, e enfatizo, que esse é o único autêntico lugar de transmissão da experiência analítica. Isso é que é o extraordinário da experiência. Nesse momento, entendi, depois de tantos anos no meio psicanalítico, o sentido dessa invenção de Lacan. Entendi por que Lacan inventou o dispositivo. Certamente, é a genialidade desse dispositivo inventado por Lacan que é o autêntico lugar de transmissão da experiência analítica. Assim, segundo esse ponto de vista, a questão da nomeação se torna secundária, ainda que importante. Talvez Colette Soler lembre que, na Escola, houve um momento em que se pensou fazer funcionar o passe sem nomeação, o que me parece absurdo!

Patrícia Muñoz: Direi algo sobre a minha decisão de fazer o passe, ou seja, minha escolha. Um final de análise produz mudanças na posição subjetiva, em sua relação com a vida, em sua posição

como analista. Mudam as possibilidades de ocupar esse lugar, muda completamente o que se coloca nesse lugar, mudam as supervisões. Para mim, isso não era suficiente. Havia três pontos importantes. Eu queria construir uma lógica para encerrar esse percurso. Um segundo ponto importante era minha posição como analista, pois queria poder ver o que mudara. Por último, algo muito importante para mim, minha relação com a Escola, já que levei muitos anos estudando o ensino de Lacan. Em relação à questão de Antonio Quinet, historizar-se é a palavra que, referida a Lacan, joga com o sentido da histeria. A posição de histerização, que é a própria posição da análise, da experiência de análise, é onde existe a construção, onde existe a lógica.

Jean-Jacques Gorog: Também gostaria de dizer algo em relação à citação. Aqui, insistiu-se na questão de que as pessoas não se conheciam, mas quando as pessoas se conhecem e se relacionam com o passante e o escutam no passe, a surpresa é maior. O que ocorre é muito diferente do que se imaginava. A diferença entre o discurso de alguém e como a pessoa é em sua vida aparece mais do que ela é como analista ou em supervisão. Por isso, estou de acordo com a afirmação de que é no passe que se verifica a "coisa analítica". Em seguida, há as verificações do que cada um imagina, ou seja, sobre os pontos acerca dos quais não se entende. Assim, os pontos mais importantes são aqueles que devem ser verificados, porque não se sabe. É preciso dedicar algum tempo para verificar o circuito, encontrar os furos, os hiatos no circuito produzido e entender as diferenças entre um passador e outro. Por isso, a concretização de um fim é extraordinária. Também o é quando aparecem as diferenças entre os passadores, ou seja, o que o passante disse a um e a outro passador. É muito claro quando o passante fala de coisas preparadas e diz: "Se você quiser que eu diga algo mais, posso dizer isso". Inicialmente, as primeiras sessões com os passadores parecem ser as mesmas, mas no discurso com cada passador há divergências. O discurso se dá com pequenas diferenças, ou seja, esse é um efeito que se pode notar porque o discurso é feito de palavras. Por que insisto neste ponto? Porque é muito importante notar as diferenças entre o que foi dito aos diferentes passadores. Isso é importante, por exemplo, para responder ao passe por escrito. Verifica-se, aqui, que o passe é um fato da palavra. Por fim, é essencial considerar o tempo das sessões com os passadores, pois isso tem relação com o tempo lógico.

Ana Canedo: A posição que se toma tem a ver com a ética. É um ato relacionado com a posição do analista e com o que se trata

de transmitir, inclusive com a privacidade. Por isso, retomei alguns pontos teóricos.

Dominique Fingermann: No que diz respeito à privacidade, todo o dispositivo trata de como falar do singular e, depois, de como isso pode ter efeitos. Essa é nossa questão. Queremos agradecer a esta mesa por nos ter dado a oportunidade de falar antes da experiência e do funcionamento, que são extremamente importantes, sem que isso pareça "chapado" em palavras de ordem. Dizendo um pouco mais, achei que Patrícia fez um esforço muito preciso e falou, de maneira muito sutil, do singular de sua experiência. Em relação à nossa experiência, poderia dizer algo mais sobre esse tempo de decisão do passante, que é um tempo de certeza. Na experiência, dá-se algo mais: o passante produz algo que ele não sabia de sua própria experiência de análise. Os passadores, por sua vez, também transmitem algo que eles não sabiam da psicanálise, assim como o cartel se transforma por algo que não sabia da análise. Isso produziu um efeito de transmissão na prática analítica de cada um de nós. Trata-se de um traço: algo que não se sabia foi produzido em todos os níveis do dispositivo.

Em relação à nomeação, abordada por Jean-Jacques Gorog, ela cai; a nomeação não é uma obsessão, uma negociação. De repente, ela cai. Isso tem a ver com o que Sol Aparício dizia. A nomeação tem sua importância quando não se fica obcecado por ela.

Sol Aparício: Sendo esta primeira vez que participo da experiência, pude observar que, em decorrência de um trabalho intenso em que surgem dúvidas, perguntas, hipóteses e esclarecimentos, há um momento em que se dá uma convergência, quer dizer, que se chega a uma conclusão. Além disso, pude comprovar que o ponto de certeza não é o mesmo para todos. Pode não ser o mesmo. Na elaboração, todavia, há um acordo. O ponto íntimo é isto: há um ponto que me confirma todos os outros e que faz parte da elaboração do particular. Há uma construção em convergência que dá provas de que a psicanálise existe. Podemos verificar que os efeitos da psicanálise são verdadeiros, e isso pode ser comprovado tanto nos passantes e nos passadores quanto nos membros do cartel que se encontram tomados pela surpresa, pelo não-sabido, pelo que querem voltar a perguntar. Quando retornam a suas casas, aquilo que pensavam já sabido e lido tantas vezes retorna-lhes despertando uma nova interrogação ou, até mesmo, uma nova certeza.

[...]

Colette Soler: Quero dizer algo sobre essa discussão. Parece haver uma tensão entre a privacidade necessária e a necessidade de transmissão. O interesse pelo passe não é individual. O interesse pelo passe não se restringe àquele que apresenta seu testemunho. Há um interesse maior pelo passe. Esse visa aos efeitos extensivos à Escola, especialmente os efeitos em relação à questão da didática. Isso, é claro, apenas se virmos a chamar de didática a análise que produz um analista. Na experiência do passe, não apenas em nossa Escola, mas bem antes de nossa Escola, vimos comprovando que "não há nada que esperar dos testemunhos sobre os testemunhos". Isso quer dizer que os testemunhos, sejam eles dos AEs, sejam dos cartéis, só podem ser escutados porque não são os que servem para fazer avançar a didática. Parece-me que, agora, já sabemos que não é por aí que aproveitaremos a experiência. Tampouco progrediremos a partir de uma espécie de psicologia de decisão do cartel.

Podemos, contudo, considerar outros efeitos no âmbito institucional. Desde o princípio de nossa experiência, há uma questão fundamental: o "juízo íntimo" – gosto dessa expressão de Lacan. Cada um produz no cartel com base no testemunho que se constitui em um conjunto de juízos íntimos. É importante observar que não se pode prestar conta dos juízos íntimos. Um juízo íntimo é como o ato. Não se pode prestar conta do ato. E o ato é correlato a um efeito de um juízo íntimo. Bem, como estamos no momento de concluir, vamos nos valer da função da pressa.

Jorge Zanghellini: Minha pergunta se insere na curiosidade manifestada por Antonio Quinet e é específica, porque nós dois participamos de um mesmo cartel do passe. Ela se refere ao que não se sabe dos testemunhos sobre o testemunho. Quando se escuta um testemunho, escuta-se com o ouvido de uma história clínica, mas como se pode escutar um passante que fala de uma análise que está em relação com o nome, com seu nome próprio?

Didier Castanet: Serei breve porque farei apenas uma observação. Estou muito tocado por esse cartel do passe porque, daqui a três semanas, falaremos em Toulouse sobre a experiência de três anos do passe em nossa Escola. Estou muito tocado pela fala de Dominique sobra o entusiasmo sem beatitude presente neste trabalho. Também me parece muito importante o que se falou sobre a confiança nesse dispositivo. A meu ver, tudo isso nos dá uma idéia do que funciona agora em nossa Escola.

Fernando Grossi: Temos de distinguir o que diz respeito ao título de AE e ao título de AME. Primeiro, é preciso distinguir uma

nomeação de AE de uma nomeação de AME. Utilizamos o mesmo termo: nomeação. Na Sessão de encerramento das Jornadas dos Cartéis, Lacan diz que, "para nomear um AME, trata-se de um fantasma coletivo e de confiança". "Não é isso que anima a decisão do cartel" para nomear ou não alguém. Sim ou não? Como entender essa distinção na nomeação? A segunda pergunta diz respeito à conclusão referida ao tempo lógico, em que os cinco prisioneiros saem juntos. A conclusão sempre é dos cinco, é consenso, é sempre convergente, ou é possível que o julgamento não seja tão uniforme?

Ana Laura Prates: Sempre compreendi o passe como um dispositivo, a um só tempo, clínico e epistêmico. A escuta dessa mesa confirmou essa impressão para mim. Gostaria de ouvir um comentário de vocês a respeito do que o passe ensina sobre o lugar do saber na psicanálise.

Participante: De forma geral, gostaria de saber se o trabalho transnacional de vocês quer se constituir em um protótipo, um modelo, para outras instituições em termos de cartel, do passe etc. Outro ponto: no caso de um passante não ser nomeado, há no dispositivo um tempo de carência para que busque novamente isso?

Jean-Jacques Gorog: As nomeações de AME e de AE não são iguais. Enquanto uma nomeação é do tipo institucional, a outra é mais individual. Há diferenças. Não desenvolverei a diferença, mas o fato de ambas se denominarem "nomeação" não quer dizer que sejam a mesma coisa.

Sol Aparício: Não creio que se possa falar, no marco do dispositivo do passe, de caso clínico. Diria, brevemente, que se trata de transmitir um dizer de um sujeito do inconsciente. É isso o que transmitem os passadores. A propósito da pergunta sobre o saber, diria que, no dispositivo do passe, o passante tem a vocação de pôr a prova, graças à transmissão, o que se crê que se sabe. Ele tem a ocasião de elaborar, em termos de saber, isso que diz a verdade do sujeito. No cartel do passe, há efetivamente um trabalho para elaborar um saber à luz do que foi recolhido do passante pelo passador. Há também um outro trabalho que cabe ao cartel e que se refere à Escola, em nível coletivo. Que conseqüências e que saber sobre a teoria e sobre o ato se pode extrair do acúmulo dessa experiência para acrescentar à didática?

Dominique Fingermann: Estamos em um primeiro tempo da experiência do passe, mas concordo com Colette Soler de que já podemos

dizer que o efeito de transmissão deve sair dessa instância em um primeiro tempo. Frisamos que, já nesse primeiro tempo, há um efeito de transmissão em nossa comunidade de Escola, pois cinco, mais dois, mais um analista, em seis países diferentes, em várias línguas, já tem um efeito de transmissão. Esperemos um pouco mais, embora já tenhamos escutado bastante nesse primeiro tempo.

COLETTE SOLER: Concluamos. Este não é o fim das discussões, mas justo o princípio, o princípio da Escola, o princípio das elaborações. Os franceses continuarão essa discussão em dezembro próximo, em Toulouse, e ela prosseguirá em julho de 2006, no Encontro Internacional da IF-EPFCL em Paris, quando teremos nova oportunidade de falar sobre o passe.

TRANSCRIÇÃO
Ana Rosa Mauro de Melo
REVISÃO
Eliane Z. Schermann e Clarice Gatto

referências bibliográficas

ESCOLA FREUDIANA DE PARIS. *Annuaire.* Paris, 1977.

ESCOLA DE PSICANÁLISE DOS FÓRUNS DO CAMPO LACANIANO. *Princípios diretivos para uma Escola* (versão modificada). Rio de Janeiro, 2006.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 17: O avesso da psicanálise* (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

LACAN, Jacques. (1945). Le temps logique et l'assertion de certitude anticipée. In: *Écrits.* Paris: Seuil, 1966.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982.

LACAN, Jacques. (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LACAN, Jacques. (1973). Televisão. In: *Outros escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LACAN, Jacques. (1977). Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11.* In: *Outros escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LACAN, Jacques. (1982). Nota italiana. In: *Outros escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

resumo

Debate ocorrido em 13 de novembro de 2005 acerca do primeiro cartel do passe da EPFCL ocorrido na América. A discussão teve como ponto de partida o texto *Historizar-se de si mesmo*, apresentado por Patrícia Muñoz (AE).

palavras-chave

cartel do passe, Escola, passe

abstract

The debate happened in November 13th, 2005 around the first EPFCL's cartel pass in America. The discussion's starting point was the text *Self-History making (Historizar-se de si mesmo)*, presented by Patrícia Muñoz (AE).

key words

cartel pass, School, pass

recebido

07/04/2005

aprovado

05/05/2005

resenhas



Uma análise com Deus.
O encontro de Lacan e Kierkegaard

Elisabete Thamer

Resenha do livro *Une analyse avec Dieu. Le rendez-vous de Lacan et de Kierkegaard*, de Yves Depelsenaire. Bruxelles: La Lettre Volée, 2004.

Considerado por Lacan "o mais agudo dos questionadores da alma"[1] antes de Freud, Søren Kierkegaard (1813-1855) é um desses autores que, como Nietzsche, escapam a toda tentativa de classificação. Filósofo, escritor ou "pensador religioso" (como pretendia Heidegger)[2], sua obra permanece, infelizmente, pouco explorada. Exceção feita à Jacques Lacan, que comentou vários textos kierkegaardianos em momentos cruciais de seu ensino.

Uma análise com Deus. O encontro de Lacan e Kierkegaard, de Yves Depelsenaire, é um livro que apresenta uma análise minuciosa das referências kierkegaardianas de Lacan, e que revela, em texto claro e agradabilíssimo, a fineza com a qual o autor, psicanalista, consagrou-se ao longo de mais de vinte anos à leitura da complexa obra do pensador dinamarquês. Esse livro, apesar de consistir em uma coletânea de artigos publicados entre 1979 e 2004, apresenta uma fluidez que nos faz esquecer a "independência" com a qual podem ser lidos seus capítulos, cujos títulos, aliás, bem refletem algo do humor kierkegaardiano; por exemplo, "O contador e a bela do harém" e "O macaco, o apóstolo, o escritor e a mulher".

A obra de Kierkegaard, em que coabitam o humor e o trágico, convoca o leitor a um permanente deciframento. Pastor sem paróquia, "publicava quase sempre simultaneamente um escrito edificante [em seu próprio nome] com a mão direita e um escrito pseudônimo com a mão esquerda" (p. 23). Kierkegaard é assim, ao mesmo tempo, Victor Eremita, Constantin Constantinius, Johanes de Silentio, Johanes Climacus, Anticlimacus, Nicolaus Notabene, para citar apenas alguns de seus pseudônimos... Como assinala Depelsenaire, com sua pseudonímia, Kierkegaard suscita uma certa resistência à significação de sua própria obra, cuidadosamente organizada em torno da falta de *um* "autor" (p. 51).

[1] Lacan. *O seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/1985, p. 62).

[2] Heidegger. "Sur le mot de Nietzsche: 'Dieu est mort'" (1962, p. 301).

Outro aspecto preliminar considerado pelo autor diz respeito à oposição de Kierkegaard a Hegel. Como destaca Depelsenaire, "à especulação hegeliana, em que tudo é colocado em relação com tudo, em que a verdade se desdobra em saber, de tal modo que o absoluto se deduz em um resultado racional como a realização do sujeito através da História universal em suas alienações e ultrapassagens sucessivas, a essa especulação Kierkegaard opõe uma outra dialética: aquela da escolha e da separação, de *ou bem... ou bem*, não na exaltação romântica da subjetividade, mas em um esforço de pensar o real" (p. 24). Nesses termos, a leitura de Kierkegaard pode ter constituído um contraponto decisivo quanto ao destino da influência hegeliana de Lacan.

a repetição

Uma das referências maiores de Lacan a Kierkegaard concerne à noção de "repetição" (*Seminário - livros 2, 11 e 17*; *Introdução ao Seminário sobre* A carta roubada; *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* e *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud)*. Como constata Depelsenaire, "o esforço de Kierkegaard é distinguir duas repetições. Uma repetição 'en arrière', designada pelo conceito platônico de reminiscência, e uma repetição 'en avant', uma insistência repetitiva que busca o novo" (p. 14). Como bem constata o autor, a repetição "demanda o novo e, paradoxalmente, ela é sem retorno" (p. 24). Em *A repetição*, de Constantin Constantinius (impossível negligenciar este pseudônimo!), a personagem tenta repetir, anos depois, a experiência vivida ao longo de uma estadia inolvidável em Berlim. Apesar do cuidado minucioso com o qual reproduz os detalhes práticos de tal experiência, o resultado, obviamente, não é o esperado: "Constantin Constantinius só irá encontrar sinais de uma repetição impossível porque ele só encontra pálidos reflexos da primeira vez, como sempre, no registro do imaginário", ou ainda, "a única coisa que se repete é a impossibilidade da repetição", conclui Depelsenaire (p. 15).

a mulher

Kierkegaard nos legou uma deliciosa paródia do *Banquete* platônico, intitulada *In vino veritas*, que não escapou a Lacan por ocasião de seu seminário sobre a transferência. Assim como em *O banquete*, de Platão uma reflexão sobre o amor se tranforma em uma reflexão sobre o desejo, "do qual Sócrates encarna o objeto inapreensível [...], em *In vino veritas*, o tema do amor se transforma em uma reflexão sobre a feminilidade como engodo e a mulher como sintoma" (p. 67). Curiosamente, é a personagem de Constantin Constantinius (o "autor" de *A repetição*) que é o agente de tal mudança de tema...

No capítulo VI do *Seminário – livro 20: Mais, ainda*, chamado "Deus e o gozo d'A mulher", Lacan faz novamente menção a Kierkegaard, desta vez a uma passagem biográfica. Trata-se da ruptura de seu noivado com Regina, fato romanciado em *Diário de um sedutor*, publicado pouco tempo depois do fato em si e assinado por "Johannes, o sedutor". Segundo Lacan:

> Em outros termos, não foi por acaso que Kierkegaard descobriu a existência numa aventurazinha de sedutor. É ao se castrar, ao renunciar ao amor, que ele pensa ter tido acesso a isso. Mas, talvez, depois de tudo, por que não, Regina, também ela, existisse. Esse desejo de um bem ao segundo grau, um bem que não é causado por um *a* minúsculo, talvez fosse por Regina que ele tinha dimensão.[3]

[3] Lacan. *O seminário – livro 20: Mais, ainda* (1972-73/1985, p. 103-104).

o conceito de angústia

Outra referência fundamental é *O conceito de angústia*, mais uma obra pseudônima (Vigilius Aufhnensis), citada por Lacan em seu texto *A agressividade em psicanálise*, de 1948, e, obviamente, no *Seminário – livro 10: A angústia*. Nesse texto, Kierkegaard analisa o mito cristão de Adão e Eva, e desenvolve uma análise sobre a atração da falta (pecado). Trata-se de "uma reflexão complexa sobre o nó entre o gozo, a culpa a angústia, com base no Livro I do *Gênesis*" (p. 17). Esse "nó" se encontra intimamente atrelado à questão do "pai", pivô da obra e da biografia do dinamarquês que serviu à elaboração de Lacan a esse respeito.

o pai

Assim, a terceira das referências fundamentais se encontra na única sessão do seminário *Os nomes do pai*, para o qual Lacan programara o "encontro com Kierkegaard", razão do subtítulo do livro de Depelsenaire. Este encontro se daria pela análise do texto *Temor e tremor*, assinado por Johanes de Silentio. Trata-se de um impressionante texto sobre o sacrifício de Abraão. Para Kierkegaard, como observa Depelsenaire, ninguém poderá ultrapassar a Abraão, pois este não hesitou ante o ato de sacrificar seu único filho a Deus. Ao longo de gerações, continua o autor, encontraremos muitas formas de "herdeiros do pecado" paterno, como Hamlet, e de interrogações, de dúvidas sobre o pai. "Mas a dúvida não pára Abraão, que precisamente não é um pecador. Pois o pecado é a ignorância na não-relação [*non-rapport*] com Deus [...] Ora, Abraão encontra Deus face a face. A era do pecado não é a sua" (p. 90).

Esse texto não deixa de evocar a história pessoal do próprio Kierkegaard, cujo pai não se perdoava de haver blasfemado contra Deus nos tempos de sua juventude. Ele se descrevia como uma "cruz erigida sobre as tumbas de suas esperanças" (p. 144), uma evocação ao fato de ter sobrevivido à morte de sete de seus filhos, que entendia como um castigo infligido em razão das blasfêmias que proferira. Esses filhos eram, por sua vez, frutos de um segundo casamento, realizado às pressas após a morte de sua primeira esposa. A segunda mulher, até então sua criada, encontrava-se grávida de muitos meses por ocasião das bodas, de onde resulta a tese de que teria sido violentada pelo pai de Kierkegaard. Como assinala Depelsenaire, vários elementos permitem "considerar essa tese fundamentada, se não realmente, ao menos fantasmaticamente no espírito de Kierkegaard" (p. 144).

No *Seminário 11*, Lacan diz: "O pai, o Nome-do-Pai, sustenta a estrutura do desejo com a lei – mas a herança do pai é aquilo que nos designa Kierkegaard, é seu pecado"[4]. Nesse comentário, encontramos o nó que tece, talvez, a mais importante contribuição da obra de Søren Kierkegaard à psicanálise. Yves Depelsenaire assim interpreta o que ele chama "o encontro de Kierkegaard com a psicanálise": "Como prescindir do pai à condição de se servir dele?" Segundo o autor, a resposta é a mesma para Kierkegaard e para Lacan: "por uma nova ética" (p. 101). O que difere, obviamente, são os meios de um e de outro. *Ou bien... ou bien...* x *...Ou pire?*

Para maiores detalhes, sugiro-lhes vivamente um *rendez-vous* com esse pequeno livro, que, esperamos, esteja disponível em breve em língua portuguesa.

[4] Lacan. *O Seminário* – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964/1985, p. 38).



referências bibliográficas

Heidegger, Martin. Sur le mot de Nietzsche: 'Dieu est mort'. In: *Chemins qui ne mènent nulle part.* Tradução de Wolfgang Brokmeier. Paris: Gallimard, 1962.

Lacan, Jacques. *O seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

Lacan, Jacques. *O seminário – livro 20: Mais, ainda* (1972-73). Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

A guarda dos filhos na família em litígio

VERA POLLO

Resenha do livro *A guarda dos filhos na família em litígio*, de Lenita Pacheco Lemos Duarte
Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2006

A EXPERIÊNCIA DE MUITOS ANOS no exercício da psicanálise é o ponto de partida deste trabalho, cuja escrita teve, entre seus objetivos, o de cumprir os requisitos obrigatórios à obtenção do título de Mestre em Pesquisa e Clínica em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mas objetivo e causa nele se distinguem, pois se o primeiro visa ao reconhecimento social, a segunda é eminentemente subjetiva, diria mesmo testemunhal, e visa à necessária elaboração teórica de uma prática analítica com crianças cujos pais vivem as mais diversas situações de litígio conjugal.

Além de proceder a uma leitura e interpretação cuidadosas e atentas a alguns conceitos fundamentais da doutrina psicanalítica, como sujeito, Lei simbólica, angústia, compulsão à repetição e sintoma, este livro de Lenita Duarte demonstra, por meio de casos clínicos, que as crianças podem e devem ser tratados como "analisantes integrais", responsáveis por suas escolhas de sujeitos. Verificamos que nenhuma demanda materna ou paterna dirigida ao analista pode suprir o lugar reservado à fala da criança, que, ao fazer-se sujeito da linguagem, faz-se também sujeito do inconsciente.

A autora não vai em busca de um psiquismo "mais arcaico" ou de uma realidade pré-discursiva, ou seja, não se restringe ao que é da ordem do imaginário. Não cede, enfim, "às tentativas e tentações dos investigadores pela abordagem das estruturações pré-verbais"[1]. Ao afirmar que "a criança é um mito do adulto", retoma o que Freud chamou de "o narcisismo dos pais", destes pais cujo investimento libidinal no filho visa, antes de mais nada, à concretização dos sonhos dourados a que eles próprios tiveram que renunciar. Cito-a: se "uma parte essencial da descoberta de Freud se deve ao fato dele ter sabido formalizar essa afinidade de estrutura entre o infantil e o inconsciente", é porque "o infantil na psicanálise é a neurose, o recalcado, o Édipo, que são aquelas cenas primeiras nunca relembradas pelo sujeito, mas que determinam seu destino".

[1] Lacan. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953/1998, p. 243).

As obras de Freud e de Lacan, seus principais conceitos e achados clínicos, são os instrumentos com que Lenita se põe a elaborar as questões que lhe são trazidas por sua própria clínica, entre as quais ganha especial relevo a função mediadora do analista nas situações de litígio conjugal e/ou familiar, e sua parceria possível com os operadores do Direito. A partir daí, seu caminho se bifurca entre a problemática relativa à sexualidade da mulher, presente em muitos casos de litígio conjugal, e os conflitos dos sujeitos com a lei, em que o pai de família parece ter perdido não exatamente uma forma qualquer de poder, mas sim de autoridade, isto é, de legitimidade.

No exercício de tessitura teórica de impasses, a um só tempo, clínicos e judiciais, sobressai a importante distinção entre o desejo da mãe e o desejo de mulher. Essa distinção nem sempre é evidente e o presente texto ganha em peso e densidade quando se propõe a abordá-la, enunciando com Lacan que, diferentemente do desejo da mãe, o desejo de uma mulher não se esgota em seu desejo de filho e impõe a cada sujeito a questão que norteia a constituição da fantasia fundamental: "Por que e para que me queres? Que desejo, afinal, esteve na origem de minha vinda ao mundo, ou seja, no ato de que sou produto?"

Ao esclarecer que um dos sentidos do termo "litígio" é o de "demanda", o texto de Lenita demonstra como o saber jurídico e o saber analítico se cruzam logo de saída. E afirma, de forma categórica, que já não é possível, em nossos dias, reduzir, de forma excludente, a questão da paternidade à dimensão psicanalítica ou à dimensão jurídica. Desde as primeiras linhas, somos surpreendidos pela constatação de que um traço atual de masculinidade, uma espécie de ideal viril contemporâneo, desvela-se como efeito dos grandes movimentos feministas do século que passou, qual seja, o de que os pais reivindicam cada vez mais para si o direito de cuidar dos filhos, de se responsabilizarem, tanto quanto as mães, por sua educação e lazer, até mesmo por sua alimentação e higiene. Mas isso não é tudo. Logo de saída, chamam também nossa atenção as falas singelas dos pequenos pacientes que indagam da analista: "O que o namorado da mamãe é meu? Os filhos da minha madrasta são também meus irmãos?"

"Sinais do tempo", como bem se diz, tais falas certamente indicam o advento de "famílias em desordem", conforme a expressão cunhada pela psicanalista Elisabeth Roudinesco e discutida pela autora, mas também novas formas de enunciar questões antigas, demonstrando desse modo que "se a noção de pai não se confunde em caso algum com a de sua fecundidade",

é porque está devotada, desde sempre, a desdobrar-se em outras. Há algumas décadas, por exemplo, ela vem se desdobrando na questão de saber "por que via, de que modo, se inscreverá no psiquismo da criança a palavra do ancestral"[2].

[2] Lacan. *O Seminário – livro 4: A relação de objeto* (1956-7/1998, p. 386).

Não por acaso, a função do pai é discutida em suas múltiplas facetas, acentuando-se que, para o atual Direito de Família, assim como para a Psicanálise, as categorias de pai e genitor não são idênticas, pois "mesmo que se atribua uma paternidade pela via do laço biológico, jamais se conseguirá impor que o genitor se torne pai". Tampouco se deve esquecer que "o bom pai do século passado pode não ser o de hoje". Por meio de enunciados como esses, o texto de Lenita nos conduz à distinção entre o papel social do pai e o conceito lacaniano de "metáfora paterna" ou "Nome-do-Pai". Enquanto o primeiro diz respeito ao que a sociedade espera da conduta de um determinado homem em relação àquele(s) que gerou, o segundo depende da importância que a mãe dá à palavra do pai e da relação do pai com a lei.

Quando "os filhos do casal acabam aspirados pela luta e tornam-se *objetos torpedos* das batalhas travadas entre os pais", mais do que nunca se faz necessária uma interlocução, um diálogo entre praticantes da Psicanálise e operadores de Direito. Essa me parece a principal proposta da autora e a razão de sua insistência no fato de que, por mais que o sujeito do inconsciente tenha de ser lido e que a lei tenha de ser interpretada, não há acordo sem fala. A psicanálise e o direito, em seu exercício, devem se mostrar orientadas por uma mesma ética, que chamamos com Lacan de "a ética do bem-dizer". Eis um dos muitos ensinamentos deste livro.

referências bibliográficas

LACAN, Jacques. (1953) Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 4: A relação de objeto* (1956-1957). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

Vicissitudes do objeto

Robson de Freitas Pereira

Prefácio do livro *Vicissitudes do objeto* ,
de Marcus do Rio Teixeira
Salvador: Ágalma, 2005

Não escrevo para persuadir, nem para representar ninguém. Só escrevo com o meu próprio desejo.
Marcus do Rio Teixeira, *Genealogia do banal*

A verdade tem estrutura de ficção
Jacques Lacan, *Seminário – livro 4*

Certos textos são necessários. Impõem-se como um ato de responsabilidade do psicanalista. Uma decisão de passar adiante os efeitos do discurso psicanalítico. Neste caso, a herança a ser transmitida filia-se a uma corrente das mais caras a Freud e Lacan: sob o fio da clínica, o debate das idéias, a participação no "combate das luzes" na atualidade, razão *versus* barbárie. A utilização deste antagonismo pode causar surpresa, porém esclareço de entrada que nos textos que compõem o presente volume o rigor conceitual não se confunde com arrogância. Afinal, um psicanalista sabe que a linguagem produz mal-entendidos, tropeços, sonhos e mal-estar, o que não torna menos importante o esforço de clareza. Além disto, a psicanálise – nascida no alvorecer do século XX – é tributária da cultura que a recebeu e reconhece o fato de que as transformações que se seguiram desde então contribuem efetivamente para sua prática. Nas palavras de Marcus do Rio Teixeira, persistir "no compromisso ético escrito" da contribuição da psicanálise às questões fundamentais da atualidade implica que não sejamos indiferentes aos impasses e sintomas os quais buscamos analisar. Um psicanalista não está na posição de "bela alma", tampouco pode pretender psicologizar o mundo, ou mesmo querer que sua prática se transforme numa verdade universal (ou *Weltanschauung*) como tantas vezes nos advertiu Freud.

Neste livro, as vicissitudes do objeto são abordadas em três grandes vetores, onde o autor mostra suas armas, apresenta suas razões: O "objeto sexual", os Objetos literários e "Sujeito e objeto no discurso Discurso do capitalistaCapitalista". Para não tirar o prazer do leitor em explorar as minúcias de cada capítulo, pretendo apenas relacionar algumas impressões de leitura, marcas na trajetória.

"Vicissitudes do objeto", trabalho que dá título ao livro, tem achados e interpretações esclarecedoras para as questões relativas à histeria, ao feminino e aos desencontros entre homem e mulher. Aqui a clínica comparece sem precisar fazer descrições ou caricaturas da patologia. Ajuda o leitor a pensar a própria prática, ao enunciar questões sobre a histeria e o falo, a diferença vivida como desvantagem e quanto o desejar depende tanto da referência fálica – que lhe confere um sentido sexual – quanto da circulação do objeto. "Mulheres no surrealismo" e "Joyce e A mulher" dão mostras da erudição e das paixões do autor. informação histórica e estética, acompanhadas de algumas teses originais, mesmo em um tema tão árido e intensamente debatido como a obra joyceana. Poucos autores interpretaram com clareza a função subversiva do discurso feminino em *Ulisses*, por exemplo, onde a linguagem é liberada das amarras e balizas da pontuação para dar espaço ao monólogo de Molly Bloom.

Esse tema literário faz o encadeamento com o capítulo que se inicia abordando "O objeto da paixão em Nabokov". Refratário a psicanálise e à crítica literária, pois considerava uma infantilidade querer reduzir um texto a chaves de leitura, o grande autor russo/americano intimidou os psicanalistas durante muito tempo. Suas obras, principalmente *Lolita* (1955), sempre foram lidas com admiração e respeito, mas somente alguns aceitavam o desafio proposto por Lacan (vide "Lituraterre") de tentar uma contribuição que não fosse psicanálise aplicada ou mais uma formulação acadêmica. Aqui a transferência amorosa com os textos de Nabokov e Joyce, – que são duas referências/preferências do autor, possibilita a ele este trabalho de crítica e contribuição recíproca entre literatura e psicanálise. Basta ver como um capítulo de *Ulisses* permite-lhe uma abordagem do sujeito eclipsado, revelando o quanto este mesmo sujeito é uma falha na objetividade científica. A busca da objetividade máxima conduz ao máximo da digressão; por isto, a literatura não se contenta com explicações definitivas, estas que a obsessão persegue e não consegue alcançar.

"Monstros & Cia – a gênese do medo na literatura de horror e nos contos de fadas" possibilita que sejamos re-apresentados a um autor como H. P. Lovecraft, mestre dos contos de hor-

ror e do medo (este último considerado por ele a emoção mais forte e antiga do homem). Freud esteve próximo disto quando explorou as diferenças entre medo e angústia e, para falar do estranho familiar, esta "extimidade" que nos habita, retomou os contos de Hoffmann (no caso, "O homem da areia").

A ficção científica começa a ter, neste ponto, um lugar de destaque, que, em função do texto entusiasmado, poderíamos dizer: merecido. "Existiu algum dia um escritor chamado Philip K. Dick e, caso tenha existido, em qual universo?" No universo ficcional responderíamos rapidamente. Este que permite à verdade mostrar sua estrutura de ficção, se soubermos ler. Ler um autor que se utiliza do futuro para analisar o presente e nossa dificuldade em enfrentar o desconhecido de "uma alteridade insuportável que toda sociedade produz para si mesma". Ficam questionadas as fronteiras entre "cultura de massa *versus* cultura superior";, pois a era da velocidade, das realizações instantâneas, da exigência de gozo imediato, não permite saudosismos. Faz-se necessário assumir a complexidade e o sincretismo de uma cultura na qual o sonho secreto da inteligência artificial – a robotização do homem – pode ser subvertido pelo ato cinematográfico.

Philip K. Dick teve diversas obras adaptadas para o cinema. A mais notória é *Blade Runner* (baseada no conto "Do androids dream of electric sheep?"). *Total recall*, estrelado pelo *terminator* Arnold Schwarzenegger, também é bastante conhecida. Lembremo-nos também de Tom Cruise estrelando *Minority report*, dirigido por Steven Spielberg, onde as questões sobre memória, morte e relações com a filiação/paternidade se agudizam à medida em que o policial se humaniza.

Philip K. Dick não é um caso clínico para a psicanálise. Sua escrita é que possibilita aos psicanalistas remeterem-se à teoria e reafirmarem com o autor deste livro: "a noção do que é realidade para um sujeito depende [...] do pressuposto de um Outro". Um diagnóstico não dignifica, nem rebaixa ninguém, é uma tentativa de se inscrever. Assim, um texto de Dick pode muito bem ser uma demonstração de paranóia dirigida – como Lacan chegou a afirmar de uma análise em que o paranóico é menos o autor que o próprio leitor.

O capítulo se encerra com um "Elogio da tradução" apresentando mais esta paixão de Marcus do Rio Teixeira. A especificidade da tradução do texto psicanalítico que não se enquadra na distinção clássica de teóricos *versus* literários. O autor levanta muitas questões, discussões conceituais, mas sempre sem prescrever,; pois "o amor pelo texto nos leva a persistir, em busca de uma tradução tão perfeita quanto impossível".

As interrogações sobre a educação das crianças, da prevalência do consumo na atualidade, dos limites e alcance da prática psicanalítica sob a hegemonia do capitalismo permeiam o capítulo "Sujeito e objeto no discurso do capitalista". Nele, a posição ética do psicanalista é confrontada não somente com tais questões, mas também e, principalmente, com o debate das conseqüências do discurso científico, aliado a esta quinta forma discursiva elaborada por Jacques Lacan. Uma abordagem dos quatro matemas dos discursos (do Mestre, da Histérica, do Universitário e do Analista) que organizam nosso laço social pode ser acompanhada no texto "O expectador inocente". Sem falar no mencionado quinto discurso – do Capitalista – cujas conseqüências Marcus procura debater neste livro.

Nos dias de hoje, o acesso do sujeito ao objeto mudou radicalmente se comparado a outros tempos históricos. A autonomia do sujeito moderno, curiosamente, produziu um domínio do objeto, uma posição dominante sobre o sujeito. Em outras palavras, nossos *gadgets* adquiriram estatuto de objetos de desejo, assim como o valor de mercado determina a importância de uma obra. Mais consumo, menos desejo. Não sejamos apocalípticos, porém; a questão não é se posicionar contra o consumismo como se estivéssemos em uma cruzada moral. O autor, seguindo a tradição freudiana, já nos advertiu que ideais de pureza e bondade extremas podem colocar um tênue véu sobre um fundo de totalitarismo. Com este não é possível compactuar.

E, para não ser cúmplice de um ideal de redução do sujeito ao puramente orgânico, abre-se um debate com as recentes produções no campo das neurociências, da biotecnologia e do genoma. Discussão extremamente atual, pois "ser humano significa mais do que ter um genoma humano, significa ter uma identidade narrativa de si mesmo"[1]. Para que o sujeito tenha possibilidade de se reconhecer e reconhecer seu desejo, há de se garantir um espaço para a palavra. Somos falados pelo "Outro que nos habita", já dizia Carlos Drummond de Andrade. Abordamos os estímulos sensoriais *através da* e *a partir da* linguagem. Nossa sexualidade, nossa relação com a natureza, nossa maneira de amar estão determinadas, tecidas pela trama discursiva e linguageira que cada um de nós inventa cotidianamente. Por isto, acompanhamos ao longo de todos os textos essa articulação de ciência e ficção tecida moebianamente com saber e sabor, ciência e arte.

[1] Alex Mauron, biólogo molecular e professor de bioética, citação do texto "Genoma com alma", publicado na Folha de São Paulo em 25 de fevereiro de 2001.

"Ao dedicar uma obra, o autor ainda crê numa última utopia: a de que existe no texto algo que possa ser dedicado, além da própria dedicatória. Como *num* potlatch ingênuo, ele oferece o que não pode dar: a escritura. E por que não?"[2]. Uma nota de esclarecimento: em 1981, em Porto Alegre, li umo volume intitulado *Genealogia do banal*, assinado por Marcus do Rio e publicado pelo coletivo soteropolitano Barbárie. Entre outros artigos, minha atenção foi atraída por aquele intitulado "Paixão e paranóia-crítica em Salvador Dalí", afinal alguém conseguia escrever sobre psicanálise e cultura estando imerso nela. Naquele momento, o estilo e as preferências já se mostravam,; pois, além do texto sobre Dalí, reflexões sobre arte, cultura popular, política, ficção científica e psicanálise, "escritos com o próprio desejo", mostravam uma autoria disposta a participar ativamente do debate e da crítica ao conformismo das idéias. Só anos mais tarde vim a conhecer Marcus do Rio Teixeira. O leitor chegou primeiro: a escrita fez sua função.

[2] Teixeira. Pós-escrito: três textos tenros (1981).



referência bibliográfica

TEIXEIRA, Marcus do Rio. Pós-escrito: três textos tenros. In: *Genealogia do banal*. Salvador: Barbárie, 1981.

sobre os autores

Ana Laura Prates
Psicanalista. Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano. Docente de FCCL – SP e coordenadora da Rede Clínica de Pesquisa de Psicanálise e Infância de FCCL-SP. Doutora em Psicologia Clínica pela USP. Autora do livro *Feminilidade e experiência psicanalítica*. E-mail: analaura@terra.com.br

Andréa Brunetto
Psicanalista. Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano. Membro do Ágora Instituto Lacanian. Mestra em Educação pela UFMS. E-mail: brunetto@terra.com.br

Bárbara Guatimosin
Psicanalista. Membro do Fórum do Campo Lacaniano – BH e da AFCL. Organizadora do livro *Em torno dos cartéis* (Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004). E-mail: bguatimosim@bol.com.br

Beatriz Elena Maya Restrepo
Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano - Medellín. Professora do Departamento de Psicología da Universidad de Antioquia. Autora do livro *Psicoanálisis y poesía: un desciframiento del bien-decir*. E-mail: belemare@epm.net.co

Carmen Gallano
Psicanalista. AME da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Madri. Docente de Formações Clínicas do Campo LAcaniano. E-mail: cgallano@lar.e.telefonica.net

Eliane Z. Schermann
Psicanalista. AME da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil. Coordenadora da Comissão de Publicação da Revista *Stylus*. Membro da AFCL. Doutora pelo Instituto de Psicologia da UFRJ. Autora do livro *O gozo en-cena: sobre o masoquismo e a mulher* (São Paulo: Escuta). E-mail: schermann@openlink.com.br

Elisabete Thamer
Psicanalista. Doutoranda em Filosofia na Universidade de Paris IV, Sorbonne (bolsita da CAPES). E-mail: ethamer@hotmail.com

Jean-Jacques Gorog
Psicanalista. Psiquiatra. AME da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – France. E-mail: gorog@wanadoo.fr

Lenita Pacheco Lemos Duarte
Psicóloga. Psicanalista. Membro da Escola de Psicanálise Fóruns do Campo Lacaniano e participante de FCCL. Pós-graduada em Psicanálise pela Universidade Estácio de Sá e mestre em Pesquisa e Clínica em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: lenitaduarte@urbi.com.br

Michele Roman Faria
Psicanalista. Doutora em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da USP. Membro da Rede de Pesquisa de Psicanálise e Infância do Fórum do Campo Lacaniano – SP. Autora de *Constituição do sujeito e estrutura familiar* (São Paulo: Cabral, 2004). E-mail: michelefaria@terra.com.br

Nádia Afonso de Souza Martins
Psicanalista. Membro da Escola de Psicanálise do Campo Lacaniano e da Associação Fóruns do Campo Lacaniano – Rio de Janeiro. Psicanalista da Secretaria da Justiça e da Infância e da Juventude do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: nadiasmartins@terra.com.br

Ricardo Rojas
Psicanalista. Psicólogo. Docente do Departamento de Psicologia da Universidad de Antioquia, Medellín, Colômbia. E-mail: ricardo.rojas@epm.net.co.

Robson de Freitas Pereira
Psicanalista. Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Co-autor dos livros *La clinique du speculaire in Machado de Assis* (Paris: Editions de l'Association Lacanienne Internationale, 2003). E-mail: rpereira@portoweb.com.br

Vera Pollo
Psicanalista. AME da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil. Doutora em Psicologia pela PUC-Rio. Autora de *Mulheres histéricas* (Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003). E-mail: v.pollo@terra.com.br

Zilda Machado
Psicanalista. Membro do Fórum do Campo Lacaniano – BH e da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano.Atual Coordenadora Geral do Fórum do Campo Lacaniano de Belo Horizonte. Docente de Formações Clínicas do Campo Lacaniano – BH. Email: zildamachado@terra.com.br

orientações editoriais

Stylus é uma revista semestral da Associação Fóruns do Campo Lacaniano e se propõe a publicar os artigos inéditos das comunidades brasileira e internacional do Campo Lacaniano, e os artigos de outros colegas que orientam sua leitura da psicanálise principalmente pelos textos de Sigmund Freud e Jacques Lacan. Serão aceitos artigos provenientes de outros campos de saber (a arte, a ciência, a matemática, a filosofia, a topologia, a lingüística, a música, a literatura etc.) que tomam a psicanálise como eixo de suas conexões reflexivas. Aos *manuscritos* encaminhados para publicação, recomendam-se as seguintes orientações editoriais.

Serão aceitos trabalhos em inglês, francês e/ou espanhol. Se aceitos, serão traduzidos para o português. Todos os trabalhos enviados para publicação serão submetidos a no mínimo dois pareceristas, membros do Conselho Editorial de Stylus (CES). A Equipe de Publicação de Stylus (EPS) que poderá fazer uso de consultores "ad hoc", a seu critério e do CES, omitida a identidade dos autores. Os autores serão notificados da aceitação ou não dos artigos. Os originais não serão devolvidos. O texto aceito para publicação o será na íntegra. Os artigos assinados expressam a opinião de seus autores.

A EPS avaliará a pertinência da quantidade de textos que irão compor cada número de Stylus, de modo a zelar pelo propósito desta revista: promover o debate a respeito da psicanálise e suas conexões com os outros discursos.

O fluxo de avaliação dos artigos será o seguinte:

1. Recebimento do texto por e-mail pelos membros da EPS de acordo com a data divulgada na homepage da AFCL (http://www.campolacaniano.com.br :: Publicações: Stylus). 2. Distribuição para parecer. 3. Encaminhamento do parecer para a reunião da EPS para decisão final. 4. Informação ao autor: se recusado, se aprovado ou se necessita de reformulação (nesse caso, é definido um prazo de vinte dias, findo o qual o artigo é desconsiderado, caso o autor não o reformule). 5. Após a aprovação, o autor deverá enviar à EPS no prazo de sete dias úteis uma cópia de seu texto em disquete e outra em papel. A revista não se responsabiliza pela conversão do arquivo. O endereço para o envio do original será fornecido nessa ocasião pela EPS. 6. Direitos autorais: a aprovação dos textos implica a cessão imediata e sem ônus dos direitos autorais de publicação nesta revista, a qual terá exclusividade de publicá-los em primeira mão. O autor continuará a deter os direitos autorais para publicações posteriores. 7. Publicação.

Nota: não haverá banco de arquivos para os números seguintes. O autor que desejar publicar deverá encaminhar seu texto a cada número de *Stylus*.

Serão aceitos trabalhos para as seguintes seções:

Artigos: análise de um tema proposto, levando ao questionamento e/ou a novas elaborações (aproximadamente 12 laudas ou 25.200 caracteres, incluindo referências bibliográficas e notas). *Ensaios*: apresentação e discussão a partir da experiência psicanalítica de problemas cruciais da psicanálise no que estes concernem à transmissão da psicanálise (aproximadamente 15 laudas ou 31.500 caracteres, incluindo referências bibliográficas e notas). *Resenhas*: resenha crítica de livros ou teses de mestrado ou doutorado, cujo conteúdo se articule ou seja de interesse da psicanálise (aproximadamente sessenta linhas – 3600 caracteres). *Entrevistas*: entrevista que aborde temas de psicanálise ou afins à psicanálise (aproximadamente dez laudas ou 21.000 caracteres, incluindo referências bibliográficas e notas). Stylus possui as seguintes seções: ensaios, trabalho crítico com os conceitos, direção do tratamento, entrevista e resenhas; cabe a EPS decidir sobre a inserção dos textos selecionados no corpo da revista.

apresentação dos manuscritos

Formatação: os artigos devem ser enviados por *e-mail*, no mínimo, em arquivo no formato "Word for Windows 6.0/95, 98 ou 2000 (.doc)" à EPS, conforme indicado na homepage da AFCL e endereçados à EPS em tamanho A4, letra Times New Roman, corpo 12, espaço 1,5, margens de 2 cm, lauda do texto em torno de 2.100 caracteres. A primeira lauda do texto original deve conter apenas o título do trabalho, nome completo do autor (se for único) ou dos autores (no caso de co-autoria), biografia(s) e seu(s) respectivo(s) endereço(s) completo(s). As demais páginas (contendo título e texto) devem ser numeradas consecutivamente, a partir de 2.

Ilustrações: o número de figuras (quadros, gráficos, imagens, esquemas) deverá ser mínimo (máximo de cinco por artigo, salvo exceções, que deverão ser justificadas por escrito pelo autor e avalizadas pela EPS) e devem vir em separado em arquivo JPEG nomeados Fig. 1, Fig. 2 e indicadas no corpo do texto o local destas, sucessivamente. As ilustrações devem trazer abaixo um título ou legenda com a indicação da fonte, quando houver.

Resumo / Abstract: todos os trabalhos (artigos, entrevistas) deverão conter um *resumo* na língua vernácula e um *abstract* em língua inglesa contendo de cem a duzentas palavras. Deverão trazer também um mínimo de três e um máximo de cinco palavras-chave (em português) e *key words* (em inglês) e a tradução do título do trabalho. As resenhas necessitam apenas das palavras-chave e *key words*.

Citações no texto: as citações de outros autores que excederem quatro linhas devem vir em parágrafo separado, margem de 2 cm à esquerda (além do parágrafo de 1,25 cm) e 1 cm à direita, tamanho e letra igual ao texto. Os títulos de textos citados devem vir em itálico (sem aspas), os nomes e sobrenomes em formato normal (Lacan, Freud).

citações do texto nas notas

1. As notas não bibliográficas devem ser reduzidas a um mínimo, ordenadas por algarismos arábicos e arrumadas como *nota de rodapé* ou *notas de fim de texto* antes das referências bibliográficas (citadas no corpo do texto);
2. As citações de autores devem ser feitas por meio do último sobrenome seguido do título e ano de publicação do trabalho. No caso de transcrição na íntegra de um texto, a citação deve ser acrescida da página citada;
3. As citações de obras antigas e reeditadas devem ser feitas da seguinte maneira: Kraepelin (1899/1999);
4. No caso de citação de artigo de autoria múltipla, as normas são as seguintes: A) até três autores – o sobrenome de todos os autores é mencionado em todas as citações, usando e ou &, conforme exemplo (Pollo & Rossi & Martielo, 1997). B) de quatro a seis autores – o sobrenome de todos os autores é citado na primeira citação, como acima. Da segunda citação em diante só o sobrenome do primeiro autor é mencionado (Pollo, 1997, p.). C) mais de seis autores – no texto, desde a primeira citação, somente o sobrenome do primeiro autor é mencionado, mas nas referências bibliográficas os nomes de todos os autores são relacionados.
5. Quando houver repetição da obra citada na seqüência da nota, deve vir indicado *Ibid.*, p. (página citada.)
6. Quando houver citação da obra já citada porém fora da seqüência da nota, deve vir indicado o nome da obra, *op. cit.*, p. (*Fetischismus, op. cit.*, p.317).

referências bibliográficas

Os títulos de livros, periódicos, relatórios, teses e trabalhos apresentados em congressos devem ser colocados em *itálico*. O sobrenome do(s) autor(es) deve vir em caixa alta. Para maiores informações, consultar a NBR 6.023 da ABNT.

1. Livros, livro de coleção:
   1.1. Lacan, Jacques. *Autres Ecrits*. Paris: Seuil, 2001.
   1.2. Freud, Sigmund. (1905) Die Traumdeutung. In: *Studienausgabe*. Frankfurt a. M.: S. Fischer, 1994. Band II.
   1.3. Freud, Sigmund. (1905) A interpretação dos sonhos. In:

Edição Standard Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1994. Vol. II.

1.3. LACAN, Jacques. *O seminário - livro 8: A Transferência (1960-1961).* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1992.

1.4. LACAN, Jacques. *O seminário: A Identificação (1961-1962)*: aula de 21 de março de 1962. Inédito.

1.5. LACAN, Jacques. *O seminário: Ato psicanalítico (1967-1968)*: aula de 27 de março de 1968. (Versão brasileira fora do comércio).

1.6. LACAN, Jacques. *Le séminaire: Le sinthome (1975-1976).* Paris: Association freudienne internationale, 1997. (Publication hors commerce).

2. Capítulo de Livro: FOUCAULT, Michel. Du bon usage de la liberté. In: FOUCAULT, M. *Histoire de la folie à l'âge classique* (p.440-482). Paris: Gallimard, 1972.
3. Artigo em periódico científico ou revista: QUINET, Antonio. A histeria e o olhar. *Falo.* Salvador, n.1, p.29-33, 1987.
4. Obras antigas com reedição em data posterior: ALIGHIERI, Dante. *Tutte le opere.* Roma: Newton, 1993. (Originalmente publicado em 1321).
5. Teses e dissertações não publicadas: TEIXEIRA, Angélia. *A teoria dos quatro discursos: uma elaboração formalizada da clínica psicanalítica.* Rio de Janeiro, 2001, 250f. Dissertação. (Mestrado em Teoria Psicanalítica) – Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
6. Relatório técnico: BARROS DE OLIVEIRA, Maria Helena. *Política Nacional de Saúde do Trabalhador.* (Relatório Nº). Rio de Janeiro. CNPq., 1992.
7. Trabalho apresentado em congresso mas não publicado: PAMPLONA, Graça. *Psicanálise: uma profissão? Regulamentável? Questões Lacanianas.* Trabalho apresentado no Colóquio Internacional Lacan no Século. 2001 Odisséia Lacaniana,I, 2001, abril; Rio de Janeiro, Brasil.
8. Obra no prelo: No lugar da data deverá constar (No prelo).
9. Autoria institucional: American Psychiatric Association. DSM-III-R, *Diagnostic and statistical manual of mental disosrder* (3rd edition revised.) Washington, DC: Author, 1998.
10. CD Room – GATTO, Clarice. Perspectiva interdisciplinar e atenção em Saúde Coletiva. *Anais do VI Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva.* Salvador: ABRASCO, 2000. CD-ROM.
11. Home page – GERBASE, Jairo. *Sintoma e tempo*: aula de 14 de maio de 1999. Disponível em: www.campopsicanalitico.com.br. Acesso em: 10 de julho de 2002.

pareceristas do número 11

Ana Laura Prates
Andrea Fernandes
Angela Mucida
Bernard Nominé
Clarice Gatto
Edson Sagesse
Elisabete Thamer
Eugenia Krutzen
Gabriel Lombardi
Graça Pamplona
Henry Krutzen
Katia Botelho
Luís Andrade
Nina Leite
Raul Pacheco

stylus, *m.* 1. (*Em geral*) Instrumento formado de haste pontiaguda. 2. (*Em especial*) Estilo, ponteiro de ferro, de osso ou marfim, com uma extremidade afiada em ponta, que servia para escrever em tabuinhas enceradas, e com a outra extremidade chata, para raspar (apagar) o que se tinha escrito // *stilum vertere in tabulis*, Cic., apagar (servindo-se da parte chata do estilo). 3. Composição escrita, escrito. 4. Maneira de escrever, estilo. 5. Obra literária. 6. Nome de outros utensílios: a) Sonda usada na agricultura; b) Barra de ferro ou estaca pontiaguda cravada no chão para nela se espetarem os inimigos, quando atacam as linhas contrárias.

A psicanálise só toca a sexualidade no que, na forma de pulsão, ela se manifesta no desfile do significante, onde se constitui a dialética do sujeito no duplo tempo da alienação e da separação.

Jacques Lacan,
O Seminário, livro 11,
Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise

O efeito da linguagem é a causa introduzida no sujeito. Por esse efeito, ele não é causa dele mesmo, mas traz em si o germe da causa que o cinde.

Jacques Lacan,
Posição do inconsciente



ISSN 1676-157X